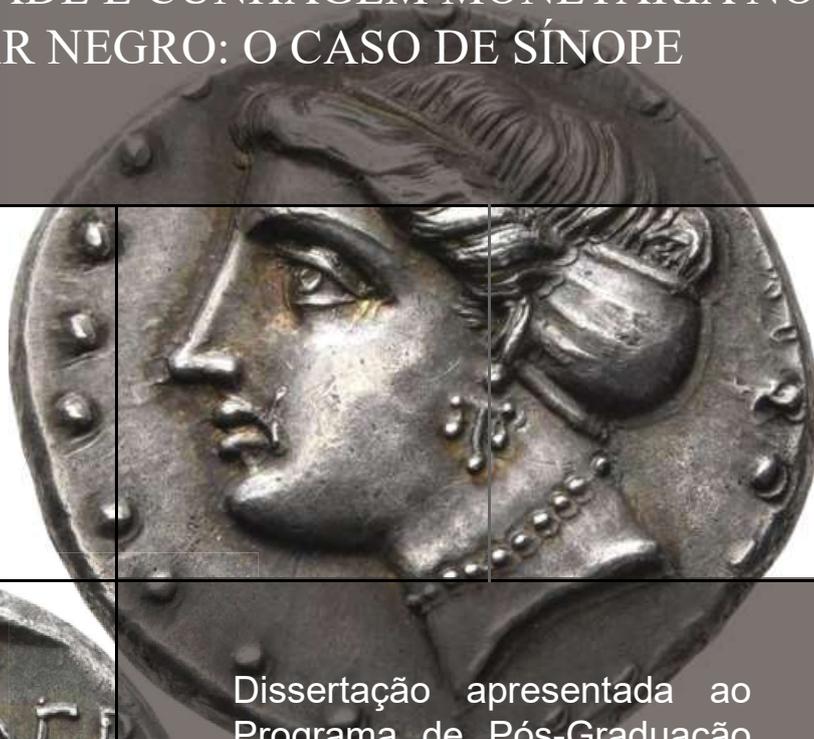


Universidade de São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia

**IDENTIDADE E CUNHAGEM MONETÁRIA NO
MAR NEGRO: O CASO DE SÍNOPE**



Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em Arqueologia, do Museu de
Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo.

Juliane Granusso de Campos

Orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz
Borba Florenzano

São Paulo - 2022

labeca

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

IDENTIDADE E CUNHAGEM MONETÁRIA NO MAR
NEGRO: O CASO DE SÍNOPE (séculos VII-IV a. C.)

Juliane Granusso de Campos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Bratriz Borba Florenzano

Linha de Pesquisa: Espaço e Identidade

São Paulo

2022

JULIANE GRANUSSO DE CAMPOS

IDENTIDADE E CUNHAGEM MONETÁRIA NO MAR
NEGRO: O CASO DE SÍNOPE (séculos VII-IV a. C.)

Versão Corrigida

(A versão original encontra-se na biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Linha de Pesquisa: Espaço e Identidade

Orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano



São Paulo
2022

Aos meus pais, Elaine e Daniel

Em memória de tia Ilar

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro à presente pesquisa de Mestrado, processo número 2019/15371-0, sendo possível minha dedicação total, além da obtenção de material bibliográfico para a condução da pesquisa, e ao CNPq pelos meses iniciais de bolsa.

Agradeço à Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano pela paciência e entusiasmo com minha pesquisa. Seu fascínio pela numismática me fez também brilhar os olhos ao ver esses pequenos discos de metal, e seu otimismo me manteve firme e com os pés no chão principalmente na etapa final da pesquisa.

Agradeço ao Labeca (Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga) e ao grupo de pesquisa CNPq Numismática Antiga, pelas discussões temáticas essenciais para o desenvolvimento do pesquisador. Em especial ao Geovani, que comigo enfrentou a prova de mestrado e tudo que veio depois.

Em anos atípicos, onde uma pandemia nos obrigou a permanecer em isolamento social, e nossas aulas e eventos foram cancelados ou conduzidos apenas on-line, nos primeiros meses desse mestrado pude realizar uma disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Alex Martire, a quem sou grata por apresentar de forma leve e divertida possibilidades tão maravilhosas para a arqueologia, não só para a pesquisa, mas também para a educação, e por sempre finalizar seu conteúdo nos assegurando que somos capazes! Sua disciplina me marcou não só pelo uso de ferramentas digitais e pela oportunidade de aprender modelagem 3D, que me fascinaram, mas também por trazer colegas que me acompanharam durante essa jornada de mestrado, a elas – Thaiane, Ana e Amanda, também minha gratidão.

Esse mestrado é a realização de um sonho que cultivei desde criança. À essa criança que fui agradeço pela persistência e pela curiosidade que me trouxeram até aqui e me fizeram quem eu sou.

Aos meus pais agradeço o apoio e a confiança, e principalmente a coragem de me enviar para o outro lado do globo em dois sítios-escola em Sozopol, na Bulgária. Foram esses sítios que me despertaram para a pesquisa no Mar Negro.

As idas e vindas de Limeira à São Paulo só foram possíveis graças ao carinho e acolhimento da minha querida tia-avó Ilar, uma mulher única cuja perda foi muito sentida.

Agradeço o carinho e o apoio dos amigos, do meu irmão Daniel Augusto, da minha irmã de coração Natalia e dos meus sogros Telma e Mauro.

Por fim, agradeço ao Jonas, meu maior companheiro, melhor amigo, e amor que preenche meus dias, por ter me acompanhado em todas as etapas dessa jornada, desde minha graduação, por ser minha fonte de energia, por estar sempre atizando meus neurônios com as mais diversas conversas, por nunca ter me deixado desistir, e por cuidar de mim quando preciso.

Ce toit tranquille, où marchent des colombes,
 Entre les pins palpite, entre les tombes;
 Midi le juste y compose de feux
 La mer, la mer, toujours recommencée!
 Ô récompense après une pensée
 Qu'un long regard sur le calme des dieux!
 (...)

Le vent se lève!... Il faut tenter de vivre!
 L'air immense ouvre et referme mon livre,
 La vague en poudre ose jaillir des rocs!
 Envolez-vous, pages tout éblouies!
 Rompez, vagues! Rompez d'eaux réjouies
 Ce toit tranquille où picoraient des focs!

Le cimetière marin – Paul Valéry (1920)

RESUMO

CAMPOS, Juliane Granusso de. **Identidade e Cunhagem Monetária no Mar Negro: O caso de Sínope (séculos VII-IV a. C.)**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Esta pesquisa propõe investigar o desenvolvimento da identidade grega expressa no artefato moeda, proveniente da apoikia nomeada Sínope, estabelecida por milésios no litoral sul do Mar Negro. Aqui nos dedicamos a compreender melhor as articulações culturais provenientes dos encontros entre gregos e não gregos, e a influência dos contatos interculturais no desenvolvimento de identidades expressas na cunhagem monetária, no intervalo correspondente aos períodos Arcaico e Clássico, entre os séculos VII-IV a. C. Consideramos que Sínope era ambiente de recepção de diversas culturas para a realização principalmente de trocas de produtos. A pólis adota a cunhagem monetária e delimita em suas moedas a identidade local, e, apesar de sobretudo grega, recebe influências externas e as absorve à sua maneira, resultando em um conjunto único de tipos monetários nas cunhagens de Sínope. Através da análise do contexto histórico de Sínope e dos tipos monetários cunhados em anverso e reverso, buscamos compreender a identidade expressa pela pólis em suas moedas.

PALAVRAS-CHAVE: Numismática, Sínope, Mar Negro, apoikia, Identidade

ABSTRACT

CAMPOS, Juliane Granusso de. **Identity and Monetary Mint in the Black Sea: The case of Sinope (VII-IV b. C.)**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

This research aims to investigate the development of the Greek identity expressed in the coin artifacts from the *apoikia* named Sinope, established by Milesians on the southern coast of the Black Sea. Here we are dedicated to better understanding the cultural articulations arising from the encounters between Greeks and non-Greeks, and the influence of intercultural contacts in the development of identities expressed in the coinage, in the interval corresponding to the Archaic and Classical periods, between the VII-IV centuries BC. We consider that Sinope was a reception environment for different cultures, mainly for the exchange of products. The polis adopts the coinage and delimits the local identity in its coins, and, despite being mainly Greek, it receives external influences and absorbs them in its own way, resulting in a unique set of monetary types in Sinope's coinage. Through the analysis of the historical context of Sinope and the monetary types minted in obverse and reverse, we seek to understand the identity expressed by the polis in its coins.

KEYWORDS: Numismatics, Sinope, Black Sea, *apoikia*, Identity

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Ásia Menor/Anatólia	13
Figura 2 – Rotas provenientes da Anatólia em direção ao Egeu	18
Figura 3 – Mapa do Egeu localizando Mileto, Didyma e regiões adjacentes	22
Figura 4 – Templos e santuários de Mileto	26
Figura 5 – Mapa do Mar Negro e suas apoikias	31
Figura 6 – Mapa do Mar Negro com suas correntes marítimas e rotas de exportação	36
Figura 7 – Mapa topográfico de Sínope e regiões adjacentes	37
Figura 8 – Mapa do Mar Negro com grupos da Idade do Bronze e do Calcolítico	39
Figura 9 – Tabela cronológica das ocupações humanas na área de Sínope	41
Figura 10 – Mapa do Sudeste do Mar Negro	54
Figura 11 – Brinco de disco na cunhagem de Sínope	83
Figura 12 – Variações de brincos em moedas de Sínope	84
Figura 13 – Colares nas moedas de Sínope	84
Figura 14 – Aphlaston na cunhagem de Sínope	85
Figura 15– Aphlaston visto na cunhagem de Alexandre, o Grande	86
Figura 16– Aphlaston visto na cunhagem Korykos	86
Figura 17 – Entalhe de embarcação grega	87
Figura 18 – Recorte moeda n. 1	88
Figura 19 – Recorte moeda n. 6	89
Figura 20 – Recorte moeda n. 33	89
Figura 21 – Recorte moeda n. 35	89
Figura 22 – Selos de ânforas de Sínope	91
Figura 23 – Águia sobre lebre representada em armadura trácia	92
Figura 24 – Ortostato hitita do século XII a.C.	94
Figura 25 – Recorte de ortostato hitita do século XII a.C.	95
Figura 26 – Placa de ouro em formato de peixe decorada com motivos citas	96
Figura 27 – Placa de ouro	96
Figura 28 – Fragmento de peitoral	97
Figura 29 – Cabeça de águia cita	98

Figura 30 – Peça em formato de golfinho proveniente de Olbia	98
Figura 31 – Recorte da moeda n. 42	100
Figura 32 – Recorte da moeda n. 43	101
Figura 33 – Lécito de cerâmica	102
Figura 34 – Recorte do lécito de cerâmica I	103
Figura 35 – Recorte do lécito de cerâmica II	103
Figura 36 – Peliké ática	104
Figura 37 – Relevo de sarcófago	104
Figura 38 – Urna cinerária etrusca	105
Figura 39 – Estátua de Afrodite	107
Figura 40 - Anverso moeda n. 41	113
Figura 41 – Águias nas moedas de Sínope	114
Figura 42 – Anverso moeda n. 21	114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – MILETO E O IMPULSO À EXPANSÃO	16
CAPÍTULO 2 – SÍNOPE	34
CAPÍTULO 3 – REPERTÓRIO DE MOEDAS	57
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE MATERIAL	80
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA	121

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe investigar o desenvolvimento da identidade grega expressa no artefato moeda, explorando as formas de contato entre gregos provenientes da pólis de Mileto, no litoral do Mar Egeu, que se assentaram no litoral sul do Mar Negro, estabelecendo a apoikia nomeada Sínope. Nos dedicamos a compreender melhor as articulações culturais provenientes dos encontros entre gregos e não gregos, e a influência dos contatos interculturais no desenvolvimento de identidades expressas na cunhagem monetária, no intervalo correspondente aos períodos Arcaico e Clássico, entre os séculos VII-IV a. C.

A adoção da moeda cunhada representa uma grande mudança na articulação das relações sociais, culturais, não somente políticas e econômicas de um povo (FLORENZANO, 2004) e, desse modo, nossa reflexão dirige-se, portanto, a como essas articulações se davam em Sínope, na Paflagônia, região ao norte da Ásia Menor, sendo uma das mais influentes pólis do Mar Negro. Aqui, usando a história de sua metrópole Mileto e a cunhagem de demais pólis gregas como *comparanda*, refletiremos acerca do desenvolvimento de uma identidade própria da pólis de Sínope que reflete os contatos com demais culturas que por ali passavam em suas rotas de trocas. Durante o período Arcaico, após a consolidação da cidade, ela passa a se desenvolver através de uma economia fortemente voltada para o mar, envolvendo-se cada vez mais nas transações marítimas do Mar Negro ao longo do período Clássico (DOONAN, 2016), principalmente através da costa noroeste, com a Anatólia e Trácia, e pela península da Crimeia (STOYANOV, 2012). As moedas são remanescentes oficiais, emitidos e certificados de seu poder de troca pelas autoridades da pólis, que circularam entre as demais cidades com as quais Sínope mantinha suas relações de trocas.



Figura 1 – Mapa da Ásia Menor/Anatolia

Imagem retirada de:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d0/RegionesDeAsiaMenor.svg/400px-RegionesDeAsiaMenor.svg.png> (Acesso em 29/12/20)

Consideramos que Sínope era ambiente de recepção de diversas culturas para a realização principalmente de trocas de produtos. Ao mesmo tempo que a pólis grega adota a cunhagem monetária e têm a necessidade de delimitar em suas moedas a identidade local, essa identidade também se transforma, e, apesar de sobretudo grega, recebe as influências externas e muitas vezes as absorve à sua maneira. Autores como Irad Malkin (2012) e Jonathan M. Hall (2002) escreveram obras completas sobre os processos de trocas culturais e seus efeitos na construção do homem grego e suas particularidades. Enquanto Hall trabalha com os documentos escritos, Malkin se aprofunda na cultura material. Hall define “etnicidade” como “a autoconsciência de pertencer a um grupo étnico (“identidade étnica”) quanto o processo dinâmico que estrutura e é estruturado por grupos étnicos em interação social uns com os outros”, sendo um grupo étnico “uma coletividade social auto atributiva e automeada que se constitui em oposição a outros grupos de ordem semelhante” (2002, p. 9). O autor diz ainda que, apesar das características mais facilmente notadas como a religião, as semelhanças biológicas, a língua e a cultura, essas não são o que definem um grupo

étnico. Para ele, os elementos centrais que formam um grupo étnico são “uma suposta assinatura de um mito de descendência e parentesco comuns, uma associação com um território específico e um senso de história compartilhada”, não sendo esses grupos estáticos, mas possuidores de “um amplo repertório de identidades e papéis sociais que adotam em circunstâncias variadas e para objetivos e propósitos específicos” (IDEM, p. 10).

Já os *clusters* de que fala Malkin (2012), e suas sobreposições causadas pelas relações de trocas entre gregos e gregos ou gregos e não-gregos, explicam a articulação da identidade de uma pólis de acordo com seu local geográfica e suas relações econômicas e culturais. Assim, Sínope é, acima de tudo, **grega**. Carrega uma ligação com a **Jônia**, de onde vieram seus colonos, que, assim como ela, se localizam na **Anatólia**. Mas sua costa não é no Egeu como a de Mileto, mas sim no **Mar Negro**, onde tantos outros povos se encontram, mais especificamente na **Paflagônia**. Sínope enquanto negocia com os habitantes locais, realiza trocas com os trácios na costa oeste do Mar Negro, bem como com as demais pólis, em constante dinâmica. Todos esses “tipos de identidade coletiva” coexistem e interagem em Sínope (MALKIN, 2012, p.19), articuladas como um *cluster*, sendo passíveis de transformação ao longo do tempo.

Nesse sentido, as moedas vão além da expressão de valor, elas são, como define Florenzano (2019, p. 38) “um disco de metal, com peso definido e com imagens gravadas nos dois lados (ou às vezes – principalmente no caso das primeiras moedas – em apenas um lado)”. A troca de produtos já acontecia sem a existência das moedas, porém, Howgego (1995, p. 16) aponta para uma difusão da cunhagem dentro da cultura competitiva das pólis, onde a afirmação da identidade cívica passa a ser expressa também na produção de moedas ornamentadas. Como um fenômeno **grego**, as moedas estão presentes nas pólis com os mais diversos tipos monetários, que ganharam complexidade no trabalho do cunho ao longo dos anos que seguiram sua criação e adoção em larga escala. Se a pólis é uma democracia, a moeda deve exprimir a coletividade, mas é escolhida por uma autoridade (MARQUES, 1982). Esses tipos monetários, ou seja, essas imagens gravadas no disco de metal, deveriam ser facilmente reconhecidas pelo que eram e de onde pertenciam (KRAAY, 1976, p. XXI), e assim

servirem como um meio de troca. Esses significados foram perdidos com o tempo e cabe à arqueologia e à numismática resgatá-los. A relação entre quem emite e quem usa, a mensagem que se deseja passar e como ela contempla o usuário possuía importância tal que, mesmo sendo reguladas pelo governo vigente, os persas quando dominaram parte do mundo grego, como veremos mais adiante, colocaram sua inscrição nas moedas de Sínope, mas mantiveram as imagens gregas cunhadas pela cidade.

Diversos estudos acerca da cultura, política e principalmente da economia de Sínope foram já publicados desde o início do século XIX. As moedas batidas por Sínope são igualmente parte de catálogos numismáticos e coleções particulares. Apesar disso, percebemos que nenhum estudo havia ainda confrontado os achados numismáticos com o atual debate acerca dos mitos de origem e o desenvolvimento de Sínope nos períodos Arcaico e Clássico. Para entendermos a identidade de Sínope e suas transformações, é necessário a percepção sensível do contexto em que a pólis se insere (STEIN, 2005), seu papel como apoikia, suas interações com grupos locais e grupos que passavam pela pólis através de rotas de trocas, suas atividades no Mar Negro, e os simbolismos que permeavam os gregos e a região do Euxino como um todo.

Aqui, no Capítulo 1 faremos um caminho que perpassa o impulso de Mileto em direção ao Mar Negro, assentando apoikias por toda costa, sua cultura e religião. Já no Capítulo 2 falaremos sobre o desenvolvimento de Sínope, seu papel no Mar Negro, também a cultura e religião carregada pelos gregos e que entra em contato com seus vizinhos. No Capítulo 3 encontram-se nossos repertórios de moedas divididos entre moedas de Sínope e repertório de referências. Até chegarmos, por fim, à análise das moedas cunhadas em Sínope como um produto de sua trajetória no Capítulo 4, seguido das Considerações Finais no Capítulo 5. Todas as traduções de trechos originalmente em língua estrangeira foram feitas por nós, e constam aqui em português. As imagens foram retiradas de livros, artigos, sites e catálogos online. Algumas imagens retiradas de livros e artigos encontram-se com uma resolução baixa devido a sua proveniência. As traduções e edições de mapas também foram feitas pela autora.

CAPÍTULO 1 – MILETO E O IMPULSO À EXPANSÃO

1.1. OS GREGOS E O LESTE

Para entendermos o desdobrar dos acontecimentos nos períodos de nosso recorte cronológico – o Arcaico e o Clássico, precisamos compreender antes algumas influências e contatos precedentes. Nesse sentido, quando se trata de uma colônia no Mar Negro há a necessidade de olhar primeiro para sua metrópole, no caso de Sínope estamos falando de Mileto. Sua posição geográfica na Ásia Menor também leva nossa investigação a explorar a presença principalmente hitita, cita, ciméria, frígia e lídia na região, e como os gregos se articularam em meio a tantos povos e conflitos que eclodiam e cessavam ao seu redor.

A Ásia Menor, ou Anatólia, abrigou a ascensão e queda do Império hitita, a respeito do qual documentos em forma de tabletes atestam a influência pela vasta extensão do que hoje conhecemos como Turquia e Norte sírio. Apesar dos muitos monumentos hititas espalhados principalmente pela região central da Turquia, e que podem ser acessados através da plataforma *Hittite Monuments*¹, algumas localizações mencionadas nos tabletes ainda estão sob investigação. Uma delas é *Millawanda*, mencionada nos tabletes como *Milawata* e *Tawagalawa*, datados por volta de 1240-1250 a.C. Ambos documentos atestam conflitos políticos e territoriais entre governantes designados pelo rei hitita, mencionando localizações geográficas de cidades que faziam parte do Império, algumas cujos remanescentes até os dias atuais não puderam ser encontrados nem por arqueólogos ou fortuitamente. Assim, por meio da interpretação de tais documentos, *Millawanda* foi considerada potencialmente como a grega Mileto (BRYCE, 1985), colocando os jônios pela primeira vez a ocupar um território antes hitita, ao que retornaremos mais adiante ao tratar do assentamento de Sínope. Em publicação de referência acerca da história de Mileto – *Miletos, The Ornament of Ionia*, Vanessa B. Gorman aponta que a cidade já era habitada por gregos quando a maior parte da Ásia Menor caiu sob o domínio dos hititas. Segundo a autora, de sua capital em

¹ <https://www.hittitemonuments.com/> (Acesso em 06/04/21)

Hattusa o rei hitita governou um império que se estendia do norte da Síria ao oeste da Anatólia, sendo Mileto a conectora através do vale do rio Meandro (GORMAN, 2001). Os milhares de tabletas de argila entalhados com a escrita cuneiformes que foram desenterradas no local de Hattusa, como os de *Milawata* e *Tawagalawa*, são citados pela autora como documentos “que parecem indicar que nos séculos XIV e XIII”, a cidade “Mileto passou de um lado para outro entre o controle micênico e hitita” (p. 27).

Infelizmente, um dos grandes problemas nos estudos de remanescentes e da história da Anatólia, e conseqüentemente da influência e vastidão do Império hitita e das demais culturas presentes na região durante o segundo milênio a.C. é a falta de escavações e publicações, como apontado por Pavúk (2015). A porção oeste da Anatólia é um ponto importante de conexão com os povos provenientes do Leste, não somente hitita, mas aqueles vindos da Mesopotâmia e do Império assírio, bem como posteriormente dos persas. Ligados por rotas terrestres com a Anatólia central e por rotas marítimas com o Egeu, os assentamentos se comunicavam. Tal comunicação pode ser observada nas técnicas utilizadas para fabricação da cerâmica, as quais, acredita-se, foram disseminadas sob influências das rotas de comunicação hititas (PAVÚK, 2015). A região costeira onde se acredita estar localizada *Millawanda* faz parte de um dos destinos finais das rotas hititas, comunicando-se diretamente com as ilhas no Mar Egeu e, portanto, com as culturas minoica e micênica (IDEM, p. 98).

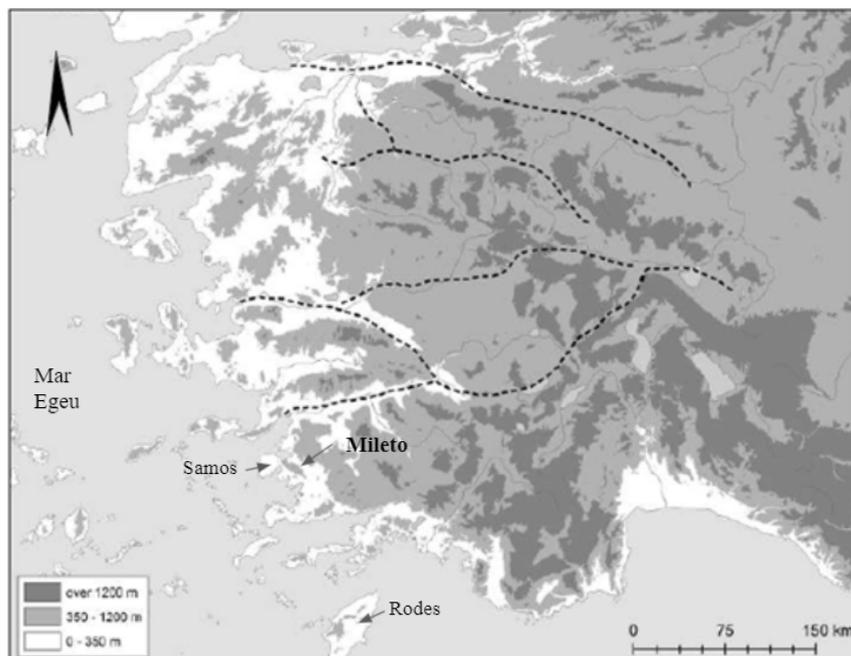


Figura 2 – Rotas provenientes da Anatólia em direção ao Egeu

Na figura acima está detalhado como a geografia do oeste da Anatólia pode favorecer determinadas rotas terrestres que desembocavam no Mar Egeu. Imagem retirada de PAVÜK, 2015, p. 31 (edição nossa).

Mapa apresentado por Pavúk (2015, p. 91) e editado por nós indica algumas das possíveis rotas vindas da Anatólia central e com destino ao Egeu, baseando-se nas características geográficas, bem como na rota real persa e nas estradas romanas. Na antiguidade as rotas foram em grande parte determinadas pelas características geográficas que variam de local para local, dos ventos e das correntes, consequentemente determinando locais de ancoragem, onde era comum eventualmente um assentamento ser estabelecido e ocorrer movimentação humana (MALKIN, 2011, p. 21). Essas rotas são chamadas por Malkin “*in place networks*”, caracterizadas por um caminho determinado geograficamente e por práticas humanas de tempos imemoriais (IDEM). Devido aos seus determinantes geográficos, essas rotas tendem a persistir mesmo que os assentamentos sejam destruídos e reconstruídos por diferentes povos, como teria ocorrido com *Millawanda*/Mileto e, como veremos mais adiante, Sínope.

Já no início do período Arcaico podemos observar uma série de migrações, não somente gregas, mas também de povos como os cimérios vindos do norte do Mar Negro, que, entrando em conflito com os hititas, provocaram o declínio de seu império.

A partir do declínio hitita na região outros povos em movimento começam a ocupar o centro-oeste da Anatólia, como é o caso dos frígios, que são descritos por Boardman (1999, p. 26) como herdeiros do Império hitita. Já os lídios estavam assentados entre a costa oeste no Egeu e a região central da Anatólia, assim, eles entraram em conflitos por diversas vezes com frígios e gregos pelo domínio territorial e hegemonia na Ásia Menor. É ainda no período Arcaico que se estruturam as pólis e emergem os cultos pan-helênicos, os oráculos e a arquitetura monumental, e convenções artísticas se popularizam. Assim, nessa conjunção os gregos se reconhecem em suas características comuns (MALKIN, 2011, p.5). Vale ressaltar que apesar de frequentemente ser adereçada como ponte entre o Leste e o Oeste, a Anatólia não é estática. Além dos já citados povos, a região era permeada por pequenas vilas nem sempre ligadas a esses grandes impérios, principalmente durante o período inicial de presença grega na região (GREAVES, 2007; PAVÚK, 2015). As redes de trocas que formam pólis e demais assentamentos locais, espalhados por todo território por onde os gregos se estabeleceram, formam aglomerados (“*clusters*”) entre gregos e não gregos que se sobrepõem e podem resultar em trocas pan-Mediterrânicas ou sincretismos religiosos (MALKIN, 2011, p.17), como ocorreu com o culto de Cibele, como veremos a seguir; Hecate, divindade cária adotada por pólis na Ásia Menor; ou Serapis, deus egípcio adotado em algumas pólis como em Sínope.

Também povos assentados na costa norte do Mar Egeu, como, por exemplo, os trácios desempenhavam nesse período importante papel no fornecimento de matéria prima e de influências culturais para os gregos, não só no oeste do Bósforo, mas também na Anatólia. O culto de Cibele é um exemplo de laços entre Trácia e Anatólia, santuários dedicados à deusa nas duas regiões seguem os mesmos padrões arquitetônicos (VASILEVA, 2005), tal culto vai aos poucos sendo incorporado por algumas pólis e persistirá até o período de dominação romana. Da mesma forma, a cerâmica estampada é reveladora dos contatos entre a Trácia e a Anatólia, sobretudo em vista das semelhanças de design (VASILEVA, 2001). A imagética dos citas e cimérios provenientes do norte do Mar Negro se encontra com trácios e gregos através das rotas e invasões tanto na Anatólia quanto na Trácia (IDEM).

Enquanto isso, os impérios Assírio e Aquemênida se desenvolviam e expandiam, o primeiro ao norte da Mesopotâmia e o segundo, mais conhecido pelo nome dado pelos gregos – persa, na Ásia central. Entre a tentativa de domínio do império assírio durante o século VII a.C. e o domínio persa no século V a.C., os gregos vão aos poucos se estabelecendo em diversos pontos costeiros da Anatólia, seja na costa do Egeu ou do Mar Negro, onde recebem essas influências trazidas do Oriente e, por vezes, também filtradas através de lídios, trácios e demais populações locais. É em sua comparação com o Outro que o grego se encontra e estabelece uma identidade própria. Mesmo quando aderindo à traços culturais e materiais de influências externas trazidas por meio das trocas, o grego traduz estes estímulos à sua maneira, conferindo seu jeito, sua identidade comum (MALKIN, 2011), construindo sua identidade.

1.2. OS MILÉSIOS

1.2.1. Construção do assentamento

Mileto se situa na costa da Anatólia do Mar Egeu na península milésia, no delta do rio Meandro (ou *Büyük Menderes*). Rubinstein descreve Mileto como composta por quatro partes: a própria Milésia, ou seja, a península de calcário na qual a cidade estava situada em seu lado norte; o monte Grion, localizado no leste da península; o vale do rio Meandro; e as ilhas milesianas de Leros, Patmos, Lade, Pharmakoussa e provavelmente também Lepsia. Além disso, o poder político de Mileto também se estendia por outras regiões do Meandro, bem como por Didyma, onde se localizava o oráculo de Apolo (2004, p.1082).

A pólis de Mileto está ao sul nessa região nomeada Jônia e próxima à região da Cária. Conta Heródoto (1.142-47) que a Jônia foi assentada por atenienses que teriam colonizado a região criando doze cidades, para as quais levaram consigo a celebração da Apatúria – festival anual. Os atenienses são também chamados de jônicos por Heródoto (1.56), evocando essa história de fundação de Mileto como um assentamento ateniense (RUBINSTEIN, 2004). Outros assentamentos foram fundados na Jônia por oikistas que não atenienses, porém a região acabou levando o nome daqueles grupos mais numerosos. Já Gorman oferece a interpretação de outra história, contada por Pausânias,

onde os milésios diziam que sua cidade fora fundada por Anax e Asterios, que eram pai e filho nativos da Anaktoria – nome com o qual se dirigiam a região da Milésia. A história do mito continua, então, com a ocupação do assentamento pelo herói epônimo Mileto, que, juntamente com o exército cretense, fugiam do rei Minos quando resolveram se estabelecer na antes Anaktoria de Anax e Asterios, se juntando com os cários que já ocupavam o local (GORMAN, 2001, p.14-15).

O relato de Pausânias visitado por Gorman é considerado pela autora como problemático e pouco claro quanto à existência ou mera invenção dos nomes dos fundadores Anax e Asterios. Até mesmo a crença de que os cários são nativos da Anatólia é posta em xeque já que as evidências arqueológicas apontam 1) para um processo migratório desse povo, que teriam migrado de outra região ainda não identificada para a Cária; e 2) para um tipo de assentamento muito diferente dos cários existente antes de 2.300 a.C. e que após esse período desaparece nos registros (IDEM, p. 16).

Para antes do estabelecimento dos assentamentos gregos na região da península milésia foi registrada ocupação desde o período Calcolítico, representando uma região de conexão entre a Anatólia central e o Mar Egeu. Greaves (2002) relata que as escavações até hoje realizadas no sítio do Templo de Atena (Fig. 4) em Mileto, apontam para três fases de ocupação entre o fim do período Calcolítico e a primeira metade da Idade do Bronze. Para Greaves essas rotas entre o vale do Meandro (Fig. 3) e o Egeu nesse período teriam garantido às populações do Egeu os suprimentos de metal que não conseguiam obter nas ilhas (GREAVES, 2002, p. 45 e 71).

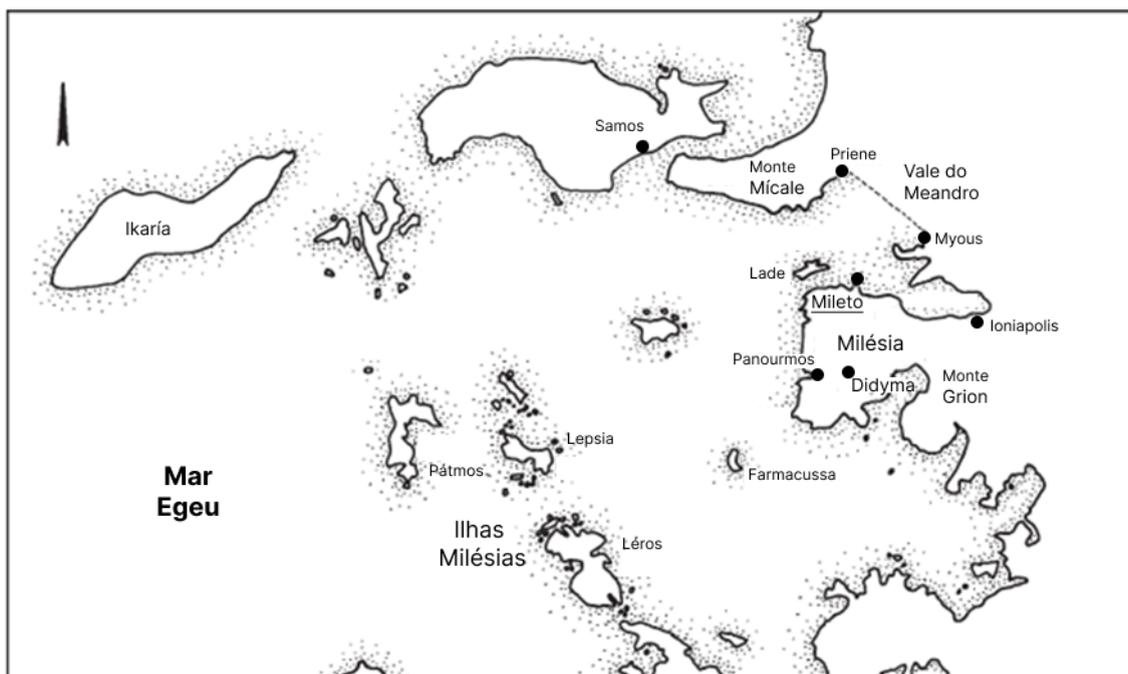


Figura 3 – Mapa do Egeu localizando Miletos, Didyma e regiões adjacentes

(Retirado de GREAVES, 2002, p. 2 – Edição e tradução nossa)

Como citamos acima, o primeiro assentamento grego é considerado por Gorman como micênico, teoria confirmada pela presença de cerâmica micênica. Porém, assim como o Império hitita enfrentou conflitos e declínio, os assentamentos micênicos no Peloponeso também estavam sendo destruídos e abandonados, e assim também se passa com os assentamentos na Ásia Menor (GORMAN, 2001, p.31). Ali, nos sítios do templo de Atena (Fig. 4) e Porto do Teatro (Fig. 4) Greaves observou outros três níveis, onde no fim da Idade do Bronze (c. I milênio a.C.) os remanescentes apresentavam uma influência da cultura minoica no primeiro nível, influências micênicas no segundo nível e hitita no terceiro nível (GREAVES, 2002, p. 48), entrando em concordância com a teoria de *Millawanda* que mencionamos anteriormente. Além dos tabletas hititas que referenciam sua presença na Península da Milésia, fragmentos de cerâmica com iconografia tradicional e uma muralha em arquitetura hitita foram escavados (IDEM, p. 59-63), o que mostra que se não um assentamento do Império ou controlado por eles, ao menos um consumo de influências hititas havia. Ao mesmo tempo, datando do primeiro milênio a.C., foram encontrados fragmentos de cerâmica em estilo micênico, além de algumas terracotas representando animais (IDEM, p. 64). Tais redes de trocas colocam

os gregos em contato com o Leste e os trazem para a Anatólia como um local promissor para o comércio e a obtenção de matérias primas. Sobre a cidade de Mileto, Greaves diz que, durante o período Geométrico (c. 900 a 750 a.C.), “o assentamento cresceu e sua cultura material reflete o aumento dos contatos com o Leste e o Oeste” (2002, p. 76, tradução livre).

Quando em conflito com os persas, os laços entre Atenas e Mileto são lembrados por Heródoto que considera adequado o auxílio e a cooperação entre as pólis:

Depois de ter chegado à presença do povo, Aristágoras começou a dizer as mesmas coisas que em Esparta sobre as riquezas que existiam na Ásia e o estilo de guerra da Pérsia, como não usavam escudo nem lança e que facilmente seriam colocados em suas mãos. E, de fato, ele [o milésio Aristágoras] dizia essas palavras para eles [atenienses], que **os milésios eram colonos dos atenienses e que, como era razoável, eles os protegeriam porque eram em muito poderosos (...)** (negrito nosso)

Heródoto 5.97

A conexão das duas cidades por essa história em comum a respeito da qual contam as fontes escritas é sustentada pelas semelhanças linguísticas entre os dialetos ático e jônico, bem como pelo calendário de Mileto e Atenas que seguem ambos doze meses lunares com nomes semelhantes e na mesma ordem (GORMAN, 2001, p.37).

1.2.2. Mileto, os Persas e a intervenção de Atenas

A Jônia vivia em constantes atritos com seus vizinhos lídios que pretendiam ampliar seu império através da conquista dos demais povos presentes na Anatólia. O projeto de conquista das pólis gregas da Jônia é iniciado por Giges c. de 680-645 a.C., e seu domínio se estende até a conquista persa em 546 a.C. do império lídio (RUBINSTEIN, 2004, p.1057). Com a queda dos lídios, os gregos são agora alvo das investidas persas.

Mileto era a principal potência política e cultural por trás da revolta jônica contra a Pérsia, sua destruição após uma batalha marítima e terrestre em 494 a.C. marca uma queda definitiva em seu status como potência entre as pólis na Ásia Menor (HERDA, 2019b, p. 91; GORMAN, 2001, p.13). Por volta de 499 a.C. as cidades da Jônia já haviam sido conquistadas pela Pérsia, e Mileto e as demais pólis na região prestavam contas aos sátrapas e aos tiranos escolhidos por eles para governá-las. A revolta que eclode é descrita por Herda como o momento em que uma megacidade como Mileto, de cerca de 50 a 60 mil habitantes, é destruída e ocupada pela ação conjunta de persas e fenícios que, além de superarem os milésios em números, também obtiveram vantagem contra Mileto ao conseguirem que Samos traísse seus companheiros gregos para salvar-se (HERDA, 2019a). Mileto foi completamente destruída e seu território, conhecido como *Milésia*, ocupado pelos persas (GORMAN,2001, p. 129).

A ocupação do Império persa perdurou por quinze anos quando Mileto entra para a Liga Ática-Deliana e, com o auxílio dos atenienses, venceu os persas e retomou sua cidade. Porém, apesar dos esforços e da reconstrução da pólis, Mileto não consegue retomar seu brilho e passa a ser governada por Atenas, a qual ascende como poder dominante da Grécia (HERDA, 2019b, p. 92; GORMAN, 2001, p. 129). Tais acontecimentos são narrados por Heródoto e certos aspectos confirmados pela arqueologia. Greaves defende que em casos como o de Mileto, em que a arqueologia ainda revelou pouco sobre o período Arcaico da pólis, as fontes literárias e epigráficas devem ser combinadas cuidadosamente para a reconstrução dos eventos (GREAVES, 2002, p. 74-75), formando um panorama geral a partir do cruzamento de fontes.

Como membro da Liga de Delos, Mileto contribuiu com soldados hoplitas para as expedições de Atenas. Já entre 412 e 405 a.C., Mileto se revolta contra Atenas e, com a ajuda de Esparta e dos peloponesios, consegue derrubar o governo democrata ateniense em sua pólis e reganhar sua independência (RUBINSTEIN, 2012, p.1085/86). Mileto aos poucos reconquista um pouco de sua prosperidade econômica, sem nunca deixar de emitir moedas, diferente de outras pólis da Jônia que passaram por períodos sem emissão após a guerra contra os persas (HERDA, 2019b).

Aparte do contexto político ao qual Mileto teve de se contentar, a reconstrução física da cidade imitou a malha urbana que havia sido destruída pelos persas, porém deixando propositalmente determinados postos destruídos, como por exemplo o Templo de Atena. A não reconstrução fazia parte de um juramento entre os jônios e pretendia que esses locais em ruínas servissem como memorando dos danos causados pela guerra contra os persas (RUBINSTEIN, 2012; HERDA, 2019b).

1.3. TEMPLOS E CULTOS

Mileto era conhecida pelo culto dedicado ao deus Apolo, contando inclusive com um oráculo e santuário em Didyma, localizada a 20km de Mileto e cujo trajeto era considerado sagrado, marcando o calendário de Mileto com uma procissão anual proveniente da pólis em direção a Didyma (HERDA, 2016; GORMAN, 2001, p. 186-187). A prática de culto a Apolo se estendeu também por suas colônias, onde podemos observar sua manifestação em templos, estatuária, cunhagens monetárias e até mesmo na designação de algumas dessas colônias, como Apolônia Pôntica, na costa oeste do Mar Negro. Porém, Apolo não foi o único deus ali cultuado: templos dedicados à sua irmã Ártemis, Dioniso, Demeter, Atena, e a Afrodite foram identificados em escavações e datados do período Arcaico. Também Posidão parece ter sido cultuado em Mileto em vista de um altar a ele dedicado encontrado na cidade. Outros locais de culto são relatados em evidências epigráficas, porém ainda não descobertos por arqueólogos, dentre eles o santuário de Hermes e das ninfas, o culto a Zeus *Dynamis* – personificação do poder – e Hécate (GREAVES, 2002, p. 82-86), uma divindade de origem cária cujo culto se torna difuso pela Anatólia.



Figura 4 – Templos e santuários de Mileto

Na imagem, templos e santuários escavados em Mileto datados do período Arcaico da pólis. Retirado de GREAVES, 2002, p.83. Edição e tradução nossa.

Além de Apolo, o culto a Afrodite também se destaca na pólis. Em seu santuário periurbano foi identificado o epíteto *Oikus* – provavelmente referente a um local dentro do território de Mileto. Os artefatos encontrados nas escavações dos santuários de Didyma e de Naucratis, apoikia grega localizada no Egito e onde Mileto possuía grande influência (MALKIN 2011, BOARDMAN, 1999), revelaram conexões entre o culto dessa deusa em Mileto e no delta do Nilo (GREAVES 2002, p.82). Greaves aponta que o culto a Afrodite, assim como o de Apolo, também foi amplamente difundido entre as colônias de Mileto, onde seus epítetos sugerem a conexão de sua identidade como uma deusa do mar. Em artigo para a revista *Anatolian Studies* do *British Institute at Ankara*, Greaves considera que os cultos são a ligação mais importante que se pode traçar entre

uma apoikia e sua metrópole (2004); eles são parte da cultura e da prática social levadas pelos indivíduos e compõem o que se tornou o pan-helenismo, a forma como mesmo em lugares distantes as pólis eram capazes de se comunicar e de compartilhar a identidade helênica (MALKIN, 2011).

Nesse sentido, ao descrever os templos e santuários de Afrodite em Mileto e suas colônias, Greaves levanta uma importante característica da deusa: em seu mito de origem ela nasce da espuma do mar, está, portanto, diretamente ligada a ele. Além do epíteto *Oikus* encontrado em inscrição em Mileto, outros cinco epítetos são descritos por Greaves, dos quais quatro tem ligações com o mar: 1- *Euploia* ('boa navegação'), encontrado em Cízico e Olbia; 2- *Pontike* ('do mar aberto' [ou especificamente do Mar Negro]), encontrado em Cízico, Istria e Olbia; 3- *Nauarchis* ('senhora, ou guardiã, das embarcações'), encontrado em Panticapeu; 4- *Aphrogeneia* ('nascida da espuma'), encontrado em Mileto; 5- *Ourania* ('celestial'), encontrado em Mileto, Phanagoria, e em Panticapeu (GREAVES, 2004, p.31). Ainda sobre os epítetos, o autor acrescenta em nota que tanto *Euploia*, quanto *Ourania* também foram encontrados no porto do Pireu em Atenas. Afrodite *Euploia*, de fato, parece ter sido muito popular entre os marinheiros.

O caso de Apolo tem sido mais amplamente visitado por pesquisadores, talvez por seu culto ser mais facilmente identificado nos remanescentes tanto de Mileto quanto de suas apoikias por meio do espaço físico que ocupava o oráculo, da epigrafia, da imagética monetária e da tradição literária. Apolo é considerado a principal divindade de Mileto e de algumas de suas colônias, tais como Apolónia – que inclusive levou seu nome e que era conhecida pela grande estátua de bronze do deus em seu templo (PAUNOV, 2017, p.61). Já em Olbia, o calendário religioso seguia aquele de sua metrópole com a forte presença do culto de Apolo (BISAILLON, 2017, p. 58). Assim como ocorre com Afrodite, Apolo ganhou diversos epítetos de acordo com a pólis e seu culto local: *Philesios* em Berezan; *Delphinios*, talvez o mais difundido dos epítetos; *Iatros* (aquele que cura), encontrado nas colônias do oeste e norte do Mar Negro (Apolónia, Histria, Tyras e Olbia) e no Bósforo; *Didymeus Milesios* (milésio, de Didyma), em Olbia; *Oulios* ou *Ulios* (curandeiro), em Mileto e Délos; *Lykeios* (lobo) e *Thargelios* (mestre do festival de Thargelia), ambos em Mileto (GORMAN, 2001, p.

171; BISAILLON, 2017, p. 32-83; USTINOVA, 2009). O culto a Apolo aparenta ser carregado pelos milésios no momento do estabelecimento de um novo assentamento, mas transformado. O culto de Apolo *Iatros*, por exemplo, é considerado por Ustinova como uma influência trazida pelo contato com os trácios e citas, os quais possuíam rituais e práticas curandeiras, característica associada também ao deus Apolo. Além de seus poderes de cura, Apolo *Delphinios* está diretamente relacionado a questões de pertencimento ao estado nas cidades de Mileto, Atenas e Creta (GORMAN, 2001, p. 170).

A imagem de Apolo ou de seus atributos se fazem presentes nas cunhagens monetárias em especial aquelas das apoikias milésias do oeste e norte do Mar Negro. Seu culto e o de Afrodite, são atestados pela presença de templos e santuários, de remanescentes epigráficos com dedicatórias, da já mencionada cunhagem monetária, do estatuário, e dos documentos escritos. Considerando este cenário, é possível que em sítios ainda pouco escavados de apoikias milésias sejam encontrados no futuro vestígios de culto aos dois deuses mais influentes na tradição religiosa de Mileto, Afrodite e Apolo

Vale notar ainda que essas duas principais divindades cultuadas em Mileto possuem sua origem no oriente. Junito Brandão em seu dicionário mítico-etimológico narra os mitos de origem dos deuses, assim, descreve Apolo como um deus da segunda geração dos Olímpicos e filho da divindade oriental Leto com Zeus (2014, p. 60). Já Afrodite é descrita como a forma grega de Astarté – deusa fenícia da fecundidade, nascida da espuma do mar (IDEM, p.25). Para Brandão a procedência oriental de Afrodite permeia sempre suas características e mitos associados a ela.

Além dos templos e santuários nas áreas internas e externas de Mileto, outras divindades além das já citadas acima eram cultuadas em Didyma. A preferência por divindades de origem oriental se mostra mais uma vez na representação estatuária de Zeus ao lado de Leto² e não de Hera, encontrada em Didyma (GORMAN, 2001, p. 174-176). Marcando o trajeto de Mileto a Didyma foram encontrados uma porção de

² Leto é uma deusa originária da Ásia Menor, com a qual Zeus teve seus filhos gêmeos Ártemis e Apolo, despertando o ciúme de Hera (BRANDÃO, 2014, p. 379).

santuários dedicados a divindades como os de Hécate, ninfas, Hermes *Enkelados* e demais divindades locais (IDEM, p.184-186).

1.4. PONTO EUXINO OU “O MAR ACOLHEDOR”

Dario, depois de ter marchado de Susos [Susa], chegou à Calcedônia, às margens do Bósforo, onde a ponte unia suas duas margens; de lá embarcou em uma nau e navegou até as chamadas Ciâneas, as que dizem os helenos que são errantes; **sentou-se em um promontório e contemplou o Ponto, que é algo digno de ser contemplado. Pois dentre todos os mares é naturalmente o mais maravilhoso**, sua extensão é de onze mil e cem estádios, e sua largura, em seu ponto mais extenso, é de três mil e trezentos estádios. (...) (negrito nosso)

Heródoto 4.85

Nas palavras de Greaves: “um dos aspectos mais interessantes e importantes da história dos antigos milésios é sua prodigiosa atividade como colonizadores no período arcaico”, fundando colônias no norte do Egeu, no Helesponto, em Propontis e no Mar Negro, além de sua participação no empório pan-helênico de Naucratis – no Egito (2002, p. 104). O autor ressalta que a mais importante dessas regiões foi o Mar Negro e sendo as principais colônias as de Olbia, Istria, Sínope, Odessos e Apolônia Pôntica. Porém, quando começou o contato com esta região ainda é uma questão muito discutida e para a qual ainda não há uma resposta clara devido à falta de evidências concretas de contato em qualquer escala antes da fundação das primeiras colônias (GREAVES, 2002, p. 105). Evidências circunstanciais sugerem que as duas regiões estiveram em contato através de redes de trocas, ou mesmo encontros entre grupos em migração antes das fundações de apoikias, como já destacado anteriormente neste trabalho.

Assim, localizado entre o leste europeu e a Ásia, o Mar Negro hoje conecta seis diferentes países: Romênia, Bulgária, Turquia, Ucrânia, Geórgia e Rússia. Esse mar era conhecido pelos gregos, primeiro como *Axeinos*, que significa inóspito, mas, a partir das expedições de colonização ele passa a ser conhecido como Ponto Euxino (*Euxeinos*), hospitaleiro ou “o mar acolhedor” (GORMAN, 2001, p. 63). E ali, na antiguidade, não

apenas seis países se comunicavam através de suas redes de contato como nos dias atuais, mas sim muitas etnias. Dentre elas os trácios, paflagônios, citas, cimérios, capadócijs e tantos outros grupos que, seja diretamente em rotas marítimas ou indiretamente através de rotas terrestres, se comunicavam e usufruíam dos recursos provenientes ou transportados através do Mar Negro.

Ali os gregos se instalaram por toda a região costeira, assentando suas pólis e estabelecendo suas próprias rotas tanto com a população local quanto com as demais cidades helenas. As duas grandes responsáveis pela expansão para o Euxino foram as pólis Mileto e Mégara, instalando cerca de 30 novas apoikias espaçadas entre si (AVRAM, HIND & TSETSKHLADZE, 2004, p. 925). As datações para os assentamentos na região variam de autor para autor, porém, cruzando as fontes textuais com os remanescentes materiais pode-se estabelecer que o início da expansão grega no Mar Negro se deu entre o fim do século VII e começo do VI a.C., sendo o Cáucaso a última região a receber assentamentos gregos (GORMAN, 2001; GREAVES, 2002; AVRAM, HIND & TSETSKHLADZE, 2004).

As motivações que levaram a expansão em direção ao Mar Negro foram diversas. Podemos observar que já desde o final do século VIII a.C., ao fim do século VII a.C. os gregos haviam estabelecido assentamentos na Península Itálica, no Egito, no Egeu e na Anatólia. Para Mileto o que pode ter levado grupos a saírem da pólis no intuito de colonizar locais tão longínquos pode girar em torno de: uma crescente população das pólis, o desejo por terras já que seu território vinha sendo tomado pelos lídios e frígios, desejo por recursos, bem como às trocas e ao comércio (GORMAN, 2001, p. 57), possivelmente a insatisfação com o governo tirano e as pressões da Lídia. Greaves (2002) argumenta que o desejo por terras pode estar atrelado à “escassez de terras para a população existente de uma região, talvez como resultado de mudanças ambientais” ou “sistemas de herança, ou qualquer outra coisa que cria estresse populacional (muitas pessoas para os recursos disponíveis)” (p. 107). Além disso, um número tão grande de apoikias só foi possível com a participação de colonos provenientes de outras pólis como a de Paros, e o sucesso nesse empreendimento se deu através dos comerciantes (IDEM, p. 108-109).

Desse modo, os oikistas milésios se lançaram primeiro ao Egeu e então em direção a uma região ainda pouco popular como destino para o estabelecimento de apoikias e empórios pelos seus pares, o Mar Negro. As colônias foram criadas para terem terras suficientes para alimentar sua própria população e eram construídas de acordo com as indicações dos oikistas, os responsáveis por estabelecer um território e definir onde seriam edificadas os templos, a ágora, as áreas públicas, aquelas residenciais e assim por diante. O oikista deveria ter o consentimento do oráculo para o estabelecimento da apoikia e, sendo o primeiro líder da colônia, após sua morte um culto em sua homenagem seria estabelecido. O papel do oráculo de Didyma, onde se consultavam os milésios, era o de dar o consentimento divino para o oikista, garantindo também um link religioso entre apoikia e metrópole. Segundo Greaves, nenhum registro de vestígios materiais de inscrições acerca das consultas oraculares foi, até os dias atuais, encontrado nem no perímetro do oráculo de Didyma, já que foi ainda pouco escavado, nem de Mileto ou de suas apoikias (GREAVES, 2002, p. 127).



Figura 5 – Mapa do Mar Negro e suas apoikias

Na imagem acima constam as apoikias gregas, não somente milésias, no Mar Negro (Retirado de BILDE et al., 2007, p.116, edição nossa).

As populações que viviam ao redor do Mar Negro eram em maior ou menor grau conhecidas pelos gregos como resultado dos intensos contatos culturais. Greaves aponta que na “colônia de Bizone perto de Istria, a cerâmica foi trocada entre gregos e nativos a partir do final do século VII, com a provável existência de um entreposto comercial temporário no local antes da fundação formal da colônia” (2001, p.105). Além das poucas evidências materiais que são encontradas desse período pré-colonial há também a literatura grega, onde a história dos Argonautas aponta para algum conhecimento da região (BOARDMAN, 1999; GREAVES, 2002). Os Argonautas são citados por Heródoto no primeiro livro de sua obra *Histórias*, por Pausânias em sua *Descrição da Grécia*, por Estrabão na obra *Geografia*, e até mesmo por Aristóteles no terceiro livro da obra *Política*, onde o filósofo aponta a história como um mito.

Conforme as pólis foram assentadas, as rotas de trocas foram estabelecidas, sendo as principais cidades no Mar Negro: Sínope, Heracleia Pôntica, Apolônia Pôntica, Mesembria, Olbia, Quersoneso, Panticapeu e Fanagória. E época Clássica, a maior parte das pólis no Mar Negro exportava vinho, azeite de oliva, peixe salgado e conseqüentemente a cerâmica com a qual realizavam o transporte desses produtos (AVRAM, HIND & TSESKHLADZE, 2004). As práticas constitucionais e religiosas de cada pólis seguiam como em suas metrópoles, inclusive em seus calendários, sendo diferentes aqueles seguidos nas colônias milésias e o calendário pertencente às colônias de Mégara.

Os contatos entre gregos e bárbaros podem ter sido, de forma geral, amistosos. As redes de trocas com as populações locais levaram trácios, por exemplo, a construir um entreposto comercial perto de Istria, facilitando as transações (PETROPOULOS, 2015). Apesar do mito das Amazonas retratar os citas em meio a situações de conflito, Petropoulos acredita que a relação entre gregos e esses povos na região dos estepes ao norte do Mar Negro se dava a partir da troca de presentes, onde artefatos de cerâmica grega foram encontrados em direção ao interior, onde os gregos não costumavam atingir permanecendo apenas nos entornos do mar (IDEM, p. 95-96). As apoikias eram geralmente assentadas em locais de proteção natural como penínsulas, istmos ou

pequenas ilhas perto da costa, locais que facilitavam também seu acesso ao mar e às suas rotas de trocas, bem como a obtenção dos recursos marítimos (IDEM, p. 98).

Assim como ocorreu com Mileto, as apoikias ao sul do Mar Negro – na Paflagônia e Capadócia, respondiam aos sátrapas do império persa. Já por volta de 439 a.C. Atenas foi capaz de estender sua influência às cidades do Euxino através de uma aliança com Sínope (AVRAM, HIND & TSESKHLADZE, 2004, p. 927), como veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2 – SÍNOPE

A posição de Sínopé na fronteira entre o Oriente e o Ocidente deu-lhe uma mistura estranha e cosmopolita de nacionalidades. O elemento assírio vigorou até o século IV a.C. O nativo paflagônio já estava lá. O grego sutil e acabado, com seu poder peculiar de comunicar sua civilização, o persa astuto e traiçoeiro, e o romano resoluto encontraram sucessivamente seu caminho para o porto marítimo principal do Ponto e, apesar do despovoamento e tragédias municipais de todos os tipos, a civilização sinopéica deve, em sua forma rude de fronteira, adquirir algo daquele caráter universal que Roma tinha em sua forma mais ampla e magnífica, quando em sua hora de poder os diferentes elementos do mundo foram despejados nela. (ROBINSON, 1906, p. 258)

2.1. LOCALIZAÇÃO

O trecho acima de Robinson foi escrito no início do século XX e, apesar do julgamento de valor comum do período, mostra que dentro da tradição historiográfica já se percebia a confluência de povos no norte da Anatólia, em especial em Sínopé. Segundo Manoledakis: “uma particularidade da costa sul do Mar Negro é que durante a antiguidade não era habitada por um ou dois povos dominantes, como os cólquidas no Leste, os citas e os sármatas no norte ou os trácios no oeste, mas por muitos outros diferentes” (2021, p. 169). O autor, que faz uma leitura abrangente do corpus da literatura antiga, conta que 27 povos diferentes são mencionados como vivendo na costa sul do Mar Negro, dentre eles os paflagônios, que habitavam a região onde foi assentada Sínopé. Essa região, a Paflagônia, não possuía uma fronteira fixa, mas sim variável de acordo com o movimento dos grupos paflagônios na porção central do norte da Anatólia (IDEM, p. 171).

Podemos dizer sem cometer exageros que Sínopé é a cidade mais bem localizada no Mar Negro para aqueles que desejam estabelecer trocas através dessas águas. Além de estar no meio da costa sul do Euxino, sua posição é onde as costas norte e sul do mar se comprimem reduzindo sua distância. Isso faz com que o trajeto das embarcações sinopéicas seja equivalente em direção ao leste ou oeste, e até mais curto em direção ao

norte. Em recente palestra o arqueólogo Dr. Owen Doonan³, atual responsável pelas escavações na moderna Sinop, descreve a antiga Sínope como “o cruzamento do antigo Mar Negro” onde se encontravam as populações europeias e asiáticas em um emaranhamento de comunidades móveis marítimas, coloniais e indígenas. Dönmez acrescenta que “descobertas do Bronze Médio apontam para o fato de que a área de Sinop era uma das extremidades setentrionais da rede de trocas do período das colônias comerciais assírias” (DÖNMEZ, 2010, p. 153). Com sua descrição, Doonan nos transporta para a cidade, chamando atenção inclusive para os golfinhos que podem ser avistados de lá, dizendo:

Olhando para o norte da altura ventosa de Boztepe⁴, você pode espiar profundamente na névoa do Mar Negro, sem terra à vista. Quando uma tempestade vem do Oeste, você pode ver alguns **golfinhos** deslizando ao lado da pequena embarcação correndo ao redor de Boztepe para o porto na escuridão do mar. Abaixo de seus pés, a cidade moderna de Sinop (ou Sínope para os gregos e romanos) se espalha pelas encostas de Boztepe, assim como seus predecessores otomanos, turcos seljúcidas, bizantinos, romanos e gregos fizeram por 2.600 anos. Os gregos de Mileto chamaram essa cidade de Sínope quando fundaram uma colônia aqui no final do século VII a.C. (...) Virando-se para o sul, o horizonte distante é cortado pelas escarpadas montanhas Pônticas que se erguem atrás do porto de Gerze, a cerca de 25 km de distância por mar e 40 (km) por terra. As colinas verdes onduladas do promontório de Sinop, uma colcha de retalhos de florestas e fazendas, se espalham entre a cidade e as montanhas. No porto abaixo, os coloridos barcos de pesca e navios mercantes cinzentos ancorados, aguardando as infames rajadas que levaram os colonos gregos a chamarem de "Mar Inóspito" (*Pontus Axeinus*) quando o encontraram pela primeira vez. Tempestades perigosas, habitantes hostis das costas e do interior e a ausência total de ilhas e portos que tornavam seu Egeu nativo tão fácil de navegar tornavam a primeira impressão dos gregos desfavorável. (DOONAN, 2009, p. 1) (negrito nosso)

Além de contar com uma localização privilegiada, Sínope também detinha o melhor porto de águas profundas da costa sul e um dos melhores portos de todo Mar Negro. Em sua apresentação, Doonan aponta para o fato de que a vantagem geográfica

³ Disponível em: <https://www.academia.edu/video/1wQaok> (Acesso 20/02/22)

⁴ Região peninsular do promontório de Sínope. Nome turco que pode ser traduzido como “colina cinza” ou “colina manchada”, vide Figura 7.

de Sínope era também propícia para o controle político e econômico das demais pólis e suas rotas de comércio. Foi assentando no centro da costa sul do Mar Negro a apoikia de Sínope que Mileto pode também estabelecer Amisos, e foi possível para Sínope assentar a sua própria apoikia: Trapezous (AVRAM, HIND & TSETSKHLADZE, 2004). A cidade ocupava a península e o promontório durante o período Arcaico, expandindo-se para o interior (ou hinterlândia) no fim do período Clássico graças a pressões externas (DOONAN, 2009), as quais trataremos no próximo tópico.

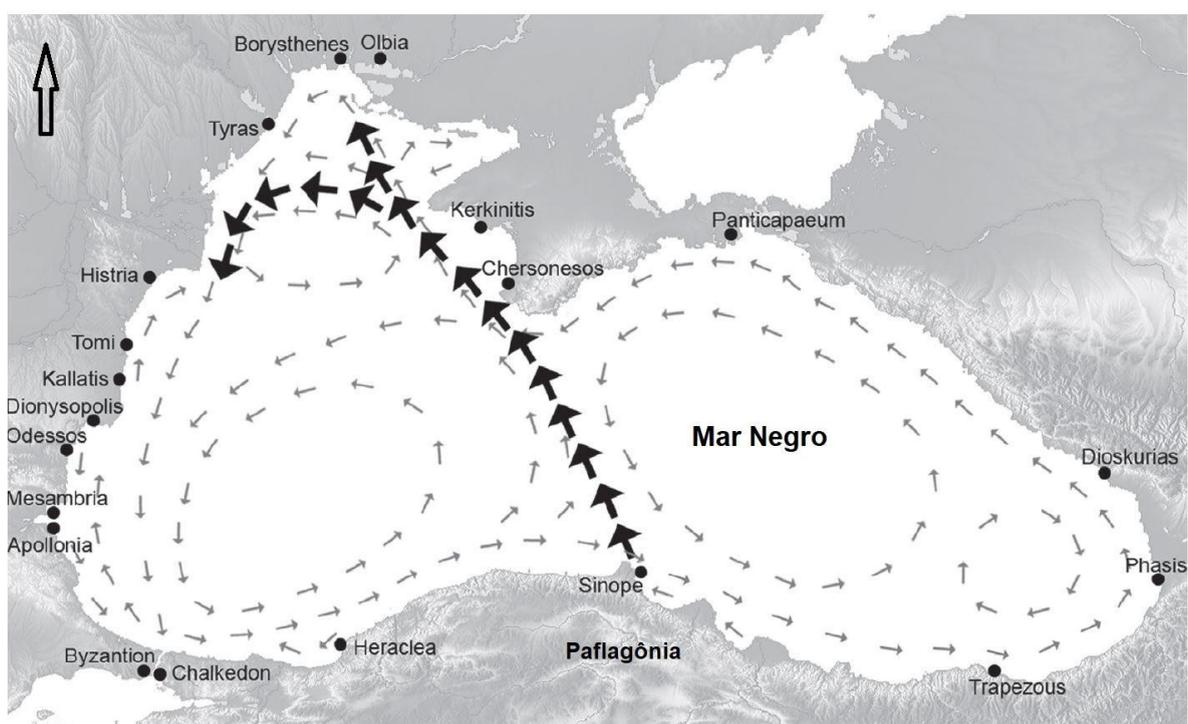


Figura 6 – Mapa do Mar Negro com suas correntes marítimas e rotas de exportação

Na figura acima, Bozkova (2012, p. 438) apresenta as rotas de exportação utilizadas por Sínope e as correntes marítimas do Euxino. As flechas mais escuras representam a rota rumo ao norte e as mais claras representam as correntes do mar, das quais se favoreciam as embarcações de Sínope para o comércio. Edição nossa.

Além disso, como já dissemos, Sínope está localizada bem no topo da Anatólia na região chamada de Paflagônia, permitindo que ela seja acessada também por rotas terrestres, as quais serão amplamente exploradas a partir do domínio romano. A Paflagônia configura uma paisagem montanhosa que, como um todo, abriga rios que fluem através dos planaltos férteis, cortando suas montanhas remotas com encostas

íngremes e solos pobres (JOHNSON, 2010). Johnson descreve a região como “percorrida por três itinerários separados: a costa náutica, o vale de Amnias ligado a oeste e leste com passagens nas montanhas mais baixas e os vales do Planalto da Anatólia ao sul de Olgassys”, por onde se distribuían os paflagônios (IDEM, p. 2-3). Olgassys é a montanha elevada e de difícil acesso nas fronteiras da Paflagônia e da Galácia e, apesar de árdua a jornada, na montanha se encontravam diversos templos paflagônios (MANOLEDAKIS, 2021, p. 170). As fronteiras entre Paflagônia e Galácia são representadas de diversas maneiras nos mapas disponíveis. O que se pode afirmar é que a Paflagônia está na porção central da costa sul do Mar Negro (Fig. 6), enquanto a Galácia ocupava a região central da Anatólia, sem compreender uma região costeira.

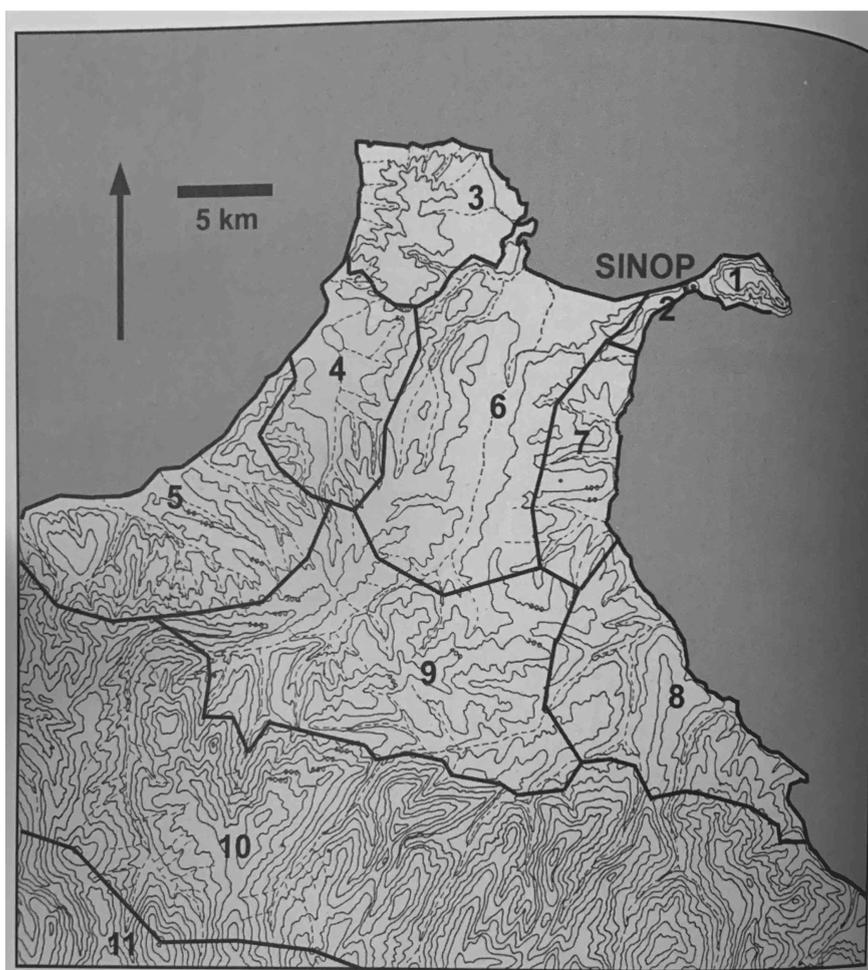


Figura 7 – Mapa topográfico de Sínope e regiões adjacentes

(DOONAN, 2004, p. 36)

Na imagem acima Doonan divide a região de Sínope, seu promontório e hinterlândia, sendo: 1- Boztepe, 2-Sinop próxima à hinterlândia, 3- Inceburun, 4- vales da costa oeste (promontório exterior), 5- costa oeste até Ayancik, 6- vale do Karasu (rio), 7- vales da costa leste (promontório exterior), 8- costa leste até proximidades de Gerze, 9- planalto central perto de Erfelek, 10- planalto, 11- vale Kizilirmak-Gökirmak (2004, p. 36). Boztepe é a região peninsular que fornece visibilidade e proteção para a cidade, composta por uma formação de massa vulcânica e está 200m acima do mar. É Boztepe que abriga os dois portos de Sínope, um ao norte e outro ao sul, além de fornecer terras férteis para plantio. Assim, a pólis de Sínope ocupa o istmo da península. O vale do rio Karasu abriga a fonte de água doce, que segue em direção ao planalto central. O vale Kizilirmak-Gökirmak forma uma região montanhosa que dificulta a passagem do restante da Paflagônia à hinterlândia de Sínope e, conseqüentemente, à pólis. A costa do Ponto difere do restante da Turquia por ser muito mais conectada com as culturas do Mar Negro do que com as da Anatólia central. Doonan (2004, p. 7) conta que, antes da introdução da dinamite, a maior parte dos viajantes com destino ao Ponto cruzavam o platô da Anatólia central em direção a costa em Trabzon, cidade a cerca de 500km de Sinop. A dificuldade para ultrapassar a região montanhosa que separa Sínope do restante da Anatólia vai além dos perigos do próprio terreno: em 1576 um grupo de mercadores poloneses tentou cruzar as montanhas ao sul de Sinop na estrada para Aleppo, mas foram atacados e mortos por um grupo de estudantes de uma madraça, uma escola religiosa em Sinop, que operava em colaboração com autoridades locais e comerciantes em cinco cidades diferentes espalhadas por centenas de quilômetros (IDEM, p.8).



Figura 8 – Mapa do Mar Negro com grupos da Idade do Bronze e do Calcolítico
(DOONAN, 2021)

Doonan (2021) mostra, a partir da figura acima, que uma das principais descobertas feitas até o momento por sua equipe é a de uma porção de artefatos que ligam Sínope, mesmo durante a Idade do Bronze ou no período Calcolítico, com diversas populações ao seu redor e também em longas distâncias. A imagem foi utilizada pelo arqueólogo em apresentação concedida ao *The Visual Culture of the Ancient World*, em parceria com a *University of Southern California* e o *American Intitute of Archaeology*. Assim, a integração entre as populações que viviam às margens do Mar Negro persiste, seja pelas possibilidades apresentadas pelas correntes marítimas, seja pelas dificuldades de acesso terrestre aos seus vizinhos, como foi o caso de Sínope.

2.2. FUNDAÇÃO DA APOIKIA

Em seguida, chega-se à própria Sínope, que fica a cinquenta estádios de Armene; é a mais notável das cidades daquela parte do mundo. Esta cidade foi fundada pelos milésios; e, tendo construído uma estação

naval, reinou sobre o mar dentro de Kyaneai⁵, e compartilhou muitas lutas com os gregos mesmo fora de Kyaneai (...)

Estrabão 12.3.11

No capítulo anterior falamos sobre as pressões lídias e persas, dentre outras razões, que levaram milésios a navegarem em direção ao norte do Egeu e ao Mar Negro para estabelecerem suas apoikias. No caso de Sínope, para construir o assentamento, um segundo grupo de colonos teve de ser enviado após a derrota dos primeiros colonos para os nômades cimérios. A posição geográfica vantajosa em conjunto com os remanescentes encontrados até o momento e as fontes escritas levaram os arqueólogos que ali conduzem escavações a crer que Mileto tinha um motivo maior para insistir no assentamento na península de Sínope: a apoikia serviria como suporte para o controle das demais colônias assentadas ao leste do Euxino (DOONAN, 2012; DOONAN, 2021).

Pois o exército dos cimérios que invadiu a Iônia, que nela era mais antigo que o de Cresos, não promoveu a submissão das cidades, mas de surpresa fazia sua pilhagem.

Heródoto 1.6

E parece que os cimérios fugiram dos citas em direção a Ásia e colonizaram a península na qual agora está estabelecida a cidade helena de Sínope.

Heródoto 4.12

Ao longo de sua escrita Heródoto cita por algumas vezes a região da Paflagônia e a pólis de Sínope. Na citação acima do historiador grego, ele atribui uma colonização ciméria à península que foi ocupada por Sínope. Os cimérios são conhecidos por serem um povo nômade e montador de cavalos, sendo assim, Doonan atribui a fala de Heródoto à existência das ruínas de um assentamento do fim da Idade do Bronze

⁵ Cidade localizada na antiga Lícia, na região sul da atual Turquia.

(Figura 9) no local, encontradas pela equipe de arqueólogos do *Sinope Province Regional Archaeological Project* entre os anos de 1997 e 2000 (DOONAN, 2016). Doonan, que dirige as escavações em Sínope desde 1996, conta que em meados do século 20 durante a construção de uma escola para meninas revelou-se um túmulo com achados datados da Idade do Bronze em Sinop, o que conferiu ao local “grande importância para a compreensão da cultura marítima do Mar Negro, porque fornece evidências claras de que as populações nativas da região navegavam pela travessia central antes da chegada dos gregos” (IDEM, p. 217). A partir das evidências encontradas até agora estima-se que, devido à atividade pesqueira, os marinheiros da antiguidade eram capazes de reconhecer os ciclos e padrões de migração anuais dos peixes, bem como o padrão das correntes de travessia no mar. A atividade pesqueira no Euxino ainda é praticada, sua importância dentro da comunidade local se reflete no entusiasmo da população ao saberem que foi encontrado um depósito em cerâmica, datado do período Arcaico (séc. VII-início séc. V a.C.), que continha vértebras de biqueirão – ou *hamsi* como é chamado o peixe localmente (IDEM; DOONAN, 2021), e amplamente consumido em países da costa do Mediterrâneo e Mar Negro.

Período	Datas	Culturas e Sítios
Neolítico	ca. 8000-4000 a.C.	Assentamento pré cerâmico em Inceburum, possível inundação (Ryan & Pittman, 1997), cerâmica do Neolítico mostra paralelos com sítios próximos ao Mar de Marmara [Mezarliktepe]
Calcolítico	ca. 4000-2700 a.C.	[Meltepe]
Bronze Inicial	ca. 2700-2000 a.C.	Assentamento difundido nas regiões de Sinop [Kocag�z] e Samsun (ex. Izkiztepe), paralelos limitados de Sinop [Gulluavulu] a Karanova (Bulgaria), Troia (noroeste da Anatólia), e cultura Caracomb (Ucrânia)
Bronze Médio-Tardio	ca. 2000-1000 a.C.	Contatos limitados com a Anatólia central [Gulluavlu], tribos Kashka do centro da Anatólia na costa do Mar Negro, mencionadas em fontes hititas
Ferro	ca. 1000-600 a.C.	Estabelecimento de assentamentos costeiros [K�şk h�y�k-Gerze, noroeste de Sinop Kale, Fener-Akliman],

		conecções claras entre Sinop e o norte do Mar Negro [Sinop Kale e noroeste]
Arcaico	séc. VII-início séc. V a.C.	Fundação de Sínope por Mileto e das colônias de Sínope no leste do Mar Negro
Clássico	séc. V-IV a.C.	Fundação de clerurquia ateniense em Sínope (430), Xenofonte e os Dez Mil passam por Sínope/Hermene (400), cerco de Sínope por Datames (ca. 368), produção em massa de ânforas sinopéias para distribuição ao redor do Mar Negro (ca. 360 em diante)
Helenístico	séc. IV-início século I a.C.	Captura de Sínope por Farnace I, Sínope é transformada em capital do Reino do Ponto (183), expansão do assentamento costeiro [Keçioğlu-Demirci], expansão e reforço das muralhas da cidade, guerras contra Roma (ca. início do séc. I a.C.)

Figura 9 – Tabela cronológica das ocupações humanas na área de Sínope

Na tabela acima Doonan fornece um recorte temporal e espacial dos principais acontecimentos no assentamento de Sínope antes e durante a ocupação grega. Entre colchetes estão os nomes dos sítios citados ao longo de seu livro, esses locais fazem partes dos arredores de Sínope (DOONAN, 2004, p. s/ número).

Dönmez, analisando a geografia ao redor de Sínope, argumenta que provavelmente os grupos nômades considerados como cimérios, estavam cientes das vantagens geográficas que a região lhes dava, e assim a usavam a seu favor. Segundo o autor, suas atividades militares foram as responsáveis pelo fracasso dos primeiros esforços gregos de estabelecimento de um assentamento em Sínope. Analisando a *Geografia* de Estrabão, Dönmez diz que os milésios liderados por Habrondas encontraram nos cimérios seu maior obstáculo para a colonização. Assim, os gregos só obtiveram sucesso no estabelecimento da apoikia de Sínope entre o fim do século VII e o começo do VI a.C., datação estimada a partir de cerâmica ática e de estilo oriental encontradas na província de Sinop (DÖNMEZ, 2009, p. 170).

Porém, antes da chegada dos cimérios e dos gregos Dönmez afirma que no fim do segundo milênio a.C. houve muitas migrações para a Anatólia e dela provenientes, resultando em mudanças dramáticas de etnicidade no norte da Anatólia, atestadas por

escavações e análises de vestígios arqueológicos ainda em curso, e que também apontam para o desaparecimento da ocupação Hitita na região por volta de 1190 a.C (2007, p. 59). Stoyanov, concordando com os dados apresentados por Dönmez, diz que havia um porto Hitita do fim da Idade do Bronze onde viria a ser o assentamento de Sínope, pelo qual se ligavam as rotas de troca da Anatólia e Trácia. A preexistência de tais rotas teria facilitado o desenvolvimento da rede da apoikia grega, já que os comerciantes estariam mais propensos a continuar suas trocas em rotas já há muito conhecidas (2009, p. 410). Com a partida Hitita, no fim da Idade do Bronze, outras transformações vieram através de migrações de trácios, frígios, e o que o autor chama de Povos do Mar.

Quanto à chegada dos gregos, tanto a tradição literária quanto a história da cidade apontam para múltiplas fundações do assentamento, como mencionado acima, devido aos ataques cimérios. Habrondas de Mileto teria sido o primeiro oikista a tentar fundar a apoikia, mas ele e seu grupo não suportaram o ataque dos cimérios. Sendo assim, um segundo conjunto de colonos parte de Mileto, liderados por Coos e Cretines, com o objetivo de estabelecer nova morada ao norte da Paflagônia (IVANTCHIK, 2012; DÖNMEZ, 2010; DOONAN, 2016; AVRAM, HIND & TSETSKHLADZE, 2004). Não são sabidas quais foram as circunstâncias de escolha dos oikistas responsáveis pelo assentamento, o que é difundido na bibliografia acerca desses momentos iniciais de estabelecimento da apoikia é que ao menos Coos e Cretines seriam dois exilados do governo tirânico de Mileto. Devemos lembrar do papel do oráculo de Apolo no direcionamento das fundações gregas no Mediterrâneo Ocidental. Os milésios, como mencionado anteriormente, consultavam o oráculo de Apolo em Didyma, contudo, para a fundação de Sínope, essa prática comum que assegurava a autoridade do oikista e a boa fortuna na nova pólis foi buscada, segundo Greaves (2002, p. 127), no Oráculo de Delfos. A consulta oracular teria vindo de Delfos e não de Didyma em consequência de Coos e Cretines serem exilados de Mileto, onde o tirano da cidade estaria no controle do oráculo de Didyma (IDEM).

Na década de 1950 escavações conduzidas por Akurgal e Budde não puderam revelar assentamento datado do período Arcaico, pois o local estimado era área restrita ocupada por uma prisão (Doonan, 2004). Apesar das limitações de local para escavação,

os arqueólogos puderam localizar depósitos de cerâmica arcaica na porção norte da cidade. Já em áreas centrais da cidade, no jardim e arredores da madraça Pervane, suas escavações revelaram níveis do período Clássico, apontando para um aumento significativo no tamanho da pólis durante esse período como resultado do estabelecimento de cleruquia (colônia militar), ateniense por Lâmaco em 430 a.C. (IDEM, p.74-75). Doonan interpreta a alocação de cerca de 600 atenienses em Sínope como uma tentativa de Péricles de controlar a cidade, já que se localiza em um ponto estratégico de tráfego marítimo no Mar Negro.

Com as escavações realizadas até o presente, Doonan descreve o assentamento inicial de Sínope como possivelmente um empório – assentamento temporário destinado ao comércio, já que nenhum vestígio de área correspondente à khóra – destinada a agricultura – do período Arcaico foi encontrado. Nesse período a colônia seria compacta e voltada para as atividades marítimas, e não para o cultivo da terra (DOONAN, 2004). De acordo com Doonan, do século VII ao V a.C., a comunicação entre os gregos de Sínope e os nativos do promontório aparenta ser muito pontual. Porém, a equipe de Doonan identificou vestígios de cultivo no promontório datados do período clássico. No Helenístico a intensidade da presença grega no promontório aumenta, observa-se o cultivo principalmente de oliveiras em parceria com os habitantes locais. Isso reforça que a escolha do local para a colônia grega se deu por seu posicionamento estratégico, não necessariamente por suas riquezas naturais.

2.3. UMA PÓLIS, DOIS MITOS

O modo como os gregos se entendiam e se expressavam era permeado pela sua religiosidade. Os deuses, os heróis e suas aventuras faziam parte da vida do homem grego e, nas palavras de Vernant, “a religião [era] inseparável da vida cívica, eximir-se equivaleria a alhear-se da sociedade” (1994, p.14). Assim, a religião grega, sem a pretensão de exercer um caráter dogmático ou de criar conhecimento sobre o divino (IDEM, p.13), infiltra-se no cotidiano com símbolos e histórias, unindo um conjunto de homens que viviam permeados por esse espectro religioso sob a identidade helênica. Então, quando os gregos passaram a se organizar em pólis, parte da tradição era de

associá-la a um/a herói/heroína – que assumia um valor cívico e territorial (VERNANT, 2012, p.44), uma criatura protetora ou deus/a patrono/a (MANOLEDAKIS, 2010 e FLORENZANO, 2000). Dessa forma, a cunhagem, também pode apresentar representações de histórias, seres e criaturas de sua dimensão religiosa (FLORENZANO, 2000).

Em Sínope encontramos dois mitos de fundação muito distintos entre si que justificariam o nome dado a essa pólis. Para entender as expressões identitárias de Sínope precisamos compreender como cada mito de fundação poderia ser articulado no interior das esferas cívica, religiosa e territorial em que homem e mito interagem.

O primeiro e atualmente mais conhecido mito que se refere à nomeação da cidade em homenagem à ninfa Sínope. No *Dicionário Online de Português* (Dicio) ninfa é definido como uma divindade feminina proveniente da mitologia grega, responsável por vigiar os diversos reinos da natureza. Já no *Dicionário Etimológico: Etimologia e Origem das Palavras*, também disponível online, a palavra “ninfa” vem do grego *nympha*, que também designava noiva ou moça em idade nupcial. As ninfas aparecem em textos antigos associadas às fontes de água, como veremos mais adiante neste capítulo, e seus lugares de culto eram chamados de *nymphaion* (LARSON, 2001).

A história da ninfa Sínope pode ser encontrada nos dicionários de mitologia grega. Neles constam referências à essa heroína, de quem a cidade teria tomado o nome (ninfa epônima). Segundo o dicionário de Guimarães, esta era uma das filhas do deus-rio Asopo, e teria sido raptada de sua terra no Peloponeso, e levada para sua nova localização na Ásia Menor pelo deus Apolo, com o qual teria tido um filho, Siro, epônimo dos sírios (GUIMARÃES, 1972). Já Junito Brandão acrescenta ao primeiro relato uma variante, na qual Zeus se apaixonou pela ninfa e prometeu conceder-lhe o que a jovem desejasse, Sínope então lhe pede para poupar sua virgindade. Segundo o autor, um pouco mais tarde Apolo também tenta cortejar a ninfa, mas ela se vale da mesma estratégia (BRANDÃO, 2014, p. 387-388). Infelizmente Guimarães não deixa claro as fontes que usou para sua descrição da ninfa Sínope, já Brandão, na introdução de seu *Dicionário Mítico-etimológico* aponta que consultou uma versão alemã, o *griechisches etymologisches Wörterbuch*, de Hjalmar Frisk; outra escrita em inglês, o

English-Greek Dictionary – A Vocabulary of the Attic Language with a Supplement of Proper Names, de S. C. Woodhouse. Apesar de apontar os dicionários que consultou durante a escrita do seu, Brandão também não deixa claro as fontes escritas da antiguidade das quais vieram o mito de Sínope. O autor tomou por modelo também seu conjunto de livros: *Mitologia Grega*, publicados entre 1986 e 1989.

Como nas moedas de Sínope a representação de uma cabeça feminina tem sido interpretada como sendo da ninfa Sínope, vimos necessário entender mais sobre o espaço das ninfas no imaginário grego, assim, no capítulo seguinte abordaremos os mitos aqui apresentados em relação às moedas. A autora Jennifer Larson, em seu livro *Greek Nymphs: Myth, Cult, Lore*, propõe-se a tratar do papel das ninfas no universo grego do século VIII a.C. ao Período Helenístico. A autora aponta que as ninfas estavam muito mais próximas da vida cotidiana que os deuses, sendo frequentemente escolhidas para representar uma pólis grega no fim do período Arcaico e começo do Clássico, além disso, seus cultos eram muito difundidos na Ásia Menor (LARSON, 2001, p. 201). Segundo Larson, uma ninfa é escolhida para representar a cidade, sendo a personificação geográfica e topográfica do espaço, e da genealogia do mito local (IDEM, p. 37), e estão, no geral, relacionadas com a água de rios, nascentes, pântanos, assim por diante, como provedoras desse elemento necessário para o cultivo e a sobrevivência da cidade.

Apesar de nos ajudar na compreensão da ninfa no mundo grego, as colocações acima nos mostram uma certa controvérsia na escolha de Sínope como representante e epônima da apoikia, pois sua proveniência é do Peloponneso, e não da Jônia. Citando o poeta épico do século VIII a.C., Eumelo, Larson (2001, p. 123/141) diz que este teria escrito sobre uma tentativa de Corinto, pólis do Peloponeso, em se estabelecer no sul do Mar Negro, fazendo da filha de seu rio Asopo uma cidade na região, mas que no fim não obteve sucesso na empreitada. Contudo, nenhuma outra evidência de tal possibilidade foi encontrada, sejam referências em documentos escritos ou artefatos arqueológicos. A própria autora comenta que a tentativa de Corinto em estabelecer um assentamento no local que se tornaria a Sínope dos milésios talvez fosse apenas uma narrativa mítica construída pelo poeta Eumelo, como parte de seu esforço em enaltecer os coríntios.

Apesar das fontes documentais não serem citadas nos dicionários de mitologia grega consultados e que descrevem as duas variações da história da ninfa Sínope, devido à reconhecida grande incidência de ninfas epônimas raptadas e realocadas onde são estabelecidas apoikias, imagina-se que esse fator, aliado com as narrativas mitológicas presentes nas fontes textuais como de Diodoro Sículo, tenha levado pesquisadores e numismatas a considerar essa versão do mito fundador ao descrever o busto feminino no anverso das moedas de Sínope. Assim como Guimarães, Diodoro Sículo, que escreveu entre 90 a.C. e 30 a.C, diz:

(...) Sínope foi capturada por Apolo e levada para o lugar onde hoje fica a cidade de Sínope, que recebeu o nome dela, e dela e de Apolo nasceu um filho Sírio, que se tornou rei dos sírios, que foram assim nomeados.

4.72.2

Por outro lado, ao consultarmos a *Encyclopaedia Britannica*⁶, observamos um terceiro mito de fundação da pólis, onde o nome Sínope teria derivado da rainha das Amazonas, Sinova, e sua fundação é atribuída ao companheiro de Hércules, Autólico. Esta versão é discutida pelo autor David Braund em seu artigo *Myth and Ritual at Sinope*, que compõe um volume com resultados de pesquisas desenvolvidas sobre Sínope durante 15 anos, abordando a pólis desde antes da chegada dos gregos, até o período bizantino, e publicado em 2012 com a organização de Dominique K. Tezgör. Para Braund (2012, p.16), as diversas versões do mito de fundação de Sínope podem ter existido simultaneamente na pólis e fora dela.

Braund e Faulkner-Gentry buscaram referência aos escritos sobre a geografia do Mar Negro do autor clássico Pseudo-Scymnus (séc. II a.C.) – que ainda gera debates sobre sua identidade – para discutir o papel das Amazonas e de Autólico como mito fundador aceito pelos habitantes de Sínope. Pseudo-Scymnus disse que Sínope foi nomeada em homenagem a uma das Amazonas que vivia na região. A obra de Pseudo-Scymnus foi recuperada apenas por fragmentos, dos quais puderam ser

⁶ Artigo desenvolvido e mantido pelos Editores da Encyclopaedia Britannica (<https://www.britannica.com/place/Sinop> Acesso em 29/12/20).

resgatadas referências ao passado de Sínope até o estabelecimento da pólis, indicando que os sírios haviam ali habitado. Depois disso, sendo a região não mais ocupada pelos sírios, os gregos conhecidos como Argonautas, dentre eles o herói Autólico, cruzaram caminhos com as Amazonas. Anos depois o milésio Habrondas fez sua própria tentativa de estabelecimento no local, mas foi derrotado pelos cimérios. Depois, quando o exército dos cimérios já havia partido para invadir a Ásia, chegaram Coos e Cretines, fugitivos do tirano no poder de Mileto, e lá estabeleceram seu assentamento (PSEUDO-SCYMNUS 986-997 *apud* FAULKNER-GENTRY, 2021, p. 30). O mito dos Argonautas e seu encontro com as amazonas é considerado como popular na região sul do Ponto (DOONAN, 2004, p. 87). A aventura dos Argonautas se dá em sua busca pelo Velocino de Ouro. O herói Jasão teria embarcado com seus parceiros em sua embarcação chamada Argo e partido rumo à Cólquida, onde estaria o Velocino (BRANDÃO, 2014, p.73).

De qualquer forma, a cidade foi capturada; e embora Leucullus⁷ mantivesse intactos o resto dos adornos da cidade, ele tirou o globo de Billarus e a obra de Sthenis, a estátua de Autólico, a quem eles consideravam o fundador de sua cidade e homenageavam como deus. A cidade também tinha um oráculo de Autólico. Acredita-se que ele tenha sido um dos que embarcaram na viagem com Jasão e se apoderou deste lugar. Mais tarde, os milésios, vendo as vantagens naturais do lugar e a fraqueza de seus habitantes, apropriaram-se dele e enviaram colonos para lá.

Estrabão 12.3.11

No trecho de Estrabão acima, o historiador, geógrafo e filósofo grego que viveu entre 63 a.C. e 24 d.C. reafirma a viagem dos Argonautas e a presença de Autólico como herói fundador de Sínope, apontando inclusive para a existência de estatuário e um oráculo dedicados a Autólico que, como muitos lugares e artefatos mencionados pelas fontes textuais, não foram encontrados seja por arqueólogos ou fortuitamente.

⁷ Líder político no reino do Ponto.

Outro autor a considerar a fundação da cidade e os remanescentes materiais que podem atestar em favor da versão mítica sobre as amazonas ou sobre a ninfa é Manolis Manoledakis, que em seu artigo *On the cults of Sinope and the founders of the city* (2010) aborda essa questão através da análise do culto ao herói fundador. Através da análise de oferendas funerárias, estima-se que esse tipo de culto no período Arcaico tinha como função estabelecer um vínculo entre o homem grego e a posse de determinado espaço de terra (SNODGRASS *apud* HIRATA, 2003, p. 124), ou mesmo em um movimento de resgate significativo do passado para reforçar os laços de identidade (IDEM, p.126-128). Nesse sentido, colocando um mito contra o outro, o autor apresenta um dado arqueológico interessante a favor da saga do herói Autólico e sua batalha contra as Amazonas: uma inscrição votiva do fim do século V ou começo do IV a.C. dedicado a Phlogius, irmão de Autólico, encontrada em Sínope. Infelizmente o autor não apresenta imagens dessa inscrição, nem identifica o contexto arqueológico ao qual pertenceu.

Larson aponta que o rapto de uma ninfa e sua realocação poderiam significar o estabelecimento de um link entre colônia e metrópole, já que ela seria originária da região da metrópole e realocada na apoikia, fazendo referência ao mesmo movimento feito por seus colonos. Isso poderia conferir também mais visibilidade a uma cidade menor ao associá-la com uma pólis de maior importância. Todavia, uma associação a Corinto não é defendida entre os autores que até hoje se propuseram a analisar o mito de origem de Sínope. As histórias sobre a constituição da pólis de Sínope que são registradas pela tradição escrita – Pseudo-Scymnus, Estrabão, Heródoto, posteriormente o gramático romano Élio Herodiano e o lexicógrafo grego do século VI d.C. Estevão de Bizâncio (MANOLEDAKIS, 2010: 566), relatam a fundação pelo milésio Habrondas, seguido dos também milésios Coos e Cretines após o fracasso de seu predecessor. É importante ressaltar que toda tradição escrita foi produzida muito posteriormente à fundação da apoikia de Sínope, desse modo, até momento da escrita destas versões a história do assentamento é passada oralmente.

Propondo uma reflexão da faceta síria de Sínope, Anca Dan reanalisa as fontes clássicas como Heródoto e Pseudo-Scymnus, mas também Plutarco, revelando com a análise do último autor uma nova perspectiva do mito da ninfa. Em seu artigo *Les*

Leukosyriens: quelques notes d'ethnographie sinopéenne a autora argumenta que a imagem de uma Sínope síria culmina no período helenístico, quando Plutarco, evoca o rapto de Sínope, filha de Asopo, por Apolo e o nascimento de Siro (2012, p. 86), mito que corresponde ao colocado no dicionário de Guimarães.

Agora, Autólico é dito ter sido um dos que fizeram uma expedição com Hércules da Tessália contra as Amazonas, um filho de Deímaco. Na viagem de regresso, em companhia de Demoleão e Phlogius, perdeu o seu navio, que naufragou no local denominado Pedalium, no Quersoneso; mas ele mesmo escapou, com suas armas e seus companheiros, e vindo para Sínope, tirou a cidade dos sírios. Esses sírios que estavam na posse da cidade eram descendentes, como se diz, de Siro, filho de Apolo, e de Sínope, filha de Asopo.

Plutarco, *Lucullus* 23

Assim como Braund e Manoledakis, Dan posiciona-se a favor da difusão do mito da presença das Amazonas no norte da Anatólia como relatado por Heródoto, Estrabão e Pseudo-Scymnus. O mito como descrito por Plutarco passa a impressão de uma tentativa de conciliar a existência de uma tradição muito difundida da presença das Amazonas na Anatólia, juntamente com as posteriores histórias de ninfas raptadas e realocadas que tinham seus nomes usados para designar uma nova apoikia. Devemos considerar também o momento em que cada autor escreve: Heródoto escreve no século V a.C., Estrabão e Diodoro Sículo durante o século I a.C., já Plutarco escreve muito depois dos demais autores, entre os séculos I e II d.C. Com o tempo as histórias se transformam e ganham outros tons, aqui estamos interessados naquelas tradições em que se reconhecia o homem grego dos períodos Arcaico e Clássico, e como elas se materializam no anverso e reverso das moedas.

2.4. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Às vezes, a economia regional do Mar Negro era fortemente interdependente. A estreita coordenação econômica e política entre as costas norte e sul incentivou a produção especializada e o interior de Sinop tornou-se ativamente engajado na cultura e no intercâmbio do Mar Negro. Em outras ocasiões, rivalidades políticas destacavam a

importância estratégica do porto de Sinop como um ponto de controle das comunicações leste-oeste do Mar Negro. (DOONAN, 2004, p. 6)

O Mar Negro é a arena na qual pessoas dessas regiões distintas se enfrentaram e cooperaram durante milênios. Sinop é o pivô das comunicações do Mar Negro, mediada pela relação econômica e política dessas regiões culturais e econômicas mais amplas. (DOONAN, 2004, p. 11)

Como já mencionado, a localização privilegiada de Sínop no Mar Negro proporcionou grande sucesso em sua rede de trocas. Ficou conhecida pela produção principalmente de vinho, azeite de oliva e um tipo de telha cerâmica funerária, sendo possível encontrar vestígios de suas produções ao longo das apoikias de Olbia, Istria e em Pichvnari. Porém, a economia local nem sempre foi voltada para o mar. Antes da repetida ocupação do assentamento de Sínop, durante o fim do segundo milênio e início do primeiro, os povos do norte da Anatólia davam preferência a assentamentos na hinterlândia, explorando seus recursos vegetais e animais. Doonan aponta que o local no qual “as pessoas viviam refletia suas prioridades: vales e cristas interiores e locais com vista para o mar, mas não diretamente na costa, eram frequentemente escolhidos desde o Neolítico até grande parte da Idade do Bronze (ca. 6000-1000 AC)” (2004, p.51-52). Já no decorrer do primeiro milênio o padrão se modifica e se inicia uma economia voltada para o mar, tirando vantagem das migrações anuais de *hamsi*, e dessa maneira perduram as ocupações sucessivas na costa, retirando o sustento do mar e também pelas águas realizando trocas.

Escavações conduzidas ao redor do Mar Negro mostram que as relações de troca de Sínop abrangiam toda sua região costeira, ocorrendo com mais intensidade com habitantes do Norte e do Leste. Na Cólquida, na costa leste, foram encontrados objetos de cerâmica e dracmas provenientes de Sínop, datadas a partir do século V a. C., achados que perduram até o período bizantino, mostrando consistência no comércio entre Sínop e as outras pólis e cidades ao Leste (INAISHVILI & KHALVASHI, 2009).

Dentre os nodos dessa rede de trocas que se formava no Mar Negro, os assentamentos de Sínop, Istria e Olbia apresentam frequentes paralelos em sua cerâmica, mesmo antes da ocupação grega. Nas moedas, veremos mais adiante que as três pólis também fazem a mesma escolha imagética para o reverso – a águia e o

golfinho. Para Doonan, as condições para integração entre as três regiões já existiam, e assim os milésios dariam continuidade com o estabelecimento de suas colônias.

Perto do final do segundo milênio, as comunicações com o norte do Mar Negro e a Anatólia central tornaram-se mais aparentes nos conjuntos de cerâmica, e um forte impulso em direção ao assentamento costeiro sugere uma exploração intensificada dos recursos marítimos. As ligações estreitas entre Sinop e o norte do Mar Negro demonstram que as interações transpônticas já estavam bastante desenvolvidas antes do estabelecimento das colônias gregas. Esses padrões podem sugerir que as pré-condições para uma economia pôntica integrada já estavam bem encaminhadas na época da colonização grega no primeiro milênio. (DOONAN, 2004, p. 67)

Em Olbia, apoikia de Mileto na costa Norte do Mar Negro, foram encontradas telhas de cerâmica, comumente usadas em sepultamentos (Fig. 22), bem como ânforas para transporte de azeite e vinho, *louteria*, e terracotas arquitetônicas produzidas em Sínope (KRPIVINA, 2009). Krapivina argumenta que a conexão entre as pólis foi estabelecida no século V a.C.– datação dada a partir de inscrições encontradas em Olbia, e a relação entre elas foi duradoura, com laços renovados mesmo após duas destruições pelas quais passou Olbia (KRPIVINA, 2009, p. 474). A partir da análise dos estilos de produção, observa-se que as telhas produzidas em Olbia, bem como de sua vizinha Quersoneso, foram influenciadas pela estética de Sínope, indicando o prestígio e a aceitação dos produtos provenientes de Sínope nos séculos IV e III a.C., sendo esta cidade um centro econômico de manufatura, ao lado de Heracleia Pôntica (STOYANOVA, 2009, p. 453).

Assim, as pólis eram estabelecidas para serem autônomas: gerenciando suas atividades econômicas, sejam comerciais, sejam agrícolas e sempre em negociações com as populações vizinhas e em contato com as demais apoikias, como demonstrado por Krapivina e Stoyanova. Observamos que as apoikias negociavam seus próprios produtos, como fez Sínope com o vinho e o óleo que produziam, e agiam como intermediárias entre gregos e não gregos no Mar Negro (BILD et al. 2008).

Na costa Oeste do Mar Negro as trocas de produtos foram menos intensas em comparação com as costas Leste e Norte, porém ainda é possível observar constância nas relações das pólis do Leste e do Norte com Sínope. As telhas funerárias fabricadas em Sínope e por ela exportadas são descritas pela pesquisadora Daniela Stoyanova como comuns nas necrópolis do Oeste, tendo seu auge no século VI a.C., com 17 estampas identificadas. A autora aponta que, até onde vão as evidências materiais encontradas no o momento, a importação de telhas de Sínope para as pólis mais influentes do litoral Oeste, em direção à Trácia – Orgame, Ístria, Mesembria e Apolônia Pôntica, foram em maior número durante o período Arcaico, decaindo no século V a.C. em época Clássica, até que cessou no Helenístico com a emergência de produções locais e importações de outras pólis (2009, p. 453).

Já artefatos de metal – fibulas, machados e enxós, encontrados na Trácia demonstram semelhanças com achados provenientes da Anatólia. Totko Stoyanov (2009) aponta para possíveis rotas de trocas para a chegada de tais influências em ambos os locais. Para o autor, Sínope teria contribuído para o desenvolvimento cultural e econômico da Trácia através de suas rotas de trocas realizadas especialmente com grupos do Norte da região ocupada pelos trácios, onde hoje é a divisa entre a Bulgária e a Romênia.

A distribuição de artefatos de cerâmica – ânforas de transporte e telhas usadas tradicionalmente em estruturas fúnebres, provenientes de Sínope ao longo das pólis dispersas nos quatro cantos do Mar Negro mostra sua influência e poder econômico, fatores que se refletem na quantidade de emissões monetárias e na importância de estampar nas moedas sua identidade de forma consistente e refletindo seu prestígio. Além da escolha de representação da mesma imagem no reverso das moedas de Sínope, Olbia e Ístria, exemplares de moedas provenientes de Sínope foram encontrados em escavações no litoral da Geórgia em sítios como o de Pichvnari, que pode ser visto na Figura 5 (INAISHVILI & KHALVASHI, 2009).

Já a partir do período Helenístico Sínope cresce rapidamente, principalmente em direção à hinterlândia, expandindo sua khóra e conseqüentemente sua produção agrícola. Também é nesse período que a presença comercial de Sínope se intensifica no Leste do Mar Negro (DOONAN, 2004).

2.5. DESENVOLVIMENTO POLÍTICO – NOTAS GERAIS

Os desdobramentos políticos em Sínope puderam ser em parte resgatados através das fontes escritas, em excertos dos quais destacamos os de Heródoto, Estrabão, Xenofonte, Plutarco e Enéas Tático.

Após ser fundada por Coos e Cretines, a pólis, que pode ter sido nessa fase ainda um empório (DOONAN, 2004), passou por um processo de nomeação que indica um possível acordo entre os colonos de Mileto e os habitantes locais. A hipótese surge devido à uma raiz capadócia ou trácia do nome “Sínope” (AVRAM, HIND & TSETSKHLADZE, 2004, p. 960). Podemos dizer que este foi o primeiro episódio político no surgimento da cidade, com o acordo entre duas partes para que o espaço fosse ocupado pelos recém chegados colonos. Logo após seu estabelecimento, Sínope fundou suas próprias apoikias no Mar Negro: *Kotyora*, *Kerasous* e *Trapezous* (IDEM, p. 961) (Fig. 10).



Figura 10 – Mapa do Sudeste do Mar Negro

(Retirado de <http://www.hellenicaworld.com/Greece/Geo/en/Sinope.html>, edição e tradução nossa)

Em descrição geral de Sínope, os autores Avram, Hind e Tsetskhladze comentam que pouco ainda se sabe sobre a cidade logo depois da colonização (2004). De acordo com os autores, em 436 a.C. a chegada dos atenienses na pólis retira do poder o tirano *Timesileos/Timesilaus*, que governou no fim do século V a.C. (IDEM; CASEY, 2010, p.3). A cidade então recebe um contingente de cerca de 600 atenienses, se tornando uma clerurquia de Atenas, ou seja, um posto/uma colônia militar. A intervenção de Atenas permanece enquanto essa pólis mantém a hegemonia entre os gregos, mas em 405, com seu declínio, partem de Sínope (AVRAM, HIND & TSETSKHLADZE, 2004, p. 961).

É relatado o domínio Persa na Capadócia e Paflagônia, dentre outras regiões, as quais eram obrigadas a pagar tributos aos sátrapas designados à região. A chegada dos persas liderados por Ciro II no Mar Negro (c. segunda metade do século VI a.C.), juntamente de grupos gregos apoiadores de seu governo, é relatada por Xenofonte em sua obra *Anábasis*, no capítulo 5 de seu quinto livro. Xenofonte fazia parte dos líderes de exército que chegaram na colônia de *Kotyora*, estabelecida por Sínope. Lá seus homens retiraram as provisões necessárias para a jornada, preocupando Sínope, que cobrava impostos de sua colônia, enviando um emissário ao local (XEN. Anab. 5.5.1-7).

Os persas reforçam seu poder com o ataque de Datames a Sínope em 370 a.C. (CASEY, 2010, p. 4). A resposta da cidade aos primeiros ataques de Datames é relatada por Enéas:

4. Os homens de Sínope, quando em guerra com Datames, estavam numa posição crítica e carentes de homens. Eles, portanto, disfarçaram e armaram as mulheres mais aptas, de modo a fazê-las parecerem tanto homens quanto pudessem, deram-lhes jarros e utensílios de latão semelhantes para representar armaduras e capacetes, e as fizeram marchar ao redor das paredes à vista do inimigo. 5. Elas não tinham permissão para jogar nada: pois você pode dizer a uma mulher muito longe pelo jeito que ela joga. E tiveram o cuidado de evitar a traição do estratagema pelos desertores.

Enéas Tático 40.1.4-5

Apesar dos esforços, Sínope não consegue se defender das investidas de Datames e é por ele conquistada. Assim, Datames passa a cunhar moedas em Sínope

com seu emblema, como pode ser observado em nosso repertório de moedas no Capítulo 3.

Apesar das peripécias políticas, as estampas de ânforas datadas dos períodos Arcaico e Clássico, provenientes de Sínope e encontradas em escavações conduzidas nas pólis do litoral Oeste do Mar Negro puderam ser identificados pelo menos 164 magistrados de Sínope (KRAPIVINA, 2012; DOONAN, 2004), que eram investidos de algum poder, dentre eles a escolha das imagens representativas da cidade, as quais, apesar das mudanças no poder político da pólis, mostram certa consistência durante os períodos Arcaico e Clássico, apresentando a imagem da águia predando o golfinho, como veremos mais adiante no Capítulo 4.

CAPÍTULO 3 – REPERTÓRIO DE MOEDAS

PARTE I

3.1. REPERTÓRIO DE MOEDAS DE SÍNOPE

Em seu artigo *Histoire monétaire e financière du monde grec*, François de Callatäy distribuiu as moedas de Sínope em dois momentos, de acordo com os seus padrões estilísticos, que aqui traduzimos como “Primeira Cunhagem” e “Segunda Cunhagem”. Consideramos sua análise pertinente e didática para nosso estudo e, portanto, nosso repertório que aqui se apresenta está subdividido como propõe de Callatäy. Essa divisão em etapas proposta por de Callatäy nos permite observar a evolução das técnicas de cunhagem, bem como das imagens escolhidas para as moedas de Sínope, a persistência ou variação das figuras e das inscrições. Podemos observar os períodos em que Sínope cunhou moedas sob domínio persa – essas contendo inscrições em aramaico, cunhadas durante o período do Império Aquemênida (JOHNSON, 2010), e possivelmente voltadas para a circulação na Paflagônia e Capadócia, como sugere Casey para o caso das moedas de Amisos com inscrições em aramaico (CASEY, 2010, p.4). Quando a cidade foi tomada por Datames, também sátrapa persa, vemos uma mudança no tipo monetário, sendo cunhado no reverso um peixe com inscrição ΔATA, substituindo a tradicional águia sobre golfinho.

A cunhagem de Sínope se iniciou durante o período Arcaico e se estendeu até a dominação romana. Durante os períodos Arcaico e Clássico Sínope cunhou moedas em prata, seguindo padrão eginético de peso e medida, o que sugere que no início de sua cunhagem a pólis possa ter estabelecido trocas com as cidades do Egeu (IDEM, p. 3). No Helenístico a cidade continua cunhando em prata, e em período romano Sínope passa a cunhar moedas também em bronze. Em grande parte, as inscrições que constam se referem à etnia da cidade: ΣΙΝΩ e alguns magistrados. Aqui não nos deteremos nas inscrições, pois nesse período elas eram objetivas para serem entendidas mesmo pela população que ainda não era letrada, como privilegiamos neste estudo as imagens nas moedas, as inscrições não serão exploradas a fundo.

Nota-se que o padrão de pesos eginético predominava entre as pólis do Egeu. Atenas sempre cunhou no padrão ático-euboico, o que quer dizer que mesmo quando Sínope recebeu uma clerurquia ateniense, o padrão e os tipos monetários de suas moedas não foram alterados.

As imagens representativas do presente repertório não seguem o modelo de apresentação dos catálogos tradicionais, onde são respeitadas as suas proporções originais, mas se encontram em tamanho aumentado. Nossa escolha por não manter os padrões de escala se dá em prol da maior facilidade de visualização das imagens quando em maior tamanho, tendo em vista que nossa pesquisa pretende analisar as imagens cunhadas nessas moedas. Precisamos de boa visualização dessas imagens para entendê-las. Constam nas descrições também o metal empregado, o peso e o tamanho (em diâmetro) originais das moedas, quando sabidos. Além disso, tanto as imagens aqui reproduzidas das moedas de Sínope, quanto as demais em nosso repertório de referências, foram retiradas de catálogos online, em sua maioria do *Mantis* da Sociedade Americana de Numismática, e do *Sylloge Nummorum Graecorum* da Academia Britânica. Em alguns casos, quando nenhuma dessas duas bases de dados possuíam boas imagens de determinadas moedas, também recorreremos a catálogos de venda direcionados aos colecionadores de moedas. Escolhemos para o repertório de Sínope moedas cujo acesso online foi possível e de acordo com as mudanças estilísticas observadas na cunhagem da cidade.

A Parte II do presente repertório de moedas funciona como repertório de referências para análise das moedas de Sínope apresentadas na Parte I. Escolhemos como referências moedas cujos tipos monetários mostram alguma correlação com os tipos que observamos nas moedas cunhadas por Sínope. As moedas cunhadas por pólis da Sicília, além de apresentarem semelhanças nas escolhas de imagens para cunhagens, também são conhecidas por inovarem e exportarem esquemas imagéticos para as demais pólis gregas, como será tratado no próximo capítulo. Já outras pólis das quais selecionamos tipos monetários apresentaram relações seja com Mileto, seja diretamente com Sínope, gerando possíveis desdobramentos nas trocas culturais, políticas e econômicas que podem ter se refletido nas escolhas de tipos monetários, como também veremos no próximo capítulo, e que servirão para adensar a discussão sobre o significado das imagens monetárias de Sínope.

PRIMEIRA CUNHAGEM – SÉCULO V A.C.**Fase 1**

1. Anv. Cabeça de águia, golfinho abaixo à e.
Rev. Quadrado incuso quadripartido com dois glóbulos no centro
Denominação: Dracma (Peso: 5,93 gm)



Ref. *Mantis* n. 1944.100.41687

<http://numismatics.org/collection/1944.100.41687?lang=en>

(Acesso em 09/11/20)

(Acesso em

em

2. Anv. Cabeça de águia à d.
Rev. Quadrado incuso quadripartido com dois glóbulos no centro
Denominação: Dracma (Peso: 6,32 gm. Tamanho: 18mm)



Ref. *Coin Archives*

<https://www.coinarchives.com/a/lotviewer.php?LotID=1607819&AucID=3399&Lot=91&Val=a1851b10e8b51bba049d0821911b344c> (Acesso em 17/03/20)

Fase 2

3. Anv. Cabeça de águia, golfinho abaixo à e.
Rev. Quadrado incuso quadripartido, inscrição monograma B
Denominação: Didracma (Peso: 6,00 gm)



Ref. *Mantis* n. 1972.184.17

(<http://numismatics.org/collection/1972.184.17?lang=en>) (Acesso em 17/03/20)

4. Anv. Cabeça de águia, golfinho abaixo à e.
Rev. Quadrado incuso quadripartido, inscrição monograma I (podem aparecer outras letras)
Denominação: Didracma (Peso: 6,16 gm)



Ref. *Mantis* n. 1944.100.41695

(<http://numismatics.org/collection/1944.100.41695?lang=en>) (Acesso em 17/03/20)

SEGUNDA CUNHAGEM

Fase 1 (400 / 380-370 a.C.?)

5. Anv. Cabeça feminina à e., cabelos presos em *sphendone*, brincos, orla pontilhada
 Rev. Águia com golfinho nas garras à e., étinico ΣΙΝΩ embaixo do golfinho
 Denominação: Dracma (Peso: 5,91 gm. Tamanho: 19,4mm)



Ref. *Forum Ancient Coins*

<http://www.forumancientcoins.com/catalog/roman-and-greek-coins.asp?vpar=1384&pos=0&iop=25&sold=1> (Acesso em 09/11/20)

6. Anv. Cabeça feminina à e., cabelos presos em *sphendone*, orla pontilhada, à altura do pescoço, à d., monograma NI.
 Rev. Águia com golfinho nas garras à e., étinico ΣΙΝΩ embaixo do golfinho, monograma ΔE entre o golfinho e a águia, monograma OK entre o corpo e asas da águia à d.
 Denominação: Dracma (Peso: 6,07 gm)



Ref. *Mantis n. 1944.100.41713*

<http://numismatics.org/collection/1944.100.41713?lang=en>

(Acesso em

15/12/20)

7. Anv. Cabeça feminina à e., cabelos presos em *sphendone*, orla pontilhada
Rev. Águia com golfinho nas garras à e., monograma MI entre corpo e asas da águia à d.

Denominação: Dracma (Peso: 5,89 gm. Tamanho: 19mm)



Ref.: *Coin Archives*

<https://www.coinarchives.com/a/lotviewer.php?LotID=1599211&AucID=3374&Lot=172&Val=cfedf74c961aba4e28e281749115742c> (Acesso em 09/11/20)

8. Anv. Cabeça feminina à d., cabelos presos em *sphendone*
Rev. Águia em $\frac{3}{4}$ à e.

Denominação: Hemidracma (Peso: 2.92 gm. Tamanho: 17mm)



Ref. SNGuk_0509_0279

<http://www.sylloge-nummorum-graecorum.org/> (Acesso em 21/12/20)

9. Anv. Cabeça feminina à d., cabelos presos em *sphendone*, orla pontilhada
Rev. Águia com golfinho nas garras à e., monograma MIKA entre o corpo e asas da águia à d. e étinico ΣΙΝΩ embaixo do golfinho

Denominação: Dracma (Peso: 5,92 gm. Tamanho: 17mm)



Ref. ID: *Coin Archives*

<https://www.coinarchives.com/a/lotviewer.php?LotID=1707501&AucID=3846&Lot=30&Val=e00e1c78bdc358550fdc723fa849f268> (Acesso em 21/12/20)

10. Anv. Cabeça feminina à e., cabelos presos em *sphendone* meio soltos, colar, orla pontilhada
 Rev. Águia com golfinho nas garras à e., monograma XA entre corpo e asas da águia à d. e étnico ΣΙΝΩ embaixo do golfinho
 Denominação: Dracma (Peso: 6,14 gm. Tamanho: 18mm)



Ref. ID: SNGuk_0509_0278

<http://www.sylloge-nummorum-graecorum.org/> (Acesso em 21/12/20)

11. Anv. Cabeça feminina à e., cabelos presos em *sphendone*, colar e brincos, orla pontilhada
 Rev. Águia de frente, asas abertas e cabeça à e., étnico ΣΙ à e. e ΝΩ à d.
 Denominação: Hemidracma (Peso: 2,797 gm. Tamanho: 14,88mm)



Ref. *Forvm Ancient Coins*

<https://www.forumancientcoins.com/catalog/roman-and-greek-coins.asp?param=56896q00.jpg&vpar=1384&zpg=69165&fld=https://www.forumancientcoins.com/Coins2/> (Acesso em 09/11/20)

12. Anv. Cabeça feminina à e., cabelos presos em *sphendone*, colar e brincos, orla pontilhada.
 Rev. Águia de frente, cabeça à e., étnico ΣΙ à e., ΝΩ à d., monograma ΠΡ à d. sobre a inscrição anterior.
 Denominação: Hemidracma (Peso: 2,94 gm. Tamanho: 15mm)



Ref.: *WildWinds*

<http://www.wildwinds.com/coins/greece/paphlagonia/sinope/i.html> (Acesso em 05/11/20)

13. Anv. Cabeça feminina à d., cabelos presos em *sphendone*, brincos, orla pontilhada.
 Rev. Peixe à d., monograma ΔATA embaixo do peixe.
 Denominação: Óbolo (Peso: 0.592 gm. Tamanho: 10,6mm)



Ref. *Forum Ancient Coins*

<https://www.forumancientcoins.com/catalog/roman-and-greek-coins.asp?param=88090q00.jpg&vpar=1384&zpg=95495&fld=https://www.forumancientcoins.com/Coins2/> (Acesso em 17/03/20)

14. Anv. Cabeça feminina à direita, cabelos presos em *sphendone*, com brincos, orla pontilhada
 Rev. Peixe à e., monograma ΔATA embaixo do peixe.
 Denominação: Óbolo (Peso: 0.67 gm. Tamanho: 9mm)



Ref. *Asia Minor Coins*

https://www.asiaminorcoins.com/gallery/displayimage.php?album=38&pid=13232#top_display_media (Acesso em 09/11/2020)

15. Anv. Cabeça feminina de frente, cabelos repartidos ao meio
 Rev. Águia com golfinho nas garras à e., étinico ΣΙΝΩ embaixo do golfinho, monograma N entre o corpo e as asas da águia
 Denominação: Hemióbolo (Peso: 0,43 gm. Tamanho: 8,5mm)



Ref. *Coin Archives*

<https://www.coinarchives.com/a/lotviewer.php?LotID=1596688&AucID=3371&Lot=196&Val=e8058805f261aef960b14e680ef22e06> (Acesso em 10/03/20)

16. Anv. Cabeça feminina em 3/4, cabelos repartidos ao meio, brincos e colar.
 Rev. Águia de frente, cabeça à e., étinico ΣΙ à e. e ΝΩ à d.
 Denominação: Trihemióbolo (Peso: 1,48 gm. Tamanho: 11mm)



Ref. *Coin Archives*

<https://www.coinarchives.com/a/lotviewer.php?LotID=1711284&AucID=3879&Lot=72&Val=a8f7af7d01c1bf4437077673044f8610> (Acesso em 09/11/20)

Fase 2 (c. 370-350 a.C.)

17. Anv. Cabeça feminina à e., cabelos presos em *sphendone*, colar e brincos, orla pontilhada, *aphlaston* à e.
 Rev. Águia com golfinho nas garras à e., monograma ΘΕΘΓΕ[I] entre o corpo e as asas da águia, étinico ΣΙΝΩ embaixo do golfinho.
 Denominação: Dracma (Peso: 5,97 gm. Tamanho: 20mm)



Ref.: *Coins Archives*

<https://www.coinarchives.com/a/lotviewer.php?LotID=1599213&AucID=3374&Lot=174&Val=bab1213e89d73b44d0c0ea7203935f15> (Acesso em 17/03/20)

18. Anv. Cabeça feminina à e., cabelos presos em *sphendone*, colar e brincos, orla pontilhada
 Rev. Águia com golfinho nas garras à e., inscrição em aramaico embaixo do golfinho.
 Denominação: Didracma (Peso: 5.58 gm)



Ref.: *Mantis* n. 1977.158.236

<http://numismatics.org/collection/1977.158.236?lang=en> (Acesso em 16/03/22)

19. Anv. Cabeça feminina à e., cabelos presos em *sphendone*, colar e brincos, orla pontilhada, *aphlaston* à e., inscrição pontilhada em aramaico à d.
 Rev. Águia com golfinho nas garras à e., inscrição em aramaico embaixo do golfinho.
 Denominação: Dracma (Peso: 5,52 gm. Tamanho: 19mm)



Ref.: *Coin Archives*

<https://www.coinarchives.com/a/lotviewer.php?LotID=1671720&AucID=3569&Lot=165&Val=0242b4c279b14e41be5718c79ec366cb> (Acesso em 15/12/20)

PARTE II

3.2. REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS

Além do repertório de moedas de Sínope, selecionamos também um conjunto de referências de elementos imagéticos em cunhagens das pólis de: Cízico, Neápolis, Siracusa, Ístria, Olbia e Terina. Nelas é possível observar a recorrência de figuras que

também estão presentes nas moedas de Sínope, ou que podem nos ajudar a compreender melhor as imagens cunhadas pelos gregos. Apresentamos também uma moeda de Sínope de período Helenístico, que marca uma transição no repertório imagético da cidade.

Sínope (período Helenístico)

20. Anv. Cabeça feminina à e. com coroa torreada, orla pontilhada.
 Rev. Proa de navio, *aphlaston* de pontas decoradas à e., étnico ΣΙΝΩ acima e monograma Π P à e.
 Denominação: Tetraóbolo (Peso: 2,43 gm. Tamanho: 14mm)



Ref.: *Coin Archives* n. 1944.100.41792

<https://www.coinarchives.com/a/lotviewer.php?LotID=1610448&AucID=3403&Lot=154&Val=b6651e9b93e97b7d94336de1dcaed282> (Acesso em 10/03/20)

Cízico

A pólis de Cízico era localizada na região da Mísia, no noroeste da Anatólia na costa da Propôntida (Fig. 5). Abaixo foram selecionadas moedas que demonstram a variedade de tipos iconográficos de anverso de Cízico e o quadrado incuso no reverso. Percebemos que apesar da figura que ocupa maior espaço no anverso variar, a pólis escolhe manter sempre o peixe, frequentemente abaixo dessa figura maior.

21. Anv.: Cabeça masculina à e. em frente ao peixe (atum?).
 Rev. Quadrado incuso quadripartido.
 Denominação: Estatér em ouro (Peso: 16,07 gm. Tamanho: 17mm)
 Data: 500-475 a.C.



Ref.: Mantis n. 1967.152.402

<http://numismatics.org/collection/1967.152.402?lang=en> (Acesso em 25/11/21)

22. Anv. Homem montado em golfinho segurando peixe à e., sobre peixe (atum?).
 Rev. Quadrado incuso quadripartido.
 Denominação: Estatér em ouro (Peso: 15,93 gm. Tamanho: 21mm)
 Data: 480-470 a.C.



Ref.: Mantis n. 470 BC. 1974.53.7

<http://numismatics.org/collection/1974.53.7> (Acesso em 25/11/21)

23. Anv. Cabeça masculina à e. sobre peixe (atum?).
 Rev. Quadrado incuso quadripartido.
 Denominação: Estatér em ouro (Peso: 15,99 gm. Tamanho: 18mm)
 Data: 475-410 a.C.



Ref.: Mantis n. 1944.100.42714

<http://numismatics.org/collection/1944.100.42714?lang=en> (Acesso em 25/11/21)

24. Anv.: Homem (Odisseu ou Phrixus) usando capacete píteo, com espada em punho ajoelhado sobre criatura (carneiro?), sobre peixe (atum?).
 Rev. Quadrado incuso quadripartido.
 Denominação: Estatér em ouro (Peso: 15,91 gm. Tamanho: 18mm)
 Data: 475-410 a.C.



Ref.: Mantis n. 1967.152.405

<http://numismatics.org/collection/1967.152.405?lang=en> (Acesso em 25/11/21)

25. Anv.: Duas águias pousadas em um *omphalos* sobre peixe.
 Rev. Quadrado incuso quadripartido.
 Denominação: Estatér em ouro (Peso: 16,03 gm. Tamanho: 19mm)
 Data: 410-380 a.C.



Ref.: Mantis n. 1975.44.7

<http://numismatics.org/collection/1975.44.7?lang=en> (Acesso em 25/11/21)

Neápolis

Localizada na Campânia – na Magna Grécia –, Neápolis cunhou moedas com cabeça feminina no anverso e no reverso, cujas descrições no catálogo *Mantis* e nos sites de venda ora dizem “cabeça de ninfa”; ora se referem genericamente como “cabeça feminina”. Podemos perceber nos exemplares abaixo que, enquanto essa cabeça feminina ocupa o anverso possui mais ornamentos em comparação com aquela de reverso, efeito que pode ser parte da evolução dessa figura.

26. Anv.: Górgona à frente.
 Rev. Cabeça feminina à d., inscrição à e. sobre a cabeça: étinico N, e atrás do pescoço Π
 Denominação: Hemidracma de prata (Peso: 1,861 gm)
 Data: 480-300 a.C.



Ref.: Mantis n. 1960.170.21

<http://numismatics.org/collection/1960.170.21> (Acesso em 25/11/21)

27. Anv.: Cabeça da ninfa Parténope à e., atrás lira
 Rev. Nike sobrevoando boi androprosopo à. d., inscrição abaixo: étinico NEΑΠΟΛΙΤΩ[N]
 Denominação: Didracma de prata (Peso: 7,36 g. Tamanho: 19mm)
 Data: 350-300 a.C.



Ref.: Mantis n. 1997.9.147

<http://numismatics.org/collection/1997.9.147> (Acesso em 25/11/21)

Taras/Tarento

Taras era localizada na Magna Grécia, na costa sul do que hoje conhecemos como Itália. Foi fundada por espartanos e era um polo econômico e cultural, em época Arcaica e Clássica.

28. Anv.: Cavaleiro montado em cavalo à d., embaixo *kantharos*
 Rev. Taras sobre golfinho à e., inscrição à d.: étnico TAPΑΣ
 Denominação: Didracma de prata (Peso: 6,5 gm. Tamanho: 22mm)
 Data: 365 - 355 a.C.



Ref.: Mantis n. 2001.21.6

<http://numismatics.org/collection/2001.21.6?lang=en> (Acesso em 25/11/21)

Siracusa

A pólis de Siracusa era localizada na ilha da Sicília. Foi uma das responsáveis pela disseminação de determinadas formas nas cunhagens monetárias, como por exemplo modelos de cabeças femininas e respectivos penteados e joias que adornavam essas cabeças femininas, como veremos no capítulo seguinte.

29. Anv.: Cabeça da ninfa Aretusa à e.
 Rev.: Polvo em borda pontilhada
 Denominação: Litra de prata (Peso: 0,77 gm)
 Data: 400-350 a.C.



Ref.: Mantis n. 1944.100.56925

<http://numismatics.org/collection/1944.100.56925> (Acesso em 30/11/21)

30. Anv.: Cabeça da ninfa Aretusa à e., golfinhos ao redor, orla pontilhada, inscrição
à e.: étinico ΣΥΡΑΚΟΣΙΩΝ
Rev.: Polvo à frente
Denominação: Litra de prata (Peso: 0,75 gm. Tamanho 10,7mm)
Data: 405-395 a.C.



Ref.: Mantis n. 1957.172.1868

<http://numismatics.org/collection/1957.172.1868> (Acesso em 30/11/21)

31. Anv.: Pégaso à e.
Rev.: Cabeça da ninfa Aretusa à e., três golfinhos ao redor
Denominação: 3 litras de prata (Peso: 2,63 gm)
Data: 344-317 a.C.



Ref.: Mantis n. 1944.100.56916

<http://numismatics.org/collection/1944.100.56916> (Acesso em 30/11/21)

32. Anv.: Cabeça da ninfa Aretusa à e.
Rev.: Golfinho à d. sobre concha
Denominação: ½ litra de bronze (Peso: 3,45 gm)
Data: 405 a.C.



Ref.: Mantis n. 1910.89.1

<http://numismatics.org/collection/1910.89.1> (Acesso em 01/12/21)

Ístria

Localizada na costa oeste do Mar Negro, Ístria foi uma das pólis a manter constantes relações de troca com Sínope e Olbia.

33. Anv.: Cabeças masculinas de frente, à d. invertida (Apolo?)
 Rev.: águia predando golfinho à e., sobre a águia inscrição: étnico ΙΣΤΡΙΑ,
 abaixo do golfinho inscrição: monograma M
 Denominação: Dracma de prata (Peso: 5,57 gm)
 Data: c. séc. IV-III a.C.



Ref.: Sylloge Nummorum Graecorum n. SNGuk_0504_3422
http://www.s137585473.websitehome.co.uk/SNG/images/Images_SNG/05/Big/0504_3422.jpg (Acesso em 01/12/21)

Olbia

Localizada na costa norte do Mar Negro, Olbia possuía fabricação de peças de bronze representando golfinhos anterior à sua cunhagem monetária, possuindo peso padronizado. A figura do golfinho continuou a aparecer no reverso de suas moedas, agora juntamente com a águia.

34. Formato: golfinho
 Prata (Peso 3,73 gm. Tamanho: 42x12mm)
 Data: c. fim do século V a.C.



Ref.: Wildwinds n. 362
https://www.wildwinds.com/coins/greece/sarmatia/olbia/SNGBMC_362.jpg
 (Acesso em 01/12/21)

35. Anv.: Górgona de frente
 Rev.: Águia sobre golfinho à e., inscrição à e.: étnico O, inscrição à d. B
 espelhado
 Denominação: Desconhecida. Prata (Peso: 17,19 gm. Tamanho: 36mm)
 Data: 400-350 a.C.



Ref.: Wildwinds n. 396ff
https://www.wildwinds.com/coins/greece/sarmatia/olbia/SNGBMC_396ff.txt
 (Acesso em 01/12/21)

36. Anv.: Cabeça feminina de frente com colar duplo de pérolas
 Rev.: Águia sobre golfinho, abaixo ramo de palma, acima inscrição étnico
 OLBIH
 Denominação: Dracma de prata (sem pesagem/medição)
 Data: c. séc. IV a.C.



Ref.: Wildwinds n. 235
https://www.wildwinds.com/coins/greece/sarmatia/olbia/Frolova_235.jpg
 (Acesso em 01/12/21)

Terina

Pólis localizada na Magna Grécia, no Golfo de Sta. Eufêmia.

37. Anv.: Cabeça da ninfa Terina à d., inscrição à d.: étnico TEPINAIΩN
 Rev.: Nike sentada em um cipo segurando um pássaro na mão direita
 Denominação: Estatér de prata (Peso: 7,65 gm)
 Data: 400-356 a.C.



Ref.: Mantis n. 1967.152.112

<http://numismatics.org/collection/1967.152.112> (Acesso em 26/11/21)

Messina (Zankle)

Pólis localizada na Magna Grécia, na Sicília, na entrada do golfo de mesmo nome. Era anteriormente chama de Zankle pela população local, nome que significa foice. Possui um porto natural no formato de foice, o qual aparece nas primeiras cunhagens da cidade.

38. Anv.: Golfinho dentro de porto à e., orla pontilhadas, inscrição abaixo do golfinho: DANKLE
 Rev.: Concha no centro de padrão incuso
 Denominação: Dracma de prata (Peso: 5,94 gm)
 Data: c. 500 a.C.



Ref.: Mantis n. 1944.100.8592

<http://numismatics.org/collection/1944.100.8592?lang=en> (Acesso em 06/12/21)

Akragas

Pólis localizada ao sul da Sicília e fundada pelos habitantes de Gela, banhada pelo rio também chamado de Akragas.

39. Anv.: Águia à e., inscrição étnico AKRA
 Rev.: Caranguejo
 Denominação: Didracma de prata (Peso: 8,34 gm)
 Data: c. 480 a.C.



Ref.: *Mantis* n. 987.25.12

<http://numismatics.org/collection/1987.25.12?lang=en> (Acesso em 06/12/21)

40. Anv.: Águia à d. sobre lebre à d.
 Rev.: Caranguejo, abaixo lagostim ou peixe à d.
 Denominação: Hemidracma de prata (Peso: 1,84 gm)
 Data: c. 415 a.C.



Ref.: *Mantis* n. 1984.46.26

<http://numismatics.org/collection/1984.46.26?lang=en> (Acesso em 06/12/21)

41. Anv.: Quadriga à e.; acima, águia, abaixo, caranguejo
 Rev.: Duas águias predando lebre à e. sobre campo, cigarra à d.
 Denominação: Decadracma de prata (sem pesagem/medição)
 Data: c. 412 a.C.



Ref.:

<http://www.panorama-numismatico.com/wp-content/uploads/decadramma-cng.jpg> (Acesso em 03/05/22)

Cime

Pólis localizada na Eólia, próxima aos lídios, na Anatólia.

42. Anv.: Cabeça de Cime à d., cabelos em *sphendone*, orla pontilhada
 Rev.: Cavalo à d., abaixo exergo e monograma ΠΥΘΑΣ, acima étnico KYMAI, monograma M
 Denominação: Tetradracma de prata (Peso: 8,45 gm)
 Data: c. começo do século III



Ref.: *Sylloge Nommorum Graecorum* ID: SNGuk_0601_0872
http://www.s391106508.websitehome.co.uk/PHP/SNG_PHP/04_03_Reply.php?Series=SNGuk&AccessionNo=0601_0872 (Acesso em 06/12/21)

Solos

Pólis localizada na Cilícia, na costa sul da atual Turquia, no extremo oposto de Sínope. Estabelecida por colonos provenientes de Argos e Lindos.

43. Anv.: Amazona à e., ajoelhada portando aljava na cintura, arco em mãos, orla pontilhada
 Rev.: Cacho de uvas, abelha à d., inscrição étnico [Σ]ΟΛΕΥΝ à e., orla quadrada pontilhada
 Denominação: Estatér de prata (peso: 10,78 gm)
 Data: c. 440-410 a.C.



Ref.: *Sylloge Nommorum Graecorum* ID: SNGuk_0101a0195
http://www.s391106508.websitehome.co.uk/PHP/SNG_PHP/04_03_Reply.php?Series=SNGuk&AccessionNo=0101a0195 (Acesso em 06/12/21)

Korykos

Pólis costeira e portuária localizada na Cilícia, na costa sul da atual Turquia, próxima a pólis de Solos e no extremo oposto de Sínope.

44. Anv.: Aphlaston, inscrição étnico ΚΩ à e., PYKI à d.
 Rev.: Caduceu com asas, inscrição monograma AYTO à d., monograma NOMOY à e., orla pontilhada
 Denominação: Desconhecida. Prata (Peso: 4,56 gm, emissão autônoma.
 Tamanho: 17mm)
 Data: c. 100-0 a.C.



Ref.: *Coin Archives*

<https://www.coinarchives.com/a/lotviewer.php?LotID=1991324&AucID=4713&Lot=112&Val=c3cb664bd754ab6f52b178528c11cdad> (Acesso em 04/05/22)

Alexandre III, o Grande

As cunhagens de Alexandre III da Macedônia são características por apresentarem em seus aversos a representação do rei como Hércules vestindo a cabeça do leão de Nemeia. Diversos tipos monetários de reverso foram cunhados durante seu reinado, alguns onde apenas os tipos secundários sofriam modificações. Abaixo destacamos um tipo monetário de reverso com Zeus Aëtophoros sentado, segurando água e cetro, onde à esquerda vemos o aphlaston como tipo secundário.

45. Anv.: Cabeça de Hércules/Alexandre III à d. vestindo pele de leão
Rev.: Zeus Aëtophoros sentado à e., segurando águia e cetro; aphlaston à e.
Denominação: Dracma de prata (Peso: 3,9 gm. Tamanho: 17,3mm)
Data: c. 336-323 a.C.



Ref.: *Coin Archives*

<https://www.coinarchives.com/a/lotviewer.php?LotID=2058480&AucID=4895&Lot=73&Val=14d7e7066f1fbf21ecd6ed3aa9fb4cd2> (Acesso em 04/05/22)

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE MATERIAL

4.1. DO IMAGINÁRIO AO MATERIAL

O imaginário grego é permeado por um conjunto de códigos, por vezes compartilhados com populações locais, com as demais pólis, ou com seus vizinhos. Estes códigos foram construídos através das intensas redes de trocas e migrações, dadas essencialmente através do transporte marítimo (MALKIN, 2012). Nesse sentido, a imagética, como um todo, externaliza os códigos compartilhados nesse imaginário helênico, permitindo que sejam observados em múltiplos artefatos por todo seu território. A moeda não é nenhuma exceção: a representação nas cunhagens monetárias de deuses, monstros, riquezas naturais ou embarcações se repete, segue tendências da época expressando os códigos escolhidos pela pólis para sua representação.

Considerando o compartilhamento de códigos entre os gregos, juntamente com a complexidade apresentada no quesito do mito fundador de Sínope, se propõe aqui um estudo comparativo, esmiuçando os elementos dos tipos monetários presentes em nosso repertório e buscando suas incidências nas cunhagens de outras pólis, mas também em artefatos de cerâmica, mosaicos e esculturas. Benson (2008, p. 2) aponta que as descobertas arqueológicas raramente são correspondentes ao que buscamos na iconografia, já que a última possui sua própria linguagem simbólica. Assim, os problemas a serem explorados nessa análise são: 1) a aceitação da cabeça feminina, presente nos anversos, como a de uma ninfa heroína que dá seu nome à pólis de Sínope, já que isso implicaria também na aceitação desse mito de origem como aquele eleito como representante da identidade local. 2) a incidência das imagens da águia e do golfinho no reverso das moedas de Sínope e sua relação com imagens semelhantes em outras moedas gregas e demais artefatos com representação imagética produzida por gregos e não gregos. Vamos explorar também as possíveis origens da composição de imagem onde uma ou duas águias predam um animal, e da águia sozinha. 3) levaremos em consideração também as demais imagens retratadas em pequena escala em anverso e reverso, e qual a relação, se há, entre os dois lados da moeda.

Importante lembrar que estamos considerando que as moedas não eram apenas um meio de efetivação de trocas, mas que elas ocupavam um lugar singular na cultura grega, permeadas por essa esfera religiosa que considerava o metal um elemento mágico, que combinado com as representações de deuses e monstros, podia ganhar um sentido apotropaico (FLORENZANO, 2000). Além disso, as moedas podiam servir de suporte ao registro da introdução de novos elementos de um determinado culto ou de novos traços de uma divindade específica (LAKY, 2008). Desse modo, analisamos a seguir os tipos monetários cunhados em Sínope e apresentados no capítulo anterior, levando em consideração que é uma característica das representações imagéticas gregas, dos períodos Arcaico e Clássico, que estas sejam facilmente reconhecidas por um repertório comum de códigos (AGRE, 2011, p. 42), que se consolida no século IV a.C. e que é reapropriado localmente. Para enriquecer nossa análise e compreender as manifestações do contato com outros povos, bem como a dinâmica dos *clusters* que Sínope fazia parte e seus emaranhamentos culturais, dos quais falamos anteriormente, utilizaremos as referências numismáticas também apresentadas no capítulo anterior, bem como outras referências pertinentes e que estão presentes em objetos de cerâmica, armaduras e afrescos.

4.2. ANVERSO – A CABEÇA FEMININA

A cabeça feminina está presente no anverso de quase todos os tipos monetários de Sínope, perdura por vários séculos na cunhagem monetária da pólis e marca a primeira transição das cunhagens com a cabeça de uma águia, ou com a cabeça de uma águia sobre um golfinho no anverso, e o quadrado incuso no reverso, característicos do início da cunhagem monetária. Hoje podemos encontrar exemplares em catálogos como o *Mantis* e o *Sylloge Nummorum*, bem como em sites de venda para colecionadores como o *Coin Archives* onde a imagem é frequentemente descrita como “cabeça da ninfa Sínope”. Podemos perceber que esse tipo de descrição é frequente, muitas cabeças femininas encontradas em moedas gregas dos períodos Arcaico e Clássico são descritas como ninfas, deusas ou genericamente como “cabeça feminina”.

Nesse sentido, Grazia Salamone, em apresentação para o *International Numismatic Congress* realizado em Taormina em 2015, aborda a problemática das nomenclaturas a essas figuras femininas. Salamone aponta que a representação da cabeça feminina fazia parte de um conjunto de frequente incidência nas moedas gregas a partir do século V a.C., sobretudo na Sicília e na Ásia Menor, e poderia aparecer de perfil, em posição $\frac{3}{4}$ ou frontal. No caso das figuras nas moedas de Sínope em nosso catálogo vemos a ocorrência da cabeça feminina nas três formas, porém, majoritariamente de perfil.

4.2.1. A CABEÇA ORNAMENTADA

Ornamentando a face representada nas moedas gregas podemos observar uma porção de brincos, brincos com pendentives, colares, penteados e adornos nos cabelos e cabeça. Esses elementos secundários associados à cabeça podem ser um atributo, como o pólos de Hera, ou parte da forma como as mulheres de adornavam à época, ou, como ressalta Salamone (2015) e Manenti (2015), símbolos de um ritual de passagem feminino. O pólos de Hera indica seu status como a deusa, de mesmo modo que o elmo coríntio indica a deusa Atena. Já no fim do período Clássico, e sobretudo no Helenístico, algumas cabeças femininas ganham a coroa torreada, símbolo da defesa da cidade, ou mesmo personificação da cidade. No caso da coroa de espigas siciliana, Salamone diz que esse símbolo remete à natureza e às *korai*, jovens que ainda não se tornaram mãe (2015, p.411). Para a autora, as coroas com elementos de vegetação quando adornando cabeças femininas fazem essa referência aos aspectos de ninfa.

Ainda sobre os ornamentos observados nas cabeças femininas cunhadas pelas pólis gregas, Angela M. Manenti (2015) diz que as joias refletiam a moda do momento, evidenciando seus usos. A autora analisa a cunhagem da cabeça de Aretusa, da pólis de Siracusa, e observa que os brincos da ninfa são frequentemente usados também em representações femininas em terracotas, e seriam símbolo da mulher casada. Outro ornamento típico que podemos encontrar também nas moedas de Sínope é o colar de pérolas que, segundo Manenti, são símbolo de perfeição. A inserção de novos modelos de joias nos tipos monetários de cabeça feminina teria então se difundido a partir da moda e da escolha de representa-la na moeda de Siracusa (MANENTI, 2015). Assim

como Salamone, Manenti diz que as joias representam o status da mulher, a expressão de sua *charis* (graça).

Com tantas joias e adornos cunhados, não só em associação à cabeça feminina, mas também como tipos monetários, Cleopatra Papaevangelou-Genakos (2017) sistematizou uma tabela onde cataloga as formas da joia, o período em que aparecem em moedas por região, bem como nos fornece um breve relato das peças. Nas moedas de Sínope a primeira forma de brincos que podemos encontrar são os brincos de disco, apontados pela autora como o primeiro e mais antigo grupo.

Eles não ficam pendurados no lóbulo da orelha, mas estão presos a ele, cobrindo-o. Eles apareceram pela primeira vez no final do século VI a.C. e em meados do século V a.C. são os tipos de joias mais comuns nas moedas da Ásia Menor (Jônia, Mísia, Trôade, Lesbos, Caria, Cilícia) e de Chipre. (PAPAEVANGELOU-GENAKOS, 2017, p. 81)



Figura 11 – Brinco de disco na cunhagem de Sínope

No recorte acima vemos o brinco em forma de disco presente na moeda de número 5 em nosso repertório, cunhada no século IV a.C. após a difusão do brinco de disco nas cunhagens da Ásia Menor.

Em seguida temos o brinco com um pendente, e já no período Clássico, se difunde a partir das cunhagens de Siracusa, o brinco com triplo pendente, chegando até a Paflagônia nas moedas de Sínope. Apesar das cunhagens onde a cabeça de Sínope é ornamentada serem mais frequentes, seja com brincos ou com o colar de pérolas, há também tipos monetários onde a cabeça não foi adornada. Do mesmo modo que os brincos ganharam mais complexidade, também os colares foram ficando mais

detalhados. Nas moedas de Sínope, porém, apenas o simples colar de pérolas foi representado, com aparentemente apenas uma variação, como vemos na imagem abaixo.



Figura 12 – Variações de brincos em moedas de Sínope

Acima vemos recortes das moedas 16, 12 e 11 do nosso repertório de moedas de Sínope, com as variações dos brincos de um pendente e três pendentes.



Figura 13 – Colares nas moedas de Sínope

Na figura acima recortes das moedas 19 e 12 do nosso repertório de Sínope. À esquerda podemos ver um colar de pérolas simples, já à direita o colar parece apresentar pendentes também de pérola.

Quanto aos cabelos, no século V a.C. as mulheres gregas os mantinham longos, presos em um coque com tranças que cruzam no topo da cabeça (VLACHOHANNI, 2018). Vlachohanni afirma que, durante o período Clássico, as mulheres casadas usam seus cabelos envoltos em várias faixas, formando penteados ou adornados como: *mitras*, *sakkoi*, *sphendones* e *kekryphaloi*. Já as jovens usavam os cabelos soltos, amarrados com uma fita ou trançados. Nas moedas vemos uma interpretação dos artistas de cunho desses penteados, como argumenta Gkikaki (2009). Nas moedas do início do século V a.C. os cabelos são, portanto, usados divididos em mechas que são amarradas em torno

de uma faixa/fita. Os cabelos das laterais da testa são escovados para trás, nesse momento todo o cabelo se encontra preso nessa faixa. Esse penteado pode ser visto também nas moedas de Leontini e Catânia, desta vez usados por Apolo (GKIKAKI, 2009). Nas moedas de Sínope esse penteado não é comum, podemos ver apenas na moeda de número 20 de nosso repertório, funcionando como base para a coroa sobre a cabeça feminina, e, na de número 8.

Nas moedas de Sínope os cabelos da cabeça feminina estão frequentemente arranjados presos em *sphendone*, com mechas soltas e enroladas ao redor da testa e têmporas. Por vezes vemos a faixa que envolve o penteado na parte posterior da cabeça decorada, e, na moeda de número 10 no repertório de Sínope, vemos uma variação do *sphendone* onde algumas mechas de cabelo foram deixadas soltas no pescoço.

4.2.2. O APHLASTON

Em alguns tipos monetários de Sínope a cabeça feminina vem acompanhada de um delicado desenho composto por linhas que por vezes parecem um arco e sinais de uma flecha, o que pode nos levar a crer que talvez essa dita cabeça feminina seja mesmo uma Amazona, porém a imagem é descrita nos catálogos como um *aphlaston* ou aplustre, que é um ornamento presente na popa de navios. Aparecendo em tipos monetários do anverso e do reverso não só de Sínope, mas também de outras pólis gregas, o *aphlaston*, é representado no entalhe em pedra encontrado na acrópole de Lindos, na ilha de Rodas:



Figura 14 – *Aphlaston* na cunhagem de Sínope

Acima, recortes das moedas 17, 19 e 20 de nosso repertório de moedas de Sínope, sendo as três primeiras de anverso e a última de reverso. Em todas aparece a representação de um *aphlaston* à esquerda.



Figura 15– *Aphlaston* visto na cunhagem de Alexandre, o Grande
Recorte do reverso da moeda n.45 do repertório



Figura 16– *Aphlaston* visto na cunhagem Korykos
Recorte do anverso da moeda n.44 do repertório

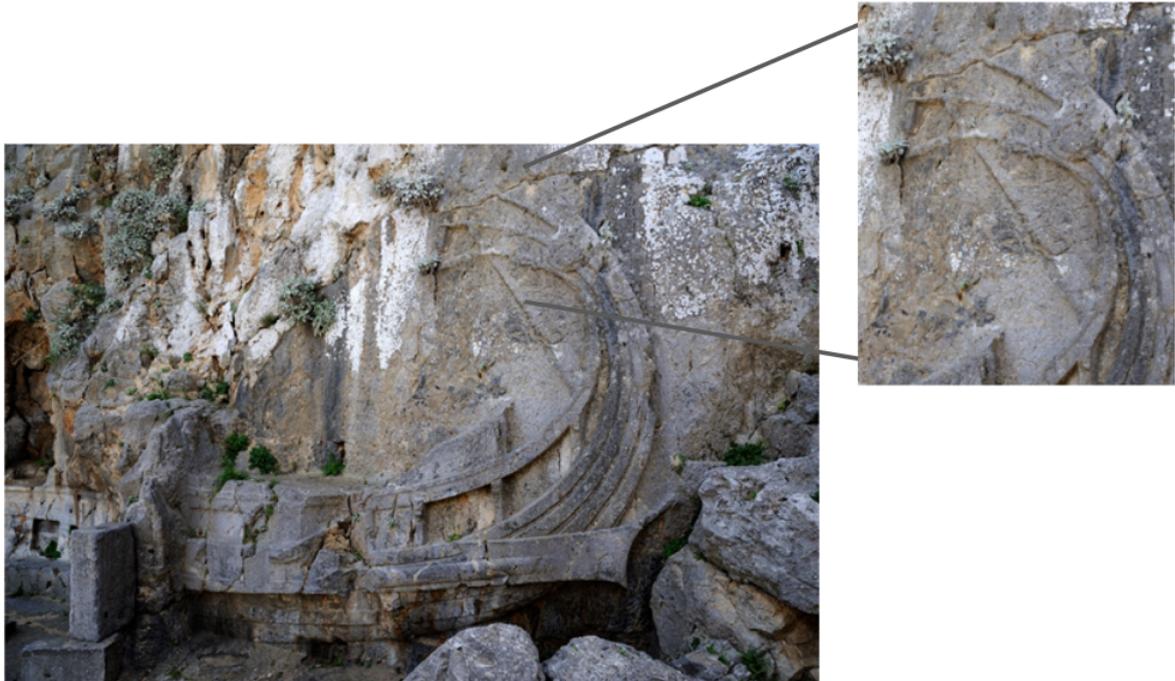


Figura 17 – Entalhe de embarcação grega

Na imagem acima vemos o entalhe em pedra de uma embarcação grega, com destaque para o *aplaston*. Imagem retirada de: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lindos_Rhodian_trireme_relief.jpg (Acesso em 29/12/20). Edição nossa.

Cecil Torr em seu livro *Ancient Ships* interpreta um conjunto de autores gregos e romanos, dentre os quais Homero e Apolônio de Rodes, e afirma que quando se vencida uma nau, retirava-se dela o *aplaston* e o transformava em um troféu de guerra (1894, p. 68). Podemos, então, interpretar o *aplaston* como um elemento visual que remete a um momento vitorioso de Sínope? Já falamos da importância de Sínope nas águas do Mar Negro, não apenas como principal porto de águas profundas, mas também com o transporte de produtos para trocas. Aparte as lutas trazidas pela tentativa de dominação de Sínope pelo Reino do Ponto durante o período Helenístico (DOONAN, 2012), não temos registros que possam iluminar a proveniência de um troféu de batalha naval retratado nas moedas cunhadas entre 370 e 350 a.C.

Nas cunhagens monetárias o *aplaston* ganha uma forma mais estilizada, com curvas e detalhes nas pontas quando em comparação com o entalhe de Lindos. Em

artigo para o site *Forum Ancient Coins*⁸, Timothy M. Ryan aponta que a forma do *aphlaston* remete a de um pássaro com vários bicos voltados para dentro da popa, e sua origem foi entre as embarcações dos Povos do Mar. Salvo a cunhagem de Alexandre III, cuja casa de cunhos não é conhecida, as demais pólis como Korykos que cunharam o *aphlaston* são cidades portuárias.

4.3. REVERSO – A ÁGUIA E O GOLFINHO

4.3.1. A ÁGUIA

Presente desde as primeiras cunhagens da cidade, a águia sobre um golfinho confere um elemento apotropaico às moedas e que pode ser observado em diversas cunhagens do período. Nas cunhagens monetárias, nas garras das águias, não só golfinhos aparecem, mas também coelhos e peixes, e por vezes ela vêm acompanhada de uma segunda águia que em conjunto predam o animal. Porém, o interessante é que a mesma composição de imagem aparece em dracmas de Ístria, outra colônia milésia na costa leste do Mar Negro, também em Olbia, colônia milésia na costa norte do Mer Negro.



Figura 18 – Recorte moeda n. 1

Anverso da dracma n.1 de Sínope do nosso repertório. Nessa primeira fase da cunhagem a águia ainda não possui um corpo, mas já podemos notar a presença do golfinho abaixo.

⁸ <https://www.forumancientcoins.com/numiswiki/view.asp?key=aphlaston> (Acesso em 02/05/2022)



Figura 19 – Recorte moeda n. 6

Reverso da dracma n.6 de Sínope do nosso repertório. Agora a águia já aparece em detalhes, com suas garras no golfinho.



Figura 20– Recorte moeda n. 33

Reverso da dracma de Ístria, n.33 de nosso repertório de referências.



Figura 21 – Recorte moeda n. 35

Reverso da dracma de Olbia, n.35 de nosso repertório de referências.

O esquema águia sobre golfinho pode ser observado também nas estampas que marcam telhas provenientes de Sínope. A imagem abaixo (Fig. 22) é uma seleção feita por Krapivina (2012), autora que estuda com profundidade os achados de cerâmica provenientes de Sínope, onde ao lado da inscrição de identificação do ceramista, temos a mesma águia sobre golfinho que vemos nas moedas de Sínope, Ístria e Olbia. As telhas das quais vemos as imagens foram encontradas em Olbia, que recebia telhas e

ânforas fabricadas em Sínope, e foram datadas entre o fim de 370 e começo de 360 a.C. (KRAPIVINA, 2012). Krapivina não faz uma interpretação dos significados das imagens nesses selos de ânforas, mas, colocando lado a lado as cunhagens e os selos, é possível ver que o mesmo esquema de imagem com a águia e o golfinho é utilizado não só nas emissões oficiais do governo de Sínope, mas também em estampas de mercadorias destinadas para as trocas com as cidades vizinhas.

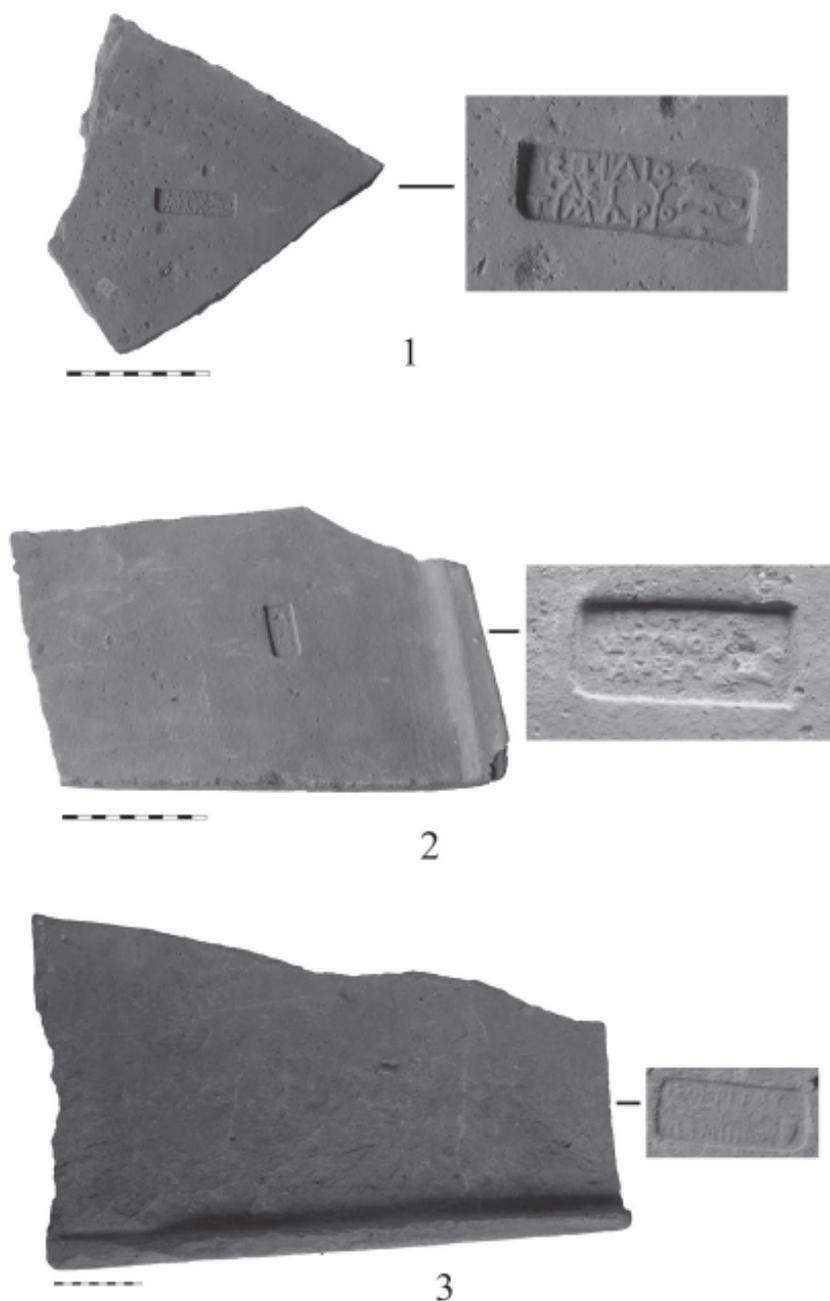


Figura 22 – Selos de ânforas de Sínope

(KRAPIVINA, 2012, p.468)

Mas a águia predando outro animal não é uma inovação de Sínope, Ístria ou Olbia. Em armamento encontrado no sepultamento trácio de Golyamata Mogila, na região sul da Bulgária próximo à fronteira com a Turquia, também podemos ver semelhante

esquema, porém agora a águia preda um coelho. Daniela Agre ao descrever o sepultamento em seu livro *The Tumulus of Golyamata Mogila* aponta que a cena de um pássaro predando um peixe aparece com frequência na iconografia trácia do século IV a.C., sendo o caso do coelho um elemento único dentro do repertório encontrado no mobiliário funerário (2011, p. 66). Agre diz que tal composição é muito antiga, herdada dos Hititas que usavam o motivo da águia predando um animal em relevos, observados no assentamento hitita de Alaca Hüyük, na Turquia.



Figura 23 – Águia sobre lebre representada em armadura trácia

(AGRE 2011, p.65)

Alaca Hüyük está localizado na região centro-norte da Turquia, a 36km de Hattusa, na província de Çorum. Escavações na antiga cidade hitita foram iniciadas entre os anos de 1893 e 1894, desde então por diversas vezes Alaca Hüyük passou por períodos de escavação, sendo adequadamente iniciadas pela Associação Histórica Turca

entre 1935 e 1970. A escavação mais recente foi conduzida pela Universidade de Ancara, entre 1997 e 2018. Alaca Hüyük é repleta de ortostatos, os quais formavam as paredes dos portões da cidade. Nas imagens abaixo podemos ver em um dos ortostatos encontrados – localizado no Portão da Esfinge ao sul da cidade, a figura de uma águia com duas cabeças voltadas para lados opostos, com um coelho em cada garra. As imagens dos ortostatos e esfinges, bem como planos da cidade, podem ser encontrados na plataforma digital *Hittite Monuments*⁹. A plataforma faz parte de um projeto ainda em andamento que visa fornecer e armazenar referências dos principais monumentos hititas e neo-hititas. É também dessa plataforma que extraímos as informações acima.

⁹ <https://www.hittitemonuments.com/>

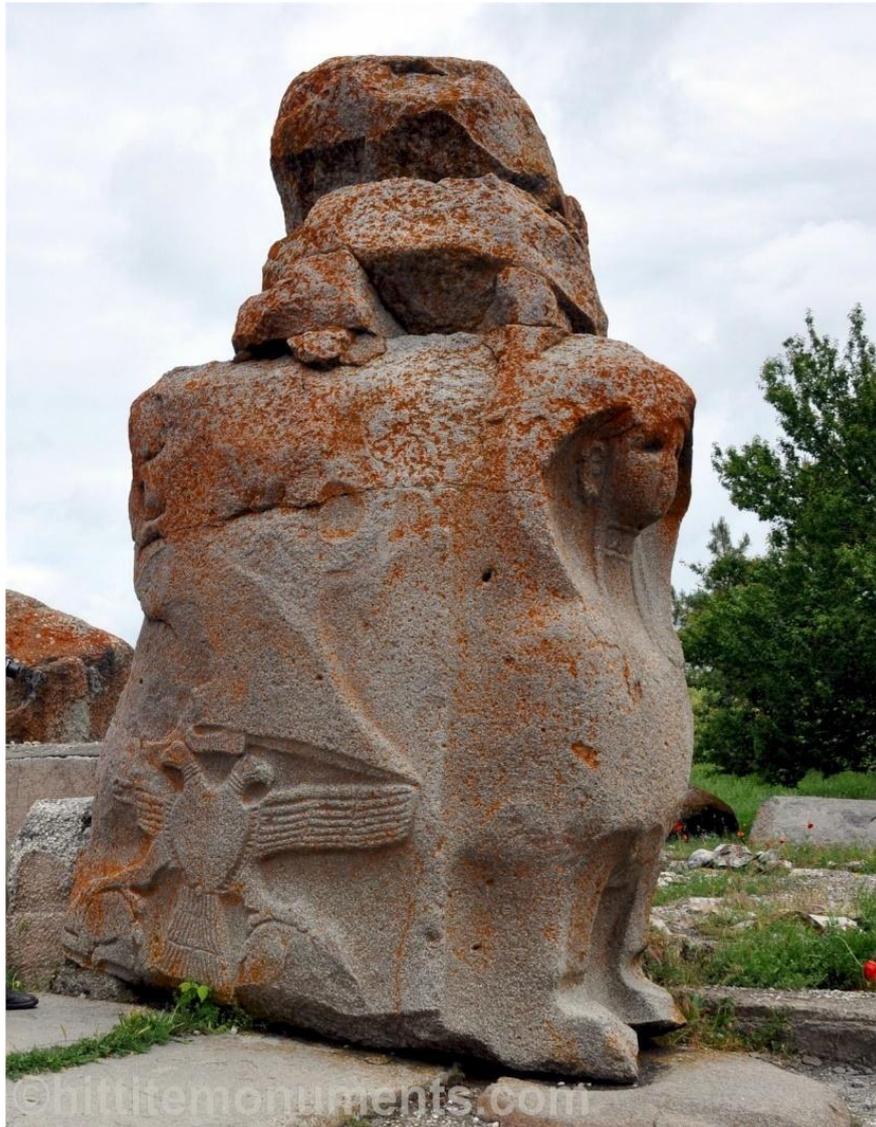


Figura 24 – Ortostato hitita do século XII a.C.



Figura 25 – Recorte de ortostato hitita do século XII a.C.

Nas imagens acima vemos um ortostato hitita proveniente do Portão da Esfinge, em Alaca Hüyük. Entalhe frontal de esfinge e na lateral uma águia de duas cabeças predando lebres. Imagens retiradas de: <https://www.hittitemonuments.com/alacahoyuk/> (Acesso em 01/02/22)

Além dos hititas, gregos e trácios, a águia predando também pode ser encontrada em artefatos citas e greco-citas, podendo fazer parte de uma composição maior, como na placa de ouro encontrada em Vetersfelde, em formato de peixe e decorada com golfinhos, criaturas marinhas, onça e leão predando javali e cervo, cabeças de bodes nas pontas da nadadeira caudal e, no centro dessa mesma nadadeira, uma águia. Pode também ser encontrada predando um cordeiro, ou como no fragmento de peitoral adornado com uma corça com chifres amamentando sua cria, e uma águia exibida logo abaixo, ambos artefatos encontrados em tumbas dentro do perímetro de um mesmo grupo cita, que foi chamado pelos pesquisadores de *Seven Brothers*.

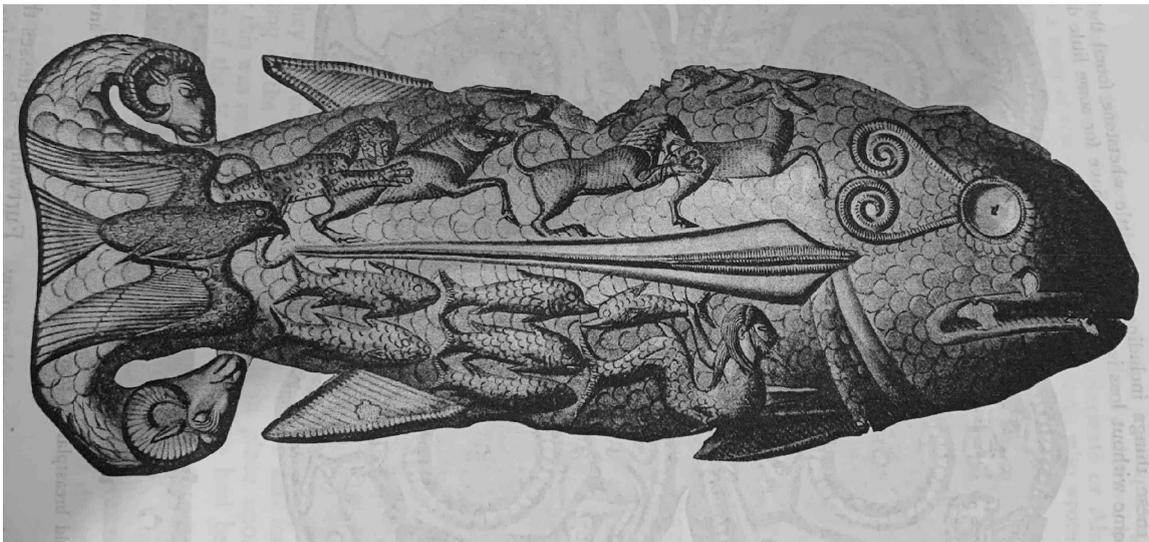


Figura 26 – Placa de ouro em formato de peixe decorada com motivos citas
(MINNS, 2010, p. 238)



Figura 27 – Placa de ouro
(IDEM, p. 211)



Figura 28 – Fragmento de peitoral
(IDEM, p. 207)

Minns, que em seu livro *Scythians and Greeks* (2010) estuda o contato entre citas, gregos e demais povos, afirma que a ave de rapina era um dos temas favoritos dos citas, só não ultrapassando em quantidade as representações que tematizavam veados. Na numismática grega, a representação das águias seguia três padrões identificados por Laky (2016): cabeça, voando e em pé; sendo o padrão *cabeça* encontrado apenas nas moedas gregas e não na cerâmica (p. 401-402). Apesar da cabeça da águia ocorrer apenas nas moedas entre os gregos, segundo Minns, entre os citas a águia pode aparecer em placas de ouro utilizadas em vestimentas, ou simplesmente sua cabeça (Fig. 29) e bico, que decoram as pontas dos chifres de veado ou a cauda de monstros, punhos de espadas ou cabos de espelhos, podendo também aparecer com duas cabeças (MINNS, 2010, p. 268), tal como vimos nas referências hititas.



Figura 29 – Cabeça de águia cita

A cabeça de águia acima foi encontrada em Nymphaeum, cidade grega localizada na Crimeia, em meio ao território cita. Autor não menciona em que tipo de suporte se encontrava. (MINNS, 2010, p. 214)

4.3.2. O GOLFINHO

O golfinho está presente no Mar Negro em cunhagens pré-monetárias nas cidades de Olbia e Hermonassa, ambas localizadas na costa norte. Tratam-se de peças, pedaços de metal, que ganharam o formato do golfinho, com peso relativamente padronizado e que, ao que tudo indica, serviam como medidas de valor para a realização de trocas, assim como pontas de flechas, as quais foram encontradas em diversos sítios ao longo da costa do Mar Negro (GRANDJEAN, 2012, p. 98-100).



Figura 30 – Peça em formato de golfinho proveniente de Olbia

Retirada de nosso repertório de referência, número 33.

Assim como a águia aparece em diversas cunhagens no mundo grego, o golfinho também é representado em muitas moedas, seja como tipo monetário principal, seja

como tipo secundário, como, por exemplo, nas cunhagens de Zankle/Messina (tipo principal, moeda n. 38), ou ao redor da cabeça da ninfa Aretusa nas moedas de Siracusa (tipo secundário, moedas n. 29-31), simbolizando sua ligação com as águas. Ele aparece também em Cízico (n. 22) e Taras (n.28), onde, servindo de montaria ao fundador da pólis, é um “lugar comum” nas imagens monetárias gregas.

4.4. DIÁLOGO ENTRE IMAGENS, LAÇOS E MITOS

4.4.1. A IMAGEM FEMININA

Para entendermos as escolhas de elementos feitas por Sínope para compor suas moedas devemos retornar à sua fundação e às histórias heroicas por trás dela.

Assim como os mitos de fundação relacionados a Éfeso, Sínope está ligada a uma amazona e a uma herança étnica mista. Porém, também como Éfeso, a amazona não é a própria fundadora da cidade. Neste caso, a cidade foi fundada primeiro no período heróico pelo argonauta Autólico e seus irmãos Phlogios e Deileon, mas depois em sucessão pelo milésio Habrondas, e mais tarde por Coos e Cretines. E embora a colônia seja considerada milésia por causa de seu estabelecimento por Habrondas, o fundador reconhecido é o argonauta Autólico. (FAULKNER-GENTRY, 2021, p. 30)

Autólico não é mencionado como propriamente o fundador da pólis de Sínope, mas ocupa a posição de herói ao qual se faziam oferendas, configurando o culto cívico do qual falamos no Capítulo 2, ele é o legitimador da presença grega nessa “terra estrangeira”. Faulkner-Gentry defende que essa característica mista do herói grego e a amazona não-grega era uma forma de representar a própria fundação e convivência mista característica dos assentamentos no norte da Anatólia, além de conectar a história de Sínope com a de Éfeso, já que as amazonas que lutaram com Autólico em Sínope teriam fugido para Éfeso. A história de fundação de Éfeso, em linhas gerais, conta de um assentamento prévio das amazonas e da fundação por elas do culto à deusa Ártemis. Sobre o culto de Ártemis pelas amazonas Faulkner-Gentry diz: “enquanto a Ártemis de Éfeso está ligada a uma pólis grega, há elementos anatólios incorporados em sua adoração que são semelhantes à adoração da deusa frígia Cibele e a práticas de culto

lídio”, as evidências arqueológicas para o culto à deusa remontam até o período da Idade do Bronze (2021, p. 29). Desse modo, a descrição da cabeça feminina nas moedas de Sínope como uma ninfa filha de Asopo pode comprometer a representação do elemento não-grego dentro do mito fundador. Uma ninfa de um rio no Peloponeso torna essa personagem originária no território grego e que, tal como os milésios Habrondas, Coos e Cretines, desbravou a Paflagônia em uma realocação, mesmo que forçada.

Dentro das histórias míticas gregas Faulkner-Gentry também nos chama atenção para um possível elemento propulsor da versão de uma ninfa chamada Sínope: tanto amazonas como ninfas poderiam ser consideradas como filhas do deus Ares (FAULKNER-GENTRY, 2021, p. 31). Nesse sentido, acredita-se que as mulheres citas foram a inspiração para o mito das Amazonas. De acordo com Vovoura (2021), as oferendas e o mobiliário fúnebre encontrado em *kurgans* – estruturas funerárias citas encontradas por toda região adjacente do Mar Negro, mas principalmente no Oeste e no Norte – colaboram com a descrição grega das Amazonas. Sendo o mito mais difundido e aparentemente presente há mais tempo na tradição grega aquele que se refere à presença das Amazonas na região, poderia ser a imagem de uma das famosas guerreiras na cunhagem?



Figura 31 – Recorte da moeda n. 42
Anverso do tetradracma de Cime, c. começo do século III.



Figura 32 – Recorte da moeda n. 43
 Anverso do estatér de Solos, c. 440-410 a.C. A amazona ajoelhada com arco em mãos pode ser vista também em detalhe do Vaso François, fazendo parte do imaginário grego de como as amazonas se portariam em um conflito.

Na cunhagem monetária grega como um todo, poucos tipos monetários são identificados como representações de amazonas. O anverso do estatér de Solos apresenta uma guerreira com os atributos de uma amazona: a presença de uma aljava na altura da cintura, vestindo um elmo e aparentemente com arco nas mãos em posição de ataque. Porém no tetradracma de Cime temos apenas um rosto feminino, sem adornos, voltado para a direita, com os cabelos presos, cuja descrição no catálogo online *Sylloge Nummorum Graecorum* ora aponta genericamente como “cabeça feminina”, ora como a amazona Cime. Moedas do mesmo tipo monetário à venda no site *Coin Archives* também descrevem genericamente como amazona, mas também como ninfa.

Assim como as primeiras cunhagens de Sínope, temos poucos elementos que permitam a associação clara com uma ninfa ou com uma amazona. Representações imagéticas de Amazonas fora das cunhagens e no contexto de áreas de tradição ou de influência grega, podem ser encontradas em forma de pinturas em cerâmica ou em relevos, onde elas aparecem comumente associadas à elementos bélicos, como um duelo, uma batalha ou mesmo portando armas.



Figura 33 – Lécito de cerâmica

A imagem acima mostra um lécito de terracota de c. 420 a.C., atualmente em posse do *Metropolitan Museum of Art*. Imagem retirada de: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/253351> (Acesso em 01/02/22)

Abaixo podemos observar a imagem ampliada da porção inferior do lécito acima, onde é interessante observar a cena de batalha que se encontra logo acima da base. A cena conta a história da luta entre os heróis Teseu e Hipólito contra as amazonas.

Nela podemos destacar a utilização de lanças, machados, arco e escudo pelas amazonas, que são facilmente reconhecidas pelo uso de uma vestimenta característica, e muito diferente daquela utilizada pelos gregos.



Figura 34 – Recorte do lécito de cerâmica I



Figura 35 – Recorte do lécito de cerâmica II

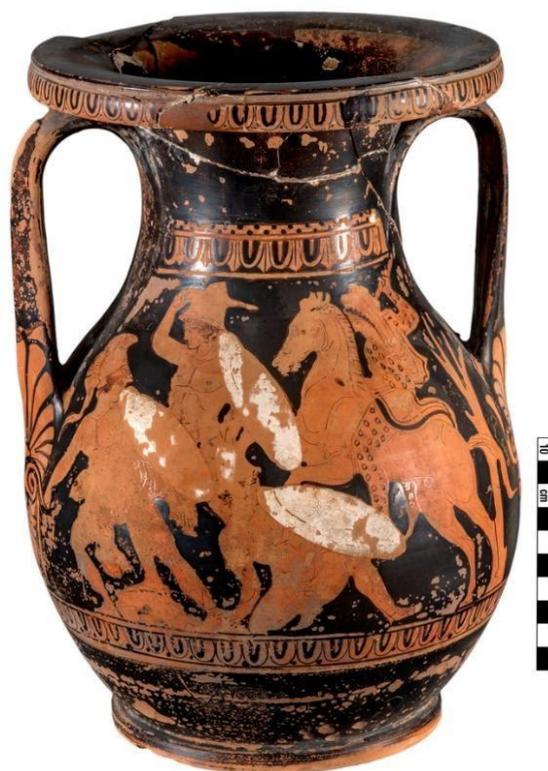


Figura 36 – Peliké ática

Peliké ática do século IV a.C. Cena de batalha entre amazonas e guerreiros gregos, onde uma amazona aparece montada e a outra usando elmo. Imagem retirada de: <http://www.limc-france.fr/objet/15342> (Acesso em 21/12/20)



Figura 37 – Relevo de sarcófago

Relevo de sarcófago do século VI d.C., encontrado na França. Representação romana de amazona empunhando um machado em cada mão, trajada com vestimenta característica onde vemos um seio à mostra. Imagem retirada de: <http://www.limc-france.fr/objet/6249> (Acesso em 21/12/20)



Figura 38 – Urna cinerária etrusca

Urna cinerária de alabastro etrusca do século III a.C., atualmente em exibição no *Metropolitan Museum of Art*. Nela vemos também gregos lutando contra amazonas, que portam armas e estão vestidas com seus trajes característicos. Temos ainda a figura ctônica etrusca chamada de *Vanth* à direita. O *Metropolitan Museum of Art* descreve a inclusão do *Vanth* como uma adição caracteristicamente etrusca. Imagem retirada de:

<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/246269> (Acesso 24/01/22)

Nas peças de cerâmica e no relevo podemos notar que a composição da representação imagética da amazona é muito diferente da mulher grega. A faceta da guerreira voraz e sem um seio faz delas mulheres estranhas ao repertório imagético tradicional grego de representações femininas. Se considerarmos que no mito as amazonas, as guerreiras foram derrotadas pelo argonauta Autólico, por que a pólis

escolheria o lado que foi vencido para representar-se? Faria então mais sentido representar o próprio herói do que aquelas que perderam a batalha para ele.

Assim, mesmo que o mito de origem da pólis onde vemos a presença de amazonas e do herói Autólico seja o aceito dentro de Sínope, será que podemos dizer que as autoridades emissoras de Sínope tenham elegido uma amazona como elemento de representação identitária de sua cunhagem? Mesmo durante o cerco de Datames onde as mulheres de Sínope foram vestidas para se passarem por guerreiros, não temos vestígios provenientes da pólis que apontem para um resgate das amazonas que ali habitavam e de uma capacidade bélica que pairaria também sobre as mulheres de Sínope como um resquício das guerreiras presentes nos primórdios da cidade. Lembrando que o cerco de Datames foi narrado por Enéias Tático no século IV a.C., como vimos no capítulo 2. A cabeça feminina não adornada nas moedas de Sínope poderia evocar uma amazona, mas a adição do adorno já transforma essa imagem em algo bem distinto de representações das guerreiras.

Vimos no Capítulo 1 que uma das divindades populares em Mileto era Afrodite, cultuada não por sua beleza, mas sim como uma deusa provedora para os marinheiros. Sendo Sínope uma cidade economicamente voltada para o comércio marítimo, seus colonos provenientes de Mileto podem ter não só carregado o culto à Afrodite para a apoikia, como também escolhido a deusa para representar a cidade em suas moedas. Assim, Alan M. Greaves considera que um dos links mais importantes que pode ser observado entre metrópole (Mileto) e apoikia (Sínope) é a persistência de práticas religiosas direcionadas aos mesmos deuses. Afrodite pode ser vista, assim como a cabeça feminina nas moedas de Sínope, com ou sem adornos em afrescos, terracotas ou cerâmicas.

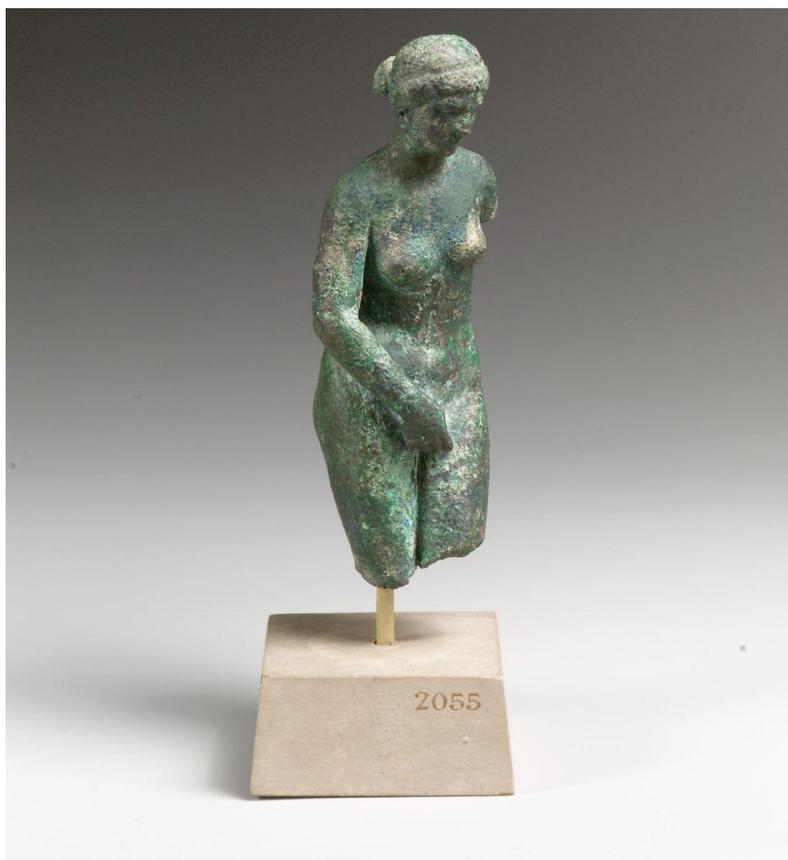


Figura 39 – Estátua de Afrodite

Estátua de bronze de Afrodite, datada entre o fim do século VI e começo do IV a.C. Encontra-se no acervo do *Metropolitan Museum of Art* em Nova Iorque. Na estátua, a deusa é retratada de forma simples, sem adornos, ressaltando sua beleza natural, pela qual ganhou fama. Imagem retirada de: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/248496> (Acesso 13/01/22)

Terracotas datadas do período Helenístico foram encontradas em fornos de cerâmica escavados em Sínope, dentre elas Erdem (2021) acredita que alguns fragmentos são similares a representações de Eros e Afrodite em terracotas de outras pólis gregas (não especificadas e referenciadas pelo autor). No contexto milésio e colonial ela é vista como uma deusa capaz de acalmar as águas, facilitando o movimento e as trocas, sendo defendido por Braund que todas essas características são essenciais em contextos coloniais (2018, p. 193). Erdem acredita que a presença de terracotas de Afrodite seja um reflexo dos cultos locais. Entretanto, mesmo sendo Sínope apoikia de Mileto e existindo no Mar Negro tantas outras apoikias milésias que já apresentaram remanescentes materiais de culto à Afrodite, dessa forma sendo

plausível que Sínope também nutrisse essa prática, as escavações e prospecções em Sinop e regiões adjacentes ainda não revelaram remanescentes que comprovem o culto da deusa em período Arcaico ou Clássico. Moedas com a imagem de Eros foram cunhadas por Mitrídates VI – rei do Ponto e nascido em Sínope, entre os anos de 183 e 120 a.C. quando a pólis serviu de capital para o reino do Ponto. Nesse sentido, a escolha de Eros e demais deuses (Ártemis, Apolo, Zeus, entre outros) fazia parte da ideologia e da propaganda de Mitrídates (BARAT, 2021, p. 350). Segundo Barat, durante o período romano ocorreu uma padronização nos cultos de Sínope, o que pode ter levado a apagar as antigas práticas religiosas do tempo em que foi uma pólis grega (IDEM, p. 355).

O culto a Afrodite está presente em diversas apoikias de Mileto no Mar Negro, em Olbia ele é atestado pela presença de inscrições e de um santuário (GREAVES, 2004). Heródoto aponta também que os citas cultuavam Afrodite Urânia de Argimpasa (4.59) que, segundo a tradutora da obra *Histórias* – Maria Aparecida de Oliveira Silva, para eles é uma deusa da lua. Afrodite Urânia está ligada ao casamento e a fertilidade, o epíteto “Urânia” indica que é filha de Urano, titã dos céus, sendo por vezes traduzido como “a celestial”.

A avaliação dessas investigações está ligada ao que emergiu da análise realizada nas ninfas epônimas. Para esses, registramos interferências iconográficas e semânticas com algumas deusas importantes, em primeiro lugar Afrodite. Suas funções dizem respeito à esfera da fecundidade e ao ciclo de vida, à legitimação do poder político e também à defesa do território. (SALAMONE, 2015, p. 413)

Ao tratar de Afrodite Urânia Braund (2018) faz uma breve análise da estatueta chamada de “Afrodite de Taman” e seu paralelo proveniente da ilha de Rodes, com a qual Sínope mantinha laços, evidenciados por achados epigráficos e numismáticos correspondentes ao período do Império de Alexandre e dos Reinos do Ponto (CASEY, 2010, p. 6). Ao ser encontrada a estátua foi designada como Afrodite, mas também como uma ninfa. O que causa a ambiguidade é o conhecimento de que a deusa era popular na região da península de Taman, localizada a três quilômetros ao leste da Fanagória – hoje território russo, levando a estatueta a ser chamada de Afrodite ao ser descoberta pelos arqueólogos (p.194). Apesar de não oferecer imagens, Braund diz

analisar a composição imagética das duas estátuas, a de Tamana e a de Rodes, e chegar à conclusão de que as duas são provavelmente representações de ninfas. O autor leva em consideração o tamanho diminuto das estatuetas para a representação de uma deusa tão importante – ambas tinham entre 50-60 cm de altura, e muito genéricas para serem identificadas especificamente com Afrodite, e com suas características poderiam ser descritas uma porção de deusas (IDEM, p. 195). Apesar do culto a Afrodite estar presente em Mileto, o culto à deusa acompanhada de seu epíteto Urânia não é comum na metrópole, ele está presente majoritariamente no Mar Negro e se difunde para a Europa posteriormente (BRAUND, 2018, p.197). O surgimento do epíteto também continua sem uma resposta clara, há indícios que a Afrodite Urânia cultuada no Bósforo era reconhecida como originária da deusa do Oriente Próximo Astarte (IDEM, p. 199-201).

A relação do culto de Afrodite Urânia e imagens cunhadas ganha uma perspectiva interessante na interpretação de Hind em artigo à *Numismatic Chronicle* (2008), onde o autor especula que as estrelas cunhadas nas moedas do século V a.C. no Bósforo evocavam a deusa. Apesar disso, afirmar que a cabeça feminina nas moedas de Sínope é uma representação de Afrodite seria inferir significado demasiado a partir de evidências extremamente escassas.

4.4.2. REPRESENTAÇÕES NO REVERSO

No reverso das moedas de Sínope, observamos que o tipo monetário “águia e golfinho” era partilhado com as pólis de Olbia e Ístria, o que nos leva a crer que poderia haver alguma aliança entre as três cidades.

Assim como Agnes Baldwin questiona a origem simbólica da representação de Cristo como um peixe no primeiro capítulo de seu livro *Symbolism on Greek Coins*, podemos observar a ocorrência de uma imagem em diversos momentos na história e em uma porção de diferentes localidades. Quando levanta a questão do peixe, Baldwin aponta que o símbolo evocava a divindade babilônica *Enqui*, deus da água doce metade homem e metade peixe, bem como o fenício *Dagon* e os cultos sírios ao peixe. Contudo, a autora mostra como é pouco provável que tais influências tenham alcançado Roma no

momento que se vê o peixe como representação de Jesus Cristo surgindo. Além disso, é pouco provável que os seguidores de Jesus tenham propositalmente elegido um símbolo pagão para fazer alusão ao seu salvador (1977, p. 2-4), no qual a crença refutava a existência de qualquer outra divindade que não Deus. À parte dos desdobramentos da discussão acerca do surgimento simbólico do peixe dentro da imagética cristã e então considerando a linha de raciocínio em nosso estudo, quando consideramos a águia sozinha e a águia predando, podemos traçar suas origens e verificar a possibilidade da apropriação de um código já conhecido e propagado através do contato com os Hititas, ou se devemos considerar sua origem de outra forma.

Apesar do contexto histórico de Sínope nos permitir inferir a utilização de imagens hititas, não podemos deixar de lado que esta era uma cidade grega e que o fenômeno monetário era à esta época um traço cultural helênico, assim, tantas outras pólis também se valeram da imagem de uma ou mais águias predando coelhos, cervos, peixes e golfinhos, bem como da águia sozinha ou até pousada na mão de Zeus, significando dentro dessa esfera imagética um atributo do deus. Assim, a águia como um símbolo de poder pode ser, e até seria de se esperar que fosse associada ao rei do Olimpo Zeus, por si um símbolo de autoridade e poder. Apesar da imagem da águia frequentemente vir associada à de Zeus nas artes visuais e escrita da Grécia antiga, nem sempre ela remete diretamente ou claramente ao deus (LAKY, 2016, p. 347). A águia com ou sem presa pode aparecer em motivos contendo também o herói Hércules, ou aos temas de Cavaleiros, e remonta associações aos presságios feitas na *Ilíada* e *Odisseia* (IDEM, p. 402-406). Wittkower (1939, p. 309 apud LAKY, 2016, p. 347) aponta que a representação da águia predando cobra presentes em gemas e cilindros, como das gemas minoicas da Idade d Bronze (c. 4000 a 1.300 a.C.), são de influência hitita.

A região geográfica em que se encontra Sínope apresenta uma intensa troca, não só de mercadorias, mas também cultural entre os gregos e não gregos, o que torna difícil a tarefa de traçar uma origem única de determinados símbolos. Com o passar dos séculos e com a propagação de elementos culturais entre os diversos povos que habitavam a Anatólia, o Mar Negro, e o Leste Europeu, devemos considerar não só a adesão de simbologias, mas as possíveis associações com divindades locais já que, diferentemente do cristianismo, religiões politeístas assim permitiram, além das as ressignificações de

esquemas iconográficos. As autoridades emissoras de Sínope talvez não tivessem a intenção de remeter a imagem da águia diretamente aos hititas, mas em um cenário em que duas ou mais culturas interagem em um mesmo espaço, pode ser que tenha ocorrido um resgate de uma imagem que também fazia sentido aos vizinhos da pólis com os quais estavam em constante contato em redes de trocas, e que também fazia sentido aos gregos mesmo que de outra forma. Além disso, a águia é um símbolo de poder, por esse motivo que talvez tenha vindo a ser associada ao rei do Olimpo.

Na literatura, Heródoto (1.23-24) conta que um golfinho carregou o cantor e tocador de cítara Aríon de Metimna, cidade localizada na ilha de Lesbos, para Tênero, no sul da Lacônia. Na passagem, o golfinho salva a vida de Aríon, que é lançado ao mar pela tripulação do barco em que navegava. Momentos antes, já sabendo qual seria seu destino, Aríon entoava um cântico órtio, destinado a Apolo. O resgate do citaredo pelo golfinho é interpretado como um sinal de que Apolo escutou as preces de seu seguidor. A história narrada por Heródoto é recontada por Estrabão (13.2). Já no Hino homérico a Apolo, o deus toma a forma do golfinho enquanto procura por homens para lhe servir. Ao avistar uma embarcação de cretenses decide que esses são bons homens para servi-lo:

Mas Febo Apolo os encontrou: em alto mar ele saltou sobre seu navio veloz, como um golfinho em forma, e ficou ali, um grande e terrível monstro, e nenhum deles deu atenção para entender; mas eles tentaram lançar o golfinho ao mar. Mas ele continuou sacudindo o navio preto em todos os sentidos e fazendo as madeiras estremecerem.

Hino homérico à Apolo (3.397)

Apesar das associações de Apolo com o golfinho a partir de trechos de documentos escritos, da presença de culto ao deus em Mileto e outras tantas apoikias milésias no Mar Negro, até mesmo na raiz da palavra, tal como a cabeça feminina não podemos chegar à essa conclusão somente a partir desses dados. Em descrições encontradas nos sites de colecionadores podemos encontrar a associação do golfinho com o deus Apolo, decorrente de seu epíteto *Delphinios*, que deriva de *delfins*, cujo significado acredita-se ser “golfinho”. O epíteto se reflete também no nome do oráculo de Delfos, dedicado a Apolo. Entretanto, apesar do culto a Apolo ter sido popular nas

apoikias do Mar Negro, especialmente em Olbia e Apolônia Pôntica, Gorman (2001) aponta que o epíteto causou certa confusão inclusive para os próprios gregos, que muitas vezes associaram o deus ao animal marinho. O equívoco ocorria, pois, acreditavam “que o nome *Delphinios* era derivado da palavra grega que significa ‘golfinho’ e, portanto, que Apolo era um deus golfinho” (GORMAN, 2001, p. 170-171). Isso graças ao Hino homérico a Apolo (linhas 400-496), o qual mencionamos acima, que conta a história de fundação do Oráculo de Delfos, onde se localizava o principal culto à Apolo.

(...) o poeta anônimo conta a história da fundação do Oráculo de Apolo em Delfos por um navio de cretenses de Cnossos que foram conduzidos ao local por Apolo disfarçado de golfinho. Esta história registra uma tentativa extremamente precoce de explicar a etimologia de Delfos, tornando Apolo o deus-golfinho. (IDEM, p. 170)

Gorman explica que a associação de Apolo com o mar é incorreta, já que nenhum de seus templos ou de rituais destinados ao deus registra-se qualquer relação ao mar; na verdade, seus cultos são caracterizados pela conexão com a cidadania e com o governo (IDEM, p. 170-171). Outra perspectiva que descarta qualquer associação seja da águia ou do golfinho com os deuses Zeus e Apolo é dada por Stolba (2005). Para o autor, a águia sobre golfinho recorrentes nas cunhagens de Sínope, Olbia e Ístria é uma alusão à posição costeira das pólis. Stolba apresenta uma hipótese que retoma às imagens citas e greco-citas, o autor pensa que essa imagem deva ser entendida como:

(...) um dos principais símbolos cosmológicos dos antigos habitantes da Eurásia, onde a águia aparentemente representa o celestial ou o mundo superior enquanto o golfinho/peixe poderia representar a água, ou seja, o submundo. Assim, para os indo-europeus uma combinação dos dois poderia significar uma aliança matrimonial sagrada entre o céu, como substância masculina, e o elemento terrestre ou aquático, como substância feminina, algo que acabou por garantir a existência de tudo. (STOLBA, 2005, p. 116-117)

Como forma de ilustrar o paralelo feito acima, Stolba utiliza a cunhagem de Akragas, uma pólis localizada no sul da Sicília. Em cunhagem feita para comemorar a

vitória olímpica da cidade em 412 a.C., a imagem de anverso (Fig. 40) é interpretada por Stolba como “a carruagem de Hélios correndo entre o céu e o mar, que são representados por uma águia e um caranguejo, correspondentemente” (p. 117).



Figura 40 - Anverso moeda n. 41

Podemos observar que existem semelhanças entre as imagens usadas pelos hititas e trácios, com aquelas usadas nos tipos monetários de Akragas que constam em nosso repertório de referências (moedas de número 39, 40 e 41). A águia predando a lebre, certamente um símbolo de poder, é usada por esses três grupos. Nas cunhagens de Akragas a imagem da águia e do caranguejo são recorrentes, além da lebre e do lagostim outros elementos apareceram como figuras secundárias, e a águia muito raramente vem acompanhada do caranguejo compondo um único tipo monetário. Stolba não se aprofunda na interpretação da águia e do golfinho como um símbolo cosmológico, nem outros estudos acerca dessa perspectiva foram encontrados por nós. A associação com imagens citas e grego-citas é pertinente, vimos acima que em especial a águia era uma das criaturas mais frequentemente representadas em artefatos citas. Olbia, que bateu moedas para os reis citas (MINNS, 2010 & KOVALENKO, 2018), estava em constante contato com esses grupos e cunhou, junto com Sínope e Ístria, moedas representando uma águia predando um golfinho. Apesar disso, Sínope e Ístria possuem maior volume de moedas até agora encontradas com esse conjunto de imagem, do que os achados monetários de Olbia para os tipos de águia predando golfinho.

Desse modo, é difícil dizer que o golfinho das moedas de Sínope – Olbia e Ístria também – está relacionado com um culto local ao deus Apolo, ou que evoque a proteção

do deus para a cidade. O golfinho, no caso das moedas de Sínope, está diretamente ligado à águia e não aparece sozinho sem sua presença, como acontece com a águia que em poucas cunhagens de dracmas, hemidracmas e trihemióbolos apareceu sozinha no reverso.



Figura 41 – Águias nas moedas de Sínope

Reverso das moedas 8, 11 e 16 de nosso repertório de Sínope. Respectivamente dracma, hemidracma e trihemióbolo. Nelas vemos somente a presença da águia, a imagem do golfinho foi, por algum motivo, dispensada.

Podemos notar na cunhagem monetária grega, peixes aparecem com certa frequência. Nesse sentido, no estudo de Stolba (2005) apresentado acima, o autor também explora a cunhagem de animais marinhos como uma evidência numismática da prática da pesca no Mar Negro. Sua teoria se desenvolve a partir da observação de tipos monetários dos períodos Arcaico e Clássico onde recursos naturais eram representados, como na moeda de Cízico abaixo, onde podemos ver o atum em seu anverso.



Figura 42 – Anverso moeda n. 21

Anverso da moeda de Cízico. Nas moedas seguintes (até a de número 25), todas provenientes de Cízico e selecionadas para nosso repertório de referências, podemos ver a representação consistente do atum no anverso.

Porém, enquanto o atum representa um recurso natural, sendo amplamente consumido, o golfinho não era parte da alimentação e atividade pesqueira. Sendo assim, o golfinho não seria uma representação de Apolo nem de um recurso natural do qual sobreviviam os habitantes de Sínope, mas, junto com a águia, pode ser uma alusão à posição costeira das cidades de Sínope, Olbia e Ístria (STOLBA, 2005, p.115), e teria raízes no contato com outras culturas. Mas não só: em Píndaro podemos encontrar uma passagem em que a águia e o golfinho são mencionados como forma de demonstrar a magnitude do poder dos deuses:

[45] (...) os deuses realizam tudo de acordo com seus desejos; [50] os deuses, que alcançam até a **águia** voadora e ultrapassam o **golfinho** no mar, e derrubam muitos homens que são excessivamente ambiciosos, enquanto a outros dão glória eterna.

Píndaro *Pítica* II

O poeta Píndaro, que viveu entre 518 a.C. e 443 a.C., escreveu *odes píticas*, das quais doze sobreviveram até os dias atuais. Tais odes foram escritas em epinício, que é uma poesia que tinha por objetivo celebrar a vitória atlética de aristocratas nos Jogos Pan-helênicos (BRITO & WERNER, 2018, p.129). As píticas levam esse nome pois celebram as vitórias nos Jogos Píticos, celebrados em Delfos e dedicados a Apolo. Apesar da relação entre a poesia escrita por Píndaro e o deus, o golfinho no trecho acima não é uma representação de Apolo, nem a águia uma representação de Zeus. A águia e o golfinho parecem simbolizar dois extremos inatingíveis pelo homem na antiguidade: o alto dos céus e o fundo das águas, os quais apenas o poder dos deuses poderia alcançar.

4.4.3. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM ANVERSO E REVERSO

A moeda era, e continua ainda sendo nos dias de hoje, oficial e parte da representação de poder do Estado e da forma de governo, representando quem emite. No mundo grego percebemos que havia um repertório de imagens cunhadas que circulava pela extensão de seu território, sendo apropriadas pelas cidades e

ressignificadas. As moedas, pequenas como eram, só podiam comportar uma quantidade de informação específica. O repertório comum compreende um conjunto de imagens que já funcionavam nesse pequeno espaço e que, compartilhadas por diversas pólis, fazem parte da construção da identidade grega como um todo em face ao seu entrelace com as demais culturas com as quais mantinham contato.

A cidade de Sínope quando escolhe a cabeça feminina, um dos esquemas iconográficos que mais circulou pelas pólis, ela está se colocando como cidade grega, quase como um estatuto de sua condição de pólis. A cabeça típica de uma ninfa grega em um objeto oficial, a moeda, é adequada para representação da condição **helênica** dessa cidade peculiar que é Sínope. Contudo, ela é revestida dos mitos e simbologias que a fazem própria do Mar Negro, representando uma forma de união e compromisso entre gregos e não gregos. Ali em Sínope essa cabeça feminina não é mais uma ninfa, ao menos não aquela do mito visto no Capítulo 2. Nela pode ser vista a amazona, a coletividade da cidade que recebe diversas culturas, a pólis grega. O *aphlaston* que aparece acompanhando a cabeça feminina no anverso a partir fim do período Clássico, como um tipo monetário secundário, reforça sua posição **costeira** e seu poder usufruindo dela com seus portos, embarcações e rotas de trocas.

A águia e o golfinho também são vistos em moedas por todo mundo grego, mesmo que não juntas como vemos em Sínope, Olbia e Ístria. Como vimos, os hititas são frequentemente citados como aqueles que influenciaram o uso da imagem da águia, que carrega em si uma forte associação com o **poder**. A águia também cumpre o papel de **ponte** entre os diversos grupos que absorveram essa imagem dos hititas e que reconheciam nessa ave um símbolo nobre e virtuoso.

Mostramos acima que no Mar Negro já havia uma tradição de representar o dinheiro, entendido aqui como objeto de troca, em forma de golfinho (Fig. 30), muito semelhante às peças em bronze com o formato de pele de boi que circulavam no Mediterrâneo por volta dos anos 1000 a.C. Utilizado por Olbia em fase pré-monetária, os golfinhos eram símbolo da riqueza, aqui propomos também que o golfinho represente a **mobilidade** no mar, sendo frequentemente associado, nas fontes textuais, ao transporte no salvamento de indivíduos. Para os habitantes da costa do Mar Negro esse animal e sua locomoção dizem muito, já que no Euxino as correntes são favoráveis ao

transporte (Fig. 6) e, assim como os golfinhos, os navegadores também usufruíram dessas correntes marítimas. Além disso, o tamanho do Mar Negro é muito menor quando comparado com o Mediterrâneo, tornando os habitantes de seu litoral muito mais próximos uns dos outros. Como um animal não utilizado para o consumo, mas regularmente avistado pelos moradores das pólis litorâneas, o golfinho é adequado para representar a mobilidade da qual usufrui uma cidade costeira como Sínope, e até mesmo a conexão entre ela e suas pólis irmãs Ístria e Olbia. Nas moedas de Sínope, o golfinho primeiro aparece como tipo secundário, abaixo da cabeça da águia (anverso das moedas 1 a 4 no repertório, correspondentes a primeira fase de cunhagem da pólis), sendo depois representado junto com a águia compondo o tipo principal do reverso quando sua posição privilegiada na costa sul do Euxino, com o melhor porto de águas profundas, passa a transformá-la em uma potência nas rotas marítimas de trocas.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

AFINAL, O QUE PODEMOS OBSERVAR SOBRE A IDENTIDADE DE SÍNOPE EM SUAS MOEDAS?

De um lado temos as fontes escritas que, visitadas por pesquisadores e curiosos desde o Renascimento, propagam e fazem perdurar no tempo o mito da ninfa Sínope. De outro lado, registra-se um remanescente material de um possível culto ao herói – ato político de legitimação de posse de terras. E ainda, o conjunto de mitos revisitado por historiadores e por arqueólogos, articulado a uma documentação

Algumas cabeças femininas anônimas foram designadas como ninfas epônimas de acordo com referências literárias que apoiam tais identificações. Desse modo, numismatas e arqueólogos usavam as fontes literárias com mais entusiasmo, logo interpretaram muitas representações de cabeças femininas nas moedas gregas como algumas possíveis ninfas, nomenclaturas que persistem até hoje. Salamone diz que a explosão de cunhagens de cabeça feminina no século IV a.C. como uma deusa que representa a coletividade da pólis funcionava como uma afirmação por parte da pólis de seu direito de bater moedas, além disso, não são meramente uma “moda”, mas configurando uma função jurídica (2015, p. 413).

Por um lado, podemos considerar a explicação de Picardi:

(...) um deus associado torna-se o padrão normal dos tipos monetários em cidades gregas, especialmente a partir do século IV. Responde tanto à necessidade de afirmar a identidade da cidade quanto a uma afetividade social que expressa os sentimentos dos cidadãos sobre a prosperidade e os deuses. Explico: todos estão convencidos de que a prosperidade da cidade, e em particular sua receita financeira, é alimentada pela benevolência do deus para com a cidade que, em troca, dedica parte considerável de sua renda para honrar da melhor maneira possível, seus deuses, em particular para adornar seus

santuários tão ricamente quanto possível. Muito concretamente, a divindade que prevalece na lei do dinheiro é muitas vezes aquela que abriga em seu templo as reservas financeiras da cidade - o caso do Partenon está longe de estar isolado. O tipo monetário costuma ser inspirado em uma obra local, para não dizer que o reproduz. Há, portanto, um vai-e-vem notável entre a cidade e sua moeda: a decisão de cunhar dinheiro não levou apenas a cidade a definir melhor sua imagem, seu caráter, compondo-a a partir de seus cultos. (PICARDI, 2014, p. 29-30)

Podemos perceber que há uma prontidão na descrição de representações sejam em moedas, terracotas, objetos de cerâmica ou estátuas, com base em uma obra específica dos documentos escritos, o que nem sempre leva a uma resposta condizente, além de induzir a estudos enviesados. Dentre os remanescentes numismáticos de Olbia, pode-se encontrar um tipo monetário no anverso de uma cabeça feminina adornada com colar de pérolas frequentemente descrita, de forma genérica, como “cabeça feminina”, esse tipo monetário não poderia também ser descrito como ninfa Olbia? Ou mesmo Afrodite Urânia, já que o culto à deusa está fortemente presente nessa pólis? O problema de descrever como “ninfa Sínope” no caso dessa pólis especificamente é o conflito de mitos em torno dela, podendo nos levar a sugerir que a cidade aceitava sua fundação pela ninfa e não pelo herói Autólico, expressando assim sua identidade. O que também se complica já que existem remanescentes que indicam o culto ao herói fundador.

A cabeça feminina é, como dito acima, uma forma de representar a pólis, não somente a representação de uma ninfa, amazona ou deusa. Quando conquistada pelo Reino do Ponto, a satrapia de Sínope passa a cunhar moedas com inscrições em aramaico, mas mantendo as mesmas imagens que a cidade já vinha cunhando nas moedas, como pode ser observado na moeda de número 18 de nosso repertório de Sínope. A imagem da cabeça feminina carregou um maior peso identitário para a cidade, já que, após a conquista de Datames, ele passa a cunhar suas moedas em Sínope, mantendo a cabeça feminina no anverso, porém substituindo as imagens de reverso pelo seu peixe sobre inscrição Δ ATA, como na moeda de número 14 de nosso repertório de Sínope.

A cabeça feminina é típica do repertório comum grego que se consolida a partir do século IV a.C., A cabeça de Sínope é a representação de sua helenidade. Mas, revestida

dos mitos e simbologias que absorve estando no Mar Negro, ela expressa uma forma de união e compromisso entre gregos e não gregos. Para uma descrição neutra, que não tome partido de um mito ou de outro, podemos dizer que o que está representado é a “cabeça de Sínope”. Tal descrição parece mais apropriada tendo em vista que essa cabeça feminina representa Sínope e seu lugar no mundo grego, ela concentra em si a cunhagem de elementos helenos, compartilhados com uma porção de outras pólis, em uma apropriação particular de Sínope que imbui neles elementos próprios do Euxino. A cabeça feminina nas moedas de Sínope não é apenas uma ninfa, nela se concentra a representação da amazona, da coletividade da cidade e de sua condição como pólis grega. Com o *aphlaston* reforçando sua posição marítima e seu poder usufruindo dos portos, embarcações e rotas de trocas, o anverso compõe a representação dessa pólis grega costeira.

No reverso, a águia e o golfinho não podem ser descritos simplesmente como atributos de Zeus ou Apolo nessas moedas dos períodos Arcaico e Clássico, os dois animais nesses períodos estão ligados à sentidos apotropaicos e de poder, talvez não como união do submundo com o celestial, como sugeriu Stolba, mas puramente de poder e proteção. Além disso, Sínope possui um promontório com vista para o mar, de onde talvez seus habitantes poderiam observar águias caçando, não golfinhos, que são muito maiores que as águias, mas os dois animais simbolizam bem sua posição geográfica. Do vasto céu a proteção de um dos maiores caçadores do reino animal: a águia, e das águas a astúcia dos golfinhos, um sinal de bom presságio, um animal que nas fontes escritas é conhecido por salvar navegadores. A união no reverso da imagem da águia com forte associação com o poder, sendo reconhecida prontamente pelos diversos grupos que herdaram esse sentido dos hititas, e do golfinho associado à mobilidade marinha eficaz, configuram uma mistura de autoridade e prestígio.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

FONTES ESCRITAS:

AENEIAS TACTICUS. **Poliorketika**. HUNTER, L.W., HANDFORD, S.A. (English translation), *Aineiou Poliorketika. Aeneas on Siegecraft*, Oxford:Clarendon Press, 1927.

ANONYMOUS. **The Homeric Hymns and Homerica**. EVELYN-WHITE Hugh G. (English translation). Cambridge, MA., Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1914.

ARISTÓTELES. **Política**. Editora Nova Cultura Ltda. 1999, p. 142-251.

HERODOTUS. **The History of Herodotus**. RAWLINSON, George (English translation). New York: Tandy-Thomas Co., 1909, Vol. 1.

HERODOTO. **Histórias: Livro I – Clio**. Trad. Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Editora Edipro, 2015.

HERODOTO. **Histórias: Livro IV – Melpômene**. Trad. Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Editora Edipro, 2019.

HERODOTO. **Histórias: Livro V – Terpsícore**. Trad. Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Editora Edipro, 2020.

PAUSANIAS. **Description of Greece**. ORMEROD, Henry A. (English translation). London: William Heinemann, Ltd., 1918-35.
<http://data.perseus.org/citations/urn:cts:greekLit:tlg0525.tlg001.perseus-eng1:4.3>
 4

STRABO. **Geography**. Ed. H. L. Jones, *The Geography of Strabo*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: William Heinemann, Ltd. 1924.
<http://data.perseus.org/citations/urn:cts:greekLit:tlg0099.tlg001.perseus-eng1:6>

XENOPHON. **Xenophon in Seven Volumes: vol. 3**. Carleton L. Brownson. Harvard University Press, Cambridge, MA; William Heinemann, Ltd., London. 1922.

<http://data.perseus.org/citations/urn:cts:greekLit:tlg0032.tlg006.perseus-eng1:5.5>
6

BIBLIOGRAFIA:

- AGRE, Daniela. **The Tumulus of Golyamata Moglia near the villages of Malomirovo and Zlatinitsa.** Avalon Publishing, Sofia, 2011.
- ANDREWS, S. **Greek cities on the western coast of the Black Sea: Orgame, Histria, Tomis, and Kallatis (7th to 1st century BCE).** Iowa State University, Digital Repository @ Iowa State University, 2010.
- AVRAM, Alexandru, HIND John and TSETSKHLADZE Gocha. The Black Sea Area. In: HANSEN, Mogens Herman & NIELSEN, Thomas Heine. **An Inventory of Archaic and Classical Poleis.** Oxford University Press, New York, 2004, p. 924-973.
- BALDWIN, Agnes. **Symbolism on Greek Coins.** Sanford J. Durst Numismatic Publications, 1977, New York, N.Y.
- BALLARD, R. D. et al. Deepwater Archaeology of the Black Sea: The 2000 Season at Sinop, Turkey. **American Journal of Archaeology**, vol. 105, p. 607-623.
- BARAT, Claire. Cults in Ancient Sinope: Originality and Standardisation. In: BRAUND, David, STOLBA, Vladimir F. & PETER, Ulrike (eds.). **Environment and Habitation around the Ancient Black Sea.** Berlin, Boston: De Gruyter, 2021, p. 345-358. <https://doi.org/10.1515/9783110715972-021>
- BAWER, Alexander. Chapter 12 – Between the Steppe and the Sown: Prehistoric Sinop and Inter-regional Interaction Along the Black Sea Coast. In: PETERSON, D. L.; POPOVA, L. M. & SMITH, A. T. (eds.). **Beyond the Steppe and the Sown.** Leiden, Brill, 2006, p. 225-246.
- BENSON, Elizabeth P. Iconography Meets Archaeology. In: BOURGET, Steve & JONES, Kimberly L. (eds.). **The Art and Archaeology of the Moche.** University of Texas Press, 2008: 1-22.

- BING, J. Daniel. Datames and Mazaeus: The Iconography of Revolt and Restoration in Cilicia. In: **Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte**, vol. 47, no. 1, Franz Steiner Verlag, 1998, p. 41–76, <http://www.jstor.org/stable/4436493>.
- BILDE et. al. Archaeology in the Black Sea Region in Classical Antiquity 1993-2007. In: **Archaeological Reports 54**. Published by the Council of the Society for the Promotion of Hellenic Studies and the Council of The British School at Athens, 2007, p.115-173.
- BILDE, Pia Guldager and PETERSEN, Jane Hjarl (Ed.). **Meetings of Cultures – Between Conflicts and Coexistence**. Aarhus University Press, 2008.
- BILDE, Pia Guldager & STOLBA, Vladimir F. (Ed.). **Surveying the Greek Chora: The Black Sea Region in a Comparative Perspective**. Aarhus University Press, 2006.
- BISAILLON, Patrick. **The cult of Apollo in the Milesian colonies along the coast of the Black Sea**: an inventory of archaeological data. Département d'études classiques. Faculté des arts et des sciences. Mémoire présenté à la Faculté des études supérieures en vue de l'obtention du grade de M.A. en études classiques option Archéologie classique. 2017.
- BOARDMAN, John. **The Greeks Overseas**. Thames and Hudson Ltd. London, 4th edition, 1999.
- BOSKOVA, Anelia. L'importation des amphores sinopéennes dans les territoires de Thrace. In: TEZGÖR, Dominique Kassab (Ed.). **Sinope: The Results of Fifteen Years of Research**. Proceedings of the International Symposium 7-9 May 2009. Leiden-Boston: Brill, 2012, p. 429-440.
- BRANDÃO, J. S. **Dicionário Mítico-Etimológico**. Vol.II, Editora Vozes, 2000.
- BRANDÃO, J. S. **Dicionário Mítico-Etimológico**. Editora Vozes, Petrópolis, 2014.
- BRAUND, David. Myth and Ritual at Sinope: From Diogenes the Cynic to Sanape the Amazon. In: TEZGÖR, Dominique Kassab (Ed.). **Sinope: The Results of Fifteen**

- Years of Research. Proceedings of the International Symposium 7-9 May 2009. Leiden-Boston: Brill, 2012, p. 11-24.
- BRAUND, David. **Greek Religion and Cults in the Black Sea Region**. Cambridge University Press, 2018.
- BRITO, Ricardo Tieri & WERNER, Christian. Pítica 1 de Píndaro. In: **RÓNAI**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, vol.6, n.1, UFJF. Juiz De Fora, 2018, p. 129-140.
- BRYCE, T. R. A Reinterpretation of the Milawata Letter in the Light of the New Join Piece. In: **Anatolian Studies**, vol. 35, 1985, pp. 13–23. JSTOR, www.jstor.org/stable/3642868 (Accessed 6 Apr. 2021).
- CALLATAÿ, François de. **Histoire monétaire et financière du monde grec**. École pratique des hautes études. Section des sciences historiques et philologiques. Livret-Annuaire 18. 2002-2003. 2004, p. 115-118.
- CASEY, John. **Sinope**: A Catalogue of the Greek, Roman and Byzantine Coins in Sinop Museum (Turkey) and Related Historical and Numismatic Studies. Royal Numismatic Society. Special Publication n. 44. London, 2010.
- CACCAMO CALTABIANO, Maria. Immagini/parola, grammatica e sintassi de um lessico iconográfico monetale. In: ARSLAN, E.A. et al.: **La ‘parola’ dele immagini e dele forme di scrittura**. Messina, 1998.
- COJOCARU, Victor & RUBEL, Alexander (Ed.). **Mobility in Research on the Black Sea Region**. Mega Publishing House, Cluj-Napoca, 2016.
- COSTILLES, Alain Jean. **O que é numismática**. Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, no. 147, 1985.
- DAN, Anca. Les Leukosyriens: quelques notes d’ethnographie sinopéenne. In: TEZGÖR, Dominique Kassab (Ed.). **Sinope**: The Results of Fifteen Years of Research. Proceedings of the International Symposium 7-9 May 2009. Leiden-Boston: Brill, 2012, p.73-102.

- DÖNMEZ, Şevket. **Sinop Province During the Iron Age in the Light of New Research**. *Anatolia Antiqua* XV, 2007, p. 59-65.
- DOONAN, Owen P. Production in a Pontic landscape: the hinterland of Greek and Roman Sinope. In: FAUDOT, Murielle, FRAYSSE, Arlette, GENY, Evelyne (eds.). **Pont Euxin et commerce: la genèse de la "route de la soie"**. Actes du IXe Symposium de Vani (Colchide, 1999), Besançon, 2002, pp. 185-198.
- DOONAN, Owen P. **Sinop Landscape: Exploring Connection in a Black Sea Hinterland**. University of Pennsylvania Museum. Philadelphia, 2004.
- DOONAN, Owen P. Sinop Landscapes: Towards an Archaeology of Community in the Hinterland of a Black Sea Port. In: TEZGÖR, Dominique Kassab (Ed.). **Sinope: The Results of Fifteen Years of Research**. Proceedings of the International Symposium 7-9 May 2009. Leiden-Boston: Brill, 2012, p. 175-188.
- DOONAN, Owen P. Sinope, new understandings of the early colony based on recent research at Sinop Kale. In: MANOLEDAKIS, M. (Ed.). **The Black Sea in the light of new archaeological data and theoretical approaches**. Thessaloniki, 2016, p. 217-23.
- DOWDEN, Ken. **The Amazons: Development and Functions**. Rheinisches Museum Für Philologie, 1997.
- ERDEM, Zeynep Koçel. Terracotta production of the Black Sea coast of Turkey: the example of Sinope. In: TSETSKHLADZE, Gocha R.; AVRAM Alexandru & HARGRAVE, James (eds.). **The Greeks and Romans in the Black Sea and the Importance of the Pontic Region for the Graeco-Roman World (7th century BC-5th century AD): 20 Years On (1997-2017)**. Proceedings of the Sixth International Congress on Black Sea Antiquities (Constanta – 18-22 September 2017). Archaeopress Archaeology, 2021, p. 429-434.
- FAUDOT, Murielle, FRAYSSE, Arlette, GENY, Evelyne (Ed.). **Pont-Euxin et commerce: Actes du IXe**. Symposium de Vani (1999), Paris 2002, 15-21.
- FAULKNER-GENTRY, Ivy. Colonisation and foundation myth in the Pontic regions. In: TSETSKHLADZE, Gocha R.; AVRAM Alexandru & HARGRAVE, James

- (eds.). **The Greeks and Romans in the Black Sea and the Importance of the Pontic Region for the Graeco-Roman World (7th century BC-5th century AD): 20 Years On (1997-2017)**. Proceedings of the Sixth International Congress on Black Sea Antiquities (Constanta – 18-22 September 2017). Archaeopress Archaeology, 2021, p. 27-32.
- FLORENZANO, M. B. B. Measuring Valuables: Coinage in the Greek Polis. In: *Revue des Archéologues et Historiens d'Art de Louvain*. Louvain-la Neuve XXXII, 101-107, 1999.
- FLORENZANO, M. B. B. Notes on the Imagery of Dionysus on Greek Coins. In: *Revue Belge de Numismatique et de Sigillographie*, CXLV – 1999, p. 37-48.
- FLORENZANO, M. B. B. *Aes signatum bars, signa and coins: emblematic objects and apotropaim*. XII Internationaler Numismatischer Kongress, Berlin, 460-465, 2000.
- FLORENZANO, M. B. B. A Moeda na Grécia Arcaica e Clássica – séculos VII a IV a.C.: arqueologia e mudança cultural. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: 67-83, 2004.
- FLORENZANO, M. B. B. Coins and Cultural Contact: Adoption and Use of Metal Coins by Non-Greeks in Ancient Calabria (6th- 5th Centuries BC.). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 33. São Paulo-SP, 2019, p. 36–44.
- GKIKAKI, Mairi. Frauenfrisuren auf den griechischen Münzen. NNB – *Numismatisches NachrichtenBlatt*, número 58, dezembro de 2009.
- GORMAN, Vanessa B. *Miletos – The ornament of Ionia*. The University of Michigan Press, 2001, USA.
- GRAHAM, A.J. *Colony and Mother City in Ancient Greece*. Manchester University Press, UK, 1964.
- GRANDJEAN, Catherine. Une monnaie fiduciaire issue du monde colonial. In: GRANDJEAN, Catherine & Moustaka, Aliko (eds.). **Aux origines de la monnaie fiduciaire: Traditions métallurgiques et innovations**

- numismatiques.** Actes de l'atelier international des 16 et 17 novembre 2012 à Tours. Paris, 2012, p. 97-107.
- GREAVES, Alan M. **Miletos: a history.** Taylor & Francis Ltd, 2002.
- GREAVES, Alan M. The Cult of Aphrodite in Miletos and Its Colonies. **Anatolian Studies** 54, 2004, p. 27–33. doi:10.1017/S0066154600000545.
- GREAVES, Alan M. & FLETCHER, Alexandra. Transanatolia: Bridging the Gap between East and West in the Archaeology of Ancient Anatolia. British Institute at Ankara, **Anatolian Studies**, Vol. 57, 2007.
- GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário da Mitologia Grega.** Editora Cultrix, 1972.
- HALL, Jonathan M. **Hellenicity – Between Ethnicity and Culture.** Chicago and London: University of Chicago Press, 2002.
- HANSEN, Mogens Herman & NIELSEN, Thomas Heine. **An Inventory of Archaic and Classical Poleis.** Oxford University Press, New York, 2004.
- HEAD, Barclay V. **Historia Numorum: A Manual of Greek Numismatics.** Oxford at the Clarendon Press, 1911.
- HERDA, Alexander. **How to run a state cult: the organization of the cult of Apollo Delphinios in Miletos.** Current approaches to religion in ancient Greece, Papers presented at a symposium at the Swedish Institute at Athens, 2008. Stockholm, 2011, p.57-93.
- HERDA, Alexander. **Megara and Miletos: Colonising with Apollo. A Structural Comparison of Religious and Political Institutions in Two Archaic Greek Polis States.** Actes du colloque de Mangalia, 2012. Éditions de Boccard, Paris, 2016, p. 15-128.
- HERDA, Alexander. “Copy and Paste? Miletos Before and After the Persian Wars.” In: CAPET et al. (eds.), **Reconstruire les villes.** Modes, motifs et récits (Semitica et Classica, Supplementa 1), Turnhout, 2019, p. 91-120.

- HIND, J. G. F. Greek and Barbarian Peoples on the Shores of the Black Sea. **Archaeological Reports**, no. 30, The Society for the Promotion of Hellenic Studies, 1983, p. 71–97, <https://doi.org/10.2307/581032>.
- HIRATA, E. F. V. **O culto ao herói na Grécia Antiga: do discurso épico ao documento material**. 2003. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- HOWGEGO, Christopher. **Ancient History from Coins**. Routledge, London & New York, 1995.
- INAISHVILI, Nino & KHALVASHI, Merab. Sinopean Imports on the Black Sea Littoral of South-West Georgia. In: TEZGÖR, Dominique Kassab (Ed.). **Sinope: the results of fifteen years of research**. Proceedings of the International Symposium 7-9 May 2009. Leiden-Boston: Brill, 2012, p. 487-509.
- IVANTCHIK, Askold. Sinope et les Cimmériens. In: TEZGÖR, Dominique Kassab (Ed.). **Sinope: the results of fifteen years of research**. Proceedings of the International Symposium 7-9 May 2009. Leiden-Boston: Brill, 2012, pp. 65-72.
- JOHNSON, Peri A. **Landscapes of Archaemenid Paphlagonia**. Publicly Accessible Penn Dissertations. 273, 2010. <https://repository.upenn.edu/edissertations/273>
- JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 5ª ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969.
- KAGAN, Ute Wartenberg. **The Perception of Ancient Myths: Narratives and Representations**. In: STOYAS, Yannis, GEORGIU, Evangelia & DOUMAS, Alexandra (eds). *Words and Coins: from Ancient Greece to Byzantium*. MER Paper Kunsthalle, Belgium (2013), p. 53-63.
- KOVALENKO, Sergei A. Monetary Portraiture in the Northern Black Sea Littoral. **Memoranda Numismatica Atheniensa 2**, Benaki Museum – Kikpe, Athens, 2018.
- KRAAY, Colin M. **Archaic and classical Greek coins**. University of California Press; First Edition edition, 1976.

- KRAPIVINA, Valentina V. Ceramics from Sinope in Olbia Pontica. In: TEZGÖR, Dominique Kassab (Ed.). **Sinope: the results of fifteen years of research.** Proceedings of the International Symposium 7-9 May 2009. Leiden-Boston: Brill, 2012, p. 467-478.
- LAKY, Lilian de Angelo. As moedas de Olímpia e a consolidação da imagética de Zeus na Grécia Clássica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 18, p. 211-237, 2008.
- LAKY, Lilian de Angelo. **A apropriação e consolidação do culto de Zeus pela cidade grega: moedas e santuários, política e identidade em época arcaica e clássica.** Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.
- LARSON, Jennifer. **Greek Nymphs: Myth, Cult, Lore.** Oxford University Press, Oxford-New York, 2001.
- MALKIN, Irad. **A Small Greek World: networks in the ancient Mediterranean.** New York-NY, 2012.
- MANENTI, Angela M. Dee, Ninfe, donne: oggetti di ornamento nell'iconografia delle monete greche e in vari altri reperti del Museo Archeologico di Siracusa. In: CALTABIANO, M. C. (ed.) CARROCCIO, B.; CASTRIZIO, D.; PUGLISI, M. SALAMONE, G. (co-eds.) **XV International Numismatic Congress Taormina 2015 Proceedings.** Università Degli Studi di Messina, Dipartimento di Civiltà Antiche e Moderne, Cattedre di Numismatica Antica e Medievale, Roma-Messina, vol. I, 2015, p. 383-386.
- MANOLEDAKIS, Manolis. On the Cults of Sinope and the Founders of the City. In: PETROPOULOS, E. K. & MASLENNIKOV, A. A. (eds.). **Ancient Sacral Monuments in the Black Sea.** Publishing House, Kyriakidis Brothers s.a., Thessaloniki, 2010, p. 563-576.
- MANOLEDAKIS, Manolis. Greek colonies and the southern Black Sea hinterland: looking closer into a long, complex and multidimensional relationship. In: TSETSKHLADZE, G.; AVRAM, A. & HARGRAVE, J. (eds.). **The Danubian**

Lands: between the Black, Aegean and Adriatic Seas. Proceedings of the Fifth International Congress on Black Sea Antiquities (Belgrade – 17-21 September 2013). Archaeopress Publishing Ltd, Oxford, 2015, p. 81-89.

MANOLEDAKIS, Manolis. The Paphlagonians and the Greeks' perception of them. In: TSETSKHLADZE, Gocha R.; AVRAM Alexandru & HARGRAVE, James (eds.). **The Greeks and Romans in the Black Sea and the Importance of the Pontic Region for the Graeco-Roman World (7th century BC-5th century AD): 20 Years On (1997-2017).** Proceedings of the Sixth International Congress on Black Sea Antiquities (Constanta – 18-22 September 2017). Archaeopress Archaeology, 2021, p. 167- 178.

MARQUES, Mário G. **Introdução à Numismática.** Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1982.

MINNS, Ellis Howell. **Scythians and Greeks: A Survey of Ancient History and Archaeology on the North Coast of the Euxine from the Danube to the Caucasus.** Cambridge University Press, 2010.

MONACO, Viviana Lo. A Moeda como Instrumento Interpretativo em Arqueologia. In: PORTO, Vagner Carvalheiro (Ed.). **Arqueologia Hoje: Tendências e Debates.** 2019, p. 749–63. doi:10.11606/9788560984633.

PAPAEVANGELOU-GENAKOS, C. The depictions of jewellery on coins. In: LIAMPI, PAPAEVANGELOU-GENAKOS & PLANTZOS (eds.). **Coinage/Jewellery: Uses – Interactions- Symbolisms from antiquity to the presente.** International Conference Proceedings, Society for the Study of Numismatics and Economic History. Athens, 2017, p. 79-102.

PAUNOV, Evgeni I. The Tetradrachm Coinage of Apollonia Pontica: Iconography, Issues and Magistrates. In: BOTEVA, Diliyana (ed.). **Ex nummis lux.** Studies in ancient numismatics in honour of Professor Dimitar Draganov. Bobokov Bros. Foundation. Sofia – Bulgária, 2017, p. 59–87.

PAVŪK, Peter. Between the Aegean and the Hittites: The Western Anatolia in Second Millennium. In: STAMPOLIDIS, N., MANER, Ç. & KOPANIAS, K. (eds.):

- NOSTOI. **Indigenous Culture, Migration and Integration in the Aegean Islands and Western Anatolia during the Late Bronze and Early Iron Age.** Istanbul 2015, p. 81–114.
- PETROPOULOS, Elias K. Ancient Greek Colonization and Modern Scholarship: Colonial Endeavours in the Black Sea Region. **Greek Colonization: New Data, Current Approaches**, Proceedings of the Scientific Meeting held in Thessaloniki, Athens, 2015.
- PICARDI, Oliver. **L’empreinte de la polis sur la monnaie.** Colloque Hommage à Jacqueline de Romilly: l’empreinte de son œuvre, organisé par l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres et l’École normale supérieure, avec la participation de l’Université de Paris-Sorbonne. Paris, p. 23-37.
https://www.academia.edu/8297824/Lempreinte_de_la_polis_sur_la_monnaie
- ROBINSON, E. S. G. A Find of Coins of Sinope. **The Numismatic Chronicle and Journal of the Royal Numismatic Society**, vol. 20, 1920, p. 1–16, JSTOR, www.jstor.org/stable/42663783.
- ROBINSON, David M. Ancient Sinope – First Part. **The American Journal of Philology**, 1906, Vol. 27, No. 2 (1906), pp. 125-153. The Johns Hopkins University. <https://www.jstor.org/stable/pdf/288823.pdf>.
- ROBINSON, David M. Ancient Sinope – Second Part. **The American Journal of Philology**, 1906, Vol. 27, No. 3 (1906), pp. 245-279. The Johns Hopkins University. <https://www.jstor.org/stable/pdf/288591.pdf>.
- RUBINSTEIN, Lene. **Ionia. In:** HANSEN, Mogens Herman & NIELSEN, Thomas Heine. **An Inventory of Archaic and Classical Poleis.** Oxford University Press, New York, 2004, p.1053-1107.
- RUTTER, Neville Keith. Os gregos da Sicília – a Numismática e a História. **Revista do Museu Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 21, p. 345-356, 2011.
- RUTTER, Neville Keith. Coin Types and Identity: Greek cities in Sicily. In: SMITH, C. & SERRATI, J. (eds.). **Sicily from Aeneas to Augustus: New approaches in**

Archaeology and History. Edinburgh University Press Ltd., Edinburgh, p. 73-83, 2000.

SALAMONE, G. La 'testa femminile' sulle monete greche: funzione giuridica e identità della polis. CALTABIANO, M. C. (ed.) CARROCCIO, B.; CASTRIZIO, D.; PUGLISI, M. SALAMONE, G. (co-eds.) **XV International Numismatic Congress Taormina 2015 Proceedings**. Università Degli Studi di Messina, Dipartimento di Civiltà Antiche e Moderne, Cattedre di Numismatica Antica e Medievale, Roma-Messina, vol. I, 2015, p. 410-415.

SEKUNDA, Nicholas Victor. **Some Notes on the Life of Datames**. Iran, British Institute of Persian Studies, vol. 26, 1988, p. 35-53. <https://doi.org/10.2307/4299799>.

STEIN, Gil. Introduction: The Comparative Archaeology of Colonial Encounters. In: STEIN, Gil (ed.). **The Archaeology of Colonial Encounters**. School of American Research Press, Santa Fe, 2005, p.3-31.

STOLBA Vladimir F & HANNESTAD, Lise (Ed.). **Chronologies of the Black Sea Area in the Period C. 400-100 BC**. Aarhus University Press, 2005.

STOYANOV, Totko. Sinope as a Trading and Cultural Agent in Thrace during the Classical and Early Hellenistic Periods. In: TEZGÖR, Dominique Kassab (Ed.). **Sinope: the results of fifteen years of research**. Proceedings of the International Symposium 7-9 May 2009. Leiden-Boston: Brill, 2012, pp. 405-428.

STOYANOV, Totko. **'The northern and eastern Black Sea littorals in the sixth-first centuries BC'**. *Arkheologiya* 2, p. 86-97, 1990.

STOYANOVA, Daniela. The Importation of Roof Tiles from Sinope and Heraklea Pontica to the Western Black Sea Area. In: TEZGÖR, Dominique Kassab (Ed.). **Sinope: the results of fifteen years of research**. Proceedings of the International Symposium 7-9 May 2009. Leiden-Boston: Brill, 2012, p. 441-466.

TEZGÖR, Dominique Kassab (Ed.). **Sinope: The Results of Fifteen Years of Research**. Proceedings of the International Symposium 7-9 May 2009. Leiden-Boston: Brill, 2012.

- TORR, Cecil. **Ancient Ships**. Cambridge University Press, 1894.
- TSETSKHLADZE, Gocha R. (Ed.). **The Greek Colonisation of the Black Sea Area: Historical Interpretation of Archaeology**. Franz Steiner Verlag, Stuttgart, 1998.
- TSETSKHLADZE, Gocha R. (Ed.). **Greek Colonisation: An Account of Greek Colonies and Other Settlements Overseas**. Volume I. Brill, Leiden & Boston, 2006.
- TSETSKHLADZE, Gocha R. (Ed.). **Greek Colonisation: An Account of Greek Colonies and Other Settlements Overseas**. Volume II. Brill, Leiden & Boston, 2008.
- TSETSKHLADZE, Gocha R. On the numismatics of Colchis: the classical archaeologist's perspective. **Dialogues d'histoire ancienne**, vol. 19, n°1, 1993. p. 233-256.
- USTINOVA, Yulia. **Apollo Iatros: A Greek God of Pontic Origin**. Die Griechen und ihre Nachbarn am Nordrand des Schwarzen Meeres. Beiträge des Internationalen archäologischen Kolloquiums Münster. 2001. Ugarit-Verlag, Münster, 2009, p. 245-298.
- VALÉRY, Paul. **Le cimetière marin**. Œuvres de Paul Valéry, Éditions du Sagittaire, 1933, O.C. 3, p. 157-163.
- VASILEVA, Maya. Greek Ideas of the North and the East: Mastering the Black Sea Area. In: TSETSKHLADZE, Gocha R. **The Greek Colonization of the Black Sea Area**. Franz Steiner Verlag Stuttgart, 1998, p. 69-78.
- VASILEVA, Maya. Further Considerations on the Cult of Kybele. In: **Anatolian Studies**. Journal of the British Institute of Archaeology at Ankara, vol. 54, 2001, p. 51-63.
- VASILEVA, Maya. Phrygia, Troy and Thrace. In: ÇILINGIROGLU, A. and DARBYSHIRE, G. (eds.). **ANATOLIAN IRON AGES 5**. Proceedings of the

Fifth Anatolian Iron Ages Colloquium held at Van, 6-10 August 2001. British Institute of Archaeology at Ankara, 2005, p. 227-234.

VASILEVA, Maya. Phrygia: Between East and West. In: TSETSKHLADZE, Gocha R. (ed.). **Colloquia Antiqua 24 - Phrygia in Antiquity: From the Bronze Age to the Byzantine Period**. Proceedings of an International Conference 'The Phrygian Lands over Time: From Prehistory to the Middle of the 1st Millennium AD'. Held at Anadolu University, Eskişehir, Turkey, 2nd–8th November, 2015. Peeters, Leuven – Paris – Bristol, 2019, p. 25-38.

VASILEVA, Maya. Chapter 31 - Phrygia and the Near East. In: KIM, Ronald I.; MYNÁŘOVÁ, Jana & PAVÚK, Peter (eds.). **Hrozný and Hittite The First Hundred Years**. Proceedings of the International Conference Held at Charles University, Prague, 11–14 November, 2015. Brill, Boston/Leiden, 2020, p. 571-582.

VERNANT, Jean-Pierre. **O Homem Grego**. FIGUEIREDO, Maria J. V. (trad.). Editora Presença, 1994.

VERNANT, Jean-Pierre & MELO, Joana Angélica D'Ávila (trad.). **Mito e Religião na Grécia Antiga**. WMF Martins Fontes, São Paulo. Segunda edição, 2012.

VLACHOHANNI, Elena. The Art of Hairstyling: Hairstyles in the Greco-Roman World and Their Semiology. In: LAGOIANNI-GEORGAKARAKOS, M. (ed.). **The Countless Aspects of BEAUTY in Ancient Art**. Exhibition Catalogue, Athens, National Archaeological Museum. Athens, 2018, p. 303-316.

VOVOURA, Despoina. Women warriors(?) and the Amazon myth: the evidence of female burials with weapons in the Black Sea area. In: TSETSKHLADZE, Gocha R.; AVRAM Alexandru & HARGRAVE, James (eds.). **The Greeks and Romans in the Black Sea and the Importance of the Pontic Region for the Graeco-Roman World (7th century BC-5th century AD): 20 Years On (1997-2017)**. Proceedings of the Sixth International Congress on Black Sea Antiquities (Constanta – 18-22 September 2017). Archaeopress Archaeology, 2021, p. 118-128.

WROTH, W. **A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum: Pontus, Paphlagonia, Bithynia, and the Kingdom of Bosphorus.** Bologna, Arnaldo Forni ed., 1963.

SITES

<http://www.limc-france.fr/>

<http://turkisharchaeonews.net/site/miletus>

<https://www.sinopexcavations.org/>

http://www.fhw.gr/choros/miletus/en/ikonomia801.php?menu_id=8&submenu_id=801

<https://rjohara.net/coins/history/>

<http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Herodotus/home.html>

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0198%3Abook%3D11%3Achapter%3D8%3Asection%3D4>

<https://www.theoi.com/Text/DiodorusSiculus4D.html>

<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/248496>

<https://www.dicio.com.br/ninfa/>

<https://www.dicionarioetimologico.com.br/busca/?q=ninfa>

http://www.aeneastacticus.net/public_html/x_40.htm

<https://www.hittitemonuments.com/alacahoyuk/>

<https://archive.org/details/xvinternationaln00inte/page/n9/mode/2up>

<https://www.forumancientcoins.com/numiswiki/view.asp?key=aphlaston>

CATÁLOGOS ONLINE

<http://numismatics.org/search/>

<http://www.sylloge-nummorum-graecorum.org/>

<https://asiaminorcoins.com/faq.html>

<http://www.wildwinds.com/coins/greece/paphlagonia/sinope/t.html>

<https://www.coinarchives.com/a/results.php?results=100&search=miletos>

<http://www.hellenicaworld.com/Greece/Geo/en/Sinope.html>

CAPA

Dracma de Sínope. Retirada da plataforma *Coin Archives* para melhor resolução.

https://www.coinarchives.com/16c11a4d0deb68707469b81daaf40745/img/leu_winterthur/e19/image00964.jpg (Acesso 05/05/22)